



7.352 associados participaram da eleição para escolha dos novos representantes

## REPRESENTANTES

Os 103 novos representantes da Cotrijuí foram eleitos com a participação de 52 por cento dos associados aptos a votar

# OS NOVOS ELEITOS

Páginas 5, 6 e 7

## LEITE

*Produtores querem pagamento em 30 dias*

Última página

## COTRIJUÍ

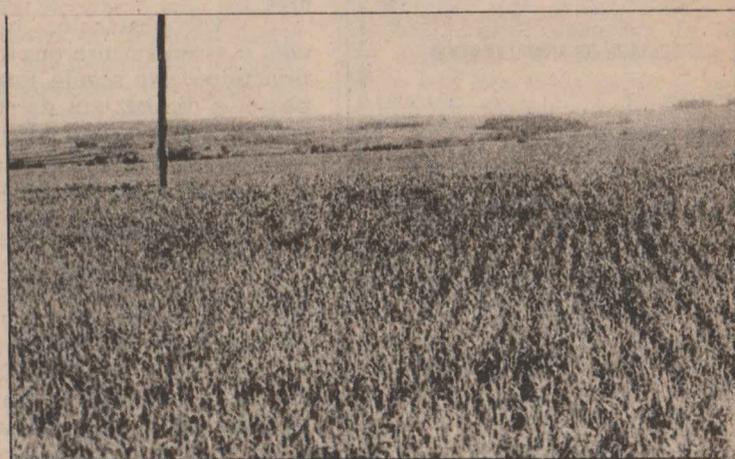
*Plano de investimento para cinco anos*

Página 4

## CONSERVAÇÃO DO SOLO

*Plantio Direto se decide no inverno*

Páginas centrais



A lavoura já está pronta, mas os problemas continuam

## TRIGO

*Problemas de sempre*

- falta de recursos
- preço ruim
- importações

Página 8

## COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199  
CGC ICM 065/0007700  
Insc. INCRA nº 248/73  
CGC.MF 90.726.506/0001-75

### ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

#### Presidente:

Oswaldo Olmiro Meotti

#### Vice-presidente/Pioneira:

Celso Bolivar Sperotto

#### Superintendente/Pioneira:

Walter Frantz

#### Vice-presidente/Dom Pedrito:

Oscar Vicente Silva

#### Superintendente/Dom Pedrito:

Eduardo Augusto Pereira de Menezes

#### Vice-presidente/MS:

Nedy Rodrigues Borges

#### Superintendente/MS:

Lotário Beckert

### Conselho de Administração (Efetivos):

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

### Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

### Conselho Fiscal (Efetivos):

Amário Becker, José Dalvíz R. Marchese e Ivo Vicente Basso

### Suplentes:

Ervino Egon Preissler, Rogério Gilberto Zart e Arthêmio Agostini

### Diretores contratados:

Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Goi.

### LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

### CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

## COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado  
da ABERJE

### REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

### REVISOR

Sérgio Corrêa

### CORRESPONDENTES

Campo Grande: Rosane Henn  
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e  
impresso no Jornal do Comércio,  
em Porto Alegre.

## AO LEITOR

**É** agora quando as culturas de inverno estão em fase de desenvolvimento, que o produtor já em dia com todas as práticas de manejo adequado e com a fertilidade e acidez corrigidas, pode planejar a sua lavoura ou parte dela em plantio direto. Além de se preparar para ganhar em tempo e serviço na primeira safra, ele tem assegurado caso continue a utilizar o sistema nas safras seguintes, um aumento da produtividade e um eficiente sistema de controle da erosão. As recomendações para adoção do sistema e as experiências da região estão nas páginas centrais.

**A** Cotrijuí realizou mais uma eleição para escolha de seus novos representantes. Esta foi a quinta, desde que a Estrutura do Poder passou a fazer parte da vida da Cotrijuí e a segunda oficializada pelo Estatuto. Em 10 anos de Estrutura do Poder, o sistema avançou e a própria eleição se organizou. Já vai longe o tempo em que um número grande de associados

ganhava voto, nem que fosse do compadre, de algum amigo ou vizinho agradecido. Hoje, cada comunidade, sem querer tirar o caráter democrático do sistema e o direito de votar em quem bem entender, já que oficialmente todos são candidatos, se reúne, discute o assunto e, numa prévia, escolhe quem melhor pode representar o núcleo na cooperativa. O nome do candidato é trabalhado, como se fosse numa eleição normal, para escolha de prefeito, vereador, ou qualquer outro cargo eletivo. E o associado vai para a eleição preparado, sabendo em quem vai votar. Um exemplo típico dessa organização: em Ijuí, onde votaram mais de 1.700 associados, nem 100 chegaram a receber votos. Em anos anteriores era diferente, os votos se pulverizavam. Em Chiapetta, outra unidade da Cotrijuí na Pioneira, ao lado de cada urna, foi fixado um cartaz com os nomes dos candidatos escolhidos por algumas das comunidades. A eleição para escolha dos novos representantes e os números da mesma, por Regional, estão nas páginas 5, 6 e 7.

## DO LEITOR

# O cooperativismo agrícola em Israel

Márcio Portocarrero

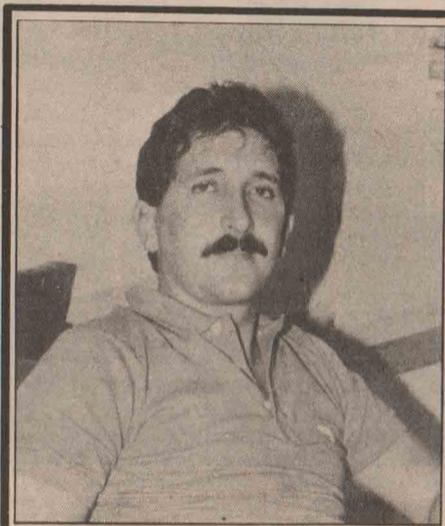
Em Israel se desenvolve um movimento cooperativo agropecuário onde se conjugam a filosofia, e os ideais dos grupos com os meios e condições existentes. Hoje se observa a presença do cooperativismo em todos os níveis da atividade agropecuária, partindo da produção primária, passando pela industrialização e dando grande apoio na comercialização de todos os produtos oriundos da atividade, tendo, portanto, papel decisivo na determinação da política agrícola do governo para o setor.

Os elementos básicos da produção agrícola - terra e água - são de propriedade nacional e destinados ao agricultor, conforme critérios nacionais para seu usufruto. Dentro deste princípio, o governo lhes garante financiamento com fundos nacionais, enquanto que o sistema cooperativista vai lhes assegurar a comercialização e o abastecimento.

O que caracteriza o movimento cooperativo em Israel são as formas originais de aplicar os princípios de produção e consumo. Foram baseados nestes princípios que nasceram o kibutz e o moshav, em todas as suas formas.

Os obstáculos que surgiram com o assentamento dos imigrantes no princípio deste século foram enormes, porém a diretriz era desenvolver uma economia agrícola moderna orientada com base em novos sistemas de vida. As condições imperantes no país eram primitivas em seus métodos e recursos, e se detectou a necessidade de um novo tipo de estrutura econômica e financeira e, assim surge e se desenvolve o kibutz - assentamento comunitário de produção. Os assentamentos possuem uma área que varia de 40 a 400 hectares, de acordo com a proximidade de grandes centros, capacidade do solo e água, onde vivem em torno de 300 famílias.

O kibutz é uma sociedade de caráter voluntário, com uma forma de vida coletiva baseada na produção, no trabalho, nos bens e no consumo comunitário. O princípio básico é que cada membro recebe de acordo com as suas necessidades e dedica seu esforço e trabalho de acordo com suas possibilidades e segundo sua capacidade. O próprio kibutz é quem se encarrega da alimentação, moradia e saúde de todos os seus membros, garantindo a educação dos seus filhos e o ingresso dos jovens na universidade, desde que o curso escolhido seja do interesse da coletividade. O planejamento e desenvolvimento da produção dentro do kibutz é realizado com plena autonomia pelo



"O que caracteriza o movimento cooperativo em Israel são as formas originais de aplicar os princípios de produção de consumo"

Conselho Comunitário, porém obedecendo uma diretriz traçada pelo plano agrícola nacional, orientada pelo sistema cooperativo. Suas atividades dependem da capacidade de trabalho, da mão-de-obra disponível, do capital existente e das condições do solo onde o kibutz está localizado.

Hoje, na intenção de oferecer trabalho aos membros mais idosos e aos mais jovens, os kibutz estão criando agroindústrias, que lhes permitem também, aumentar seus ingressos de capital e melhorar as condições de vida da comunidade.

Detecta-se, no entanto, uma crise de valores no sistema comunitário kibutz, onde os próprios membros questionam muito o fato de todos trabalhadores, alguns produzirem mais que outros, mas todos receberem os mesmos benefícios. Na medida em que as dificuldades naturais foram sendo vencidas - solo, clima, água, entre outros -, os seus membros deixam de considerar como vantagem a educação garantida dos filhos, a segurança e o padrão cultural e, anseiam por ter uma remuneração individual, condizente com o seu trabalho e a sua capacidade de produção. Esse anseio de alguns dos membros do kibutz, contribuiu para a criação de um outro modelo de assentamento cooperativo, denominado moshav.

O moshav se caracteriza por se apresentar como um assentamento agrícola cooperativo de serviços múltiplos. A evolução da situação sócio-econômica do país e o sucesso obtido com as novas tecnologias de dessecação de pântanos e irrigação, permitiu

criar uma nova forma de estrutura cooperativa baseada na produção individual. Vinte anos depois da criação do primeiro kibutz em Israel, um grupo de pessoas imbuídas por princípios cooperativos que desejavam conservar a integridade social, porém manter a liberdade privada, estabeleceu o primeiro moshav.

O moshav constituiu-se numa cooperativa integral de produção individual e de serviços cooperativos em todos os campos. O agricultor recebe uma parcela dividida da seguinte maneira: um ou dois hectares contíguos à sua casa, para cultivar hortaliças, estabulos e galinheiros, e dois lotes adicionais de dois hectares cada um, em locais diferentes, para os cultivos de campo e forragens para o gado. Mas a área, no total, nunca deve ultrapassar a seis hectares.

O agricultor realiza, com seu próprio esforço e ajuda da família, todas as atividades ligadas com a produção agropecuária da sua propriedade. A cooperativa lhe fornece todos os serviços necessários para a produção: abastecimento de insumos e implementos de trabalho, produtos de consumo, máquina e oficinas de reparos para seus equipamentos, assistência técnica e crédito, abastecimento de água, serviços municipais, educativos, culturais, com base num orçamento e coberto por impostos diretos cobrados dos membros, contabilidade financeira e para completar o círculo, a comercialização da totalidade de seus produtos.

A cooperativa planeja e estabelece os serviços conforme as necessidades práticas. O moshav, além de ser uma cooperativa agrícola, é uma unidade municipal e a sua autoridade máxima é a assembléia geral, constituída por todos os seus sócios. Esta fixa a política e objetivos gerais da cooperativa, elege os conselhos de administração e vigilância, aprova os balanços e investimentos.

Com o propósito de defender os interesses dos agricultores, a fim de obter melhores preços para os seus produtos e adquirir insumos e equipamentos de trabalho de preço rentável, foram criadas pelos assentamentos agrícolas, as organizações cooperativas correspondentes. As mesmas, por sua vez, criaram empresas subsidiárias.

- Organizações regionais de Compras
- Cooperativa Central de Abastecimento
- Cooperativa Central de Comercialização
- Cooperativa de Auditoria

Márcio Portocarrero é agrônomo e gerente de Insumos da Cotrijuí, Regional de Mato Grosso.

## Cotrijornal: 16 anos

O ano de 1973 foi, talvez, o mais importante na vida da Cotrijornal, desde sua fundação em 1957. A 20 de julho, ao completar 16 anos, já somava uma capacidade de armazenagem instalada, em Ijuí e na região, de 465.800 toneladas; cobria uma área de 16 municípios na zona da produção e em Rio Grande operava desde outubro do ano anterior, o Terminal Graneleiro, o maior da América do Sul até então.

Naquele ano a Cotrijornal recebeu quase 3 milhões de sacas de soja entregues por seus 8.000 associados e exportou, através do Terminal, mais de 700 mil toneladas de grãos. Foi o ano de estréia da Cotrijornal em feiras internacionais, ao participar da Brasil-Export 73, em Bruxelas, na Bélgica. A presença da Cotrijornal, a convite do Itamarati, deu-se com um modelo miniaturizado do Terminal, levado pelo então presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.

O crescimento da cooperativa era uma bela realidade. Os investimentos davam-se para melhorar a infra-estrutura básica e no melhoramento dos índices de seus quadros humanos, em todos os níveis profissionais. Foi, também, o ano de lançamento do "Cotrijornal", que acaba de completar 16 anos.

Ele tem sido, desde então, o porta-voz da diretoria e dos associados. Testemunha da história e repositório dos acontecimentos principais que marca a vida da Cotrijornal em seu cotidiano de trabalho na senda do progresso buscado por seus quase 20 mil associados. (Raul Quevedo).



## Amigos da terra preparam 7º ENCAT

Representantes dos Clubes Amigos da Terra dos municípios de Passo Fundo, Erechim, Carazinho, Santo Ângelo, Palmeira das Missões, Santa Rosa, Bossoroca, Cruz Alta, Pejuçara, São Luiz Gonzaga, Ajuricaba, Santo Augusto, Giruá, Teutônia e Entre-Ijuís estiveram reunidos em Ijuí, no Hotel Balneário Fonte Ijuí discutindo a realização do 7º Encat — Encontro dos Clubes Amigos da Terra — que acontece no dia 15 de setembro, em Passo Fundo. A data e o promotor do evento, o CAT de Passo Fundo, foram definidos em reunião realizada no dia 28 de julho, em Ijuí, no Hotel Balneário Fonte Ijuí. A reunião, coordenada pelo pesquisador Rainholdo Kocchmann da Área de Manejo de Solos do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo de Passo Fundo, tratou de questões preliminares relacionadas com a realização do 7º Encat, mas não chegou a definir sua programação, assunto para um próximo encontro.

Depois de ouvirem os dois palestrantes do dia, a Noemi Huth, técnica em Educação vinculada à Assessoria de Recursos Humanos da Cotrijornal na Regional Pioneira e o agrônomo da Emater de Alecrim, Ivar José Kreutz falar sobre Cooperativismo e Associativismo, os Amigos da Terra discutiram estratégias para melhor divulgar os trabalhos dos Clubes. Eles também pretendem incentivar a criação de novos Clubes em municípios onde ainda não existe um trabalho organizado. Os CATs são formados por agricultores que adotam sistemas de conservação de solo em suas propriedades, como cultivo mínimo e plantio direto, por exemplo.

guntas, os integrantes do Coral visitaram o escritório da Cotrijornal, onde apresentaram os funcionários e associados com belas canções, destacando-se, entre outras Am Brunnen vor den Tohre e Mussi Demm.

O Coral Schubert veio até Ijuí atendendo convite do Centro Cultural 25 de Julho. Além da Cotrijornal, o Coral, que se fazia assessorar pelo diretor artístico do Centro Cultural de Ijuí, Manfredo Reinke, ainda visitou a Unijuí e a Fábrica de Balas Soberana. A visita ao município de Ijuí encerrou com uma apresentação na Sogi.

## CURTAS

Controle financeiro e tributação na propriedade rural, melhoramento de campo nativo através do plantio direto de forrageiras, rotação de culturas e uso de herbicidas, custos e produtividade no plantio direto e no plantio convencional foram alguns dos assuntos discutidos no 1º Simpósio de Produtividade Agropecuária, realizado de 10 a 12, em Porto Alegre. Entre os painelistas participaram técnicos como Lawrence Lenzon, Ugues Cherubini e os produtores Fernando Craidy e Pedro Graidanus. A promoção foi das Associações de Produtores de Leite B e dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul, com apoio da Cotrijornal, Irfa e Yakult.

O mês de julho trouxe mais um recorde nada animador para o brasileiro: a inflação mensal medida pelo Índice de Preços ao Consumidor, IPC, registrou 28,76 por cento, o terceiro maior índice inflacionário da história. Antes dessa veio a de dezembro de 88 com 28,79 por cento, que somente perdeu para a campeã de janeiro deste ano, com 70,28 por cento. Com este terceiro salto inflacionário, o custo de vida em 89 foi parar em 254,89 por cento e elevou o acumulado nos últimos 12 meses para 1.004,55 por cento.

Mas além dos números exorbitantes do custo de vida há ainda outros sinais que registram a exuberância inflacionária como é o caso da homologação do lançamento da nota de 200 cruzados, dois meses após a nota de 100 cruzados ter entrado em circulação. Com circulação prevista pelo Conselho Monetário Nacional para novembro, a nota, como já afirmam alguns funcionários do órgão já traz a expectativa de lançamento da nota de 500, em futuro bem próximo.

A Festa Nacional das Culturas Diversificadas—Fenadi, que se realiza conjuntamente com a Expo-Ijuí, tem confirmado como coordenador da sua 4ª edição, em outubro do próximo ano, o ex-presidente da Cotrijornal, Ruben Ilgenfritz da Silva. Ao contrário de outros anos, esta festa será bem mais ampla do que as anteriores, já que o município também estará comemorando os seus 100 anos de fundação.

## Amigos do porto de Rio Grande

Foi criada a Associação dos Amigos do Porto de Rio Grande. A nova entidade, que tem o objetivo de colaborar para o desenvolvimento e expansão do porto marítimo gaúcho, assim como a modernização de toda a administração portuária, vai preencher uma lacuna que se fazia sentir há tempos, significando antiga aspiração das autoridades e lideranças portuárias locais.

O prefeito municipal rio-grandino, Paulo Fernando Vidal, vai mais adiante. Ele afirmou logo após a solenidade de inauguração da entidade, no dia 20 que passou, "que a associação irá reforçar a luta que o município vem travando no sentido de transferir a sede do Departamento de Portos, Rio e Canais para a cidade marítima, o que se refletirá no maior desenvolvimento sócio-econômico da Zona Sul do Estado.

Assinaram a ata de fundação da associação, o presidente da Câmara de Vereadores e o prefeito de Rio Grande, Paulo Vidal; diretores da Câmara de Comércio, presidente do Centro das Indústrias, delegado do Centro Nacional de Navegação, Sindicato dos Estivadores, Sindicato das Agências de Navegação Marítima, Centro de Navegação Rio-Grandense, Associação das Entidades Estivadoras, Departamento dos Jovens Empresários, Conselho Especial de Usuários do Porto e o administrador do Porto.



O Coral Schubert: apresentação surpresa para os funcionários e associados

## A surpresa do Coral Schubert

Associados e funcionários da Cotrijornal de Ijuí receberam, no final de julho, um presente inesperado que nada tinha a ver com salários ou com os preços da soja: a visita do Coral Schubert da cidade de Rastatt, na Alemanha. Composto por 31 integrantes, o Coral Schubert assistiu ao vídeo da Cotrijornal e conversou com o superintendente da cooperativa na região, Walter Frantz e com a analista de Treinamento, Lúcia Egewarth. Depois das per-

## Lei dos agrotóxicos

A Lei nº 7.002, dita dos agrotóxicos, em vigor desde o dia 12 do mês de julho, estabelece, entre outras decisões legais, que as pessoas físicas e jurídicas que sejam prestadoras de serviços na aplicação de agrotóxicos, seus componentes e afins, ou os que produzam, importem, exportem ou comercializem, ficam obrigadas a promover os seus registros nos órgãos competentes do Estado ou do Município. Essa imposição da Lei — segundo o Diário Oficial da União de 12 de julho, será fiscalizada pelas autoridades federais da saúde.

Em parágrafo único do artigo 4º, a Lei determina que são prestadoras desse tipo de serviço as pessoas físicas ou jurídicas que executam trabalhos de prevenção, destruição e controle de seres vivos, considerados nocivos, aplicando agrotóxicos e afins.

## Uma superbatata

Batatas gigantes, como espécie, não existem, mas de vez em quando, o acaso produzido por um desvio fisiológico produz alguns feitos no mínimo registráveis, principalmente quando isto acontece pela primeira vez. Este é o caso de uma batata doce, de aproximadamente nove quilos, colhida pelo produtor Armando Schiltte, 82 anos e proprietário de 26 hectares no distrito de Floresta, em Ijuí. Como seu Armando, também o genro Edir Carlos Purschke nunca tinha visto uma raiz daquele tamanho. Para explicar esta proeza da planta também fica difícil, já que, como diz o genro do seu Armando, a lavourinha de batata não teve cuidados especiais. "Ele apenas plan-



Edir: a batata de nove quilos

tou uma carreira de batata para o gasto, em cima de um terraço, construído onde antes tinha cana velha", conta Edir, lembrando, no entanto, que não faltou chuva para a plantação. O recorde do seu Armando, contudo, não chega a ser de oito quilos (quantidade superior ao peso normal de uma batata), mas sim de seis quilos, já que ele vem colhendo, todos os anos, batata com dois ou três quilos.

# Plano para cinco anos

O plano de investimento prevê duplicação da capacidade industrial do Irfa, construção de um abatedouro de aves e suínos em Ijuí, ampliação do frigorífico de Dom Pedrito, implantação de uma indústria de óleo de milho e abatedouro de frangos no MS

"A Cotrijuí vai tirar da gaveta em 1990, um plano de investimentos para a aplicação, durante cinco anos, no valor de 20 milhões de dólares. O plano prevê duplicação da capacidade industrial do Laboratório de Produtos Veterinários (IRFA), localizado no bairro do Lami, em Porto Alegre, instalação de uma indústria para aproveitamento de mandioca e um abatedouro de suínos e aves, ambos em Ijuí; ampliação e modernização da planta industrial do frigorífico de Dom Pedrito — adequando-o às exigências do mercado internacional de carnes — além da implantação de um complexo industrial para aproveitamento do milho e um abatedouro de frangos, na cidade de Maracaju, no estado do Mato Grosso do Sul".

São palavras do presidente Oswaldo Olmiro Meotti, ao fazer uma breve análise do futuro próximo da Cotrijuí. O presidente ressaltou que ainda que o plano esteja sendo mantido em compasso de espera, até que venham a ser conhecidas as diretrizes da política econômica do futuro governo, sua existência já é um sinal de que a Cotrijuí conseguiu dar a volta por cima, contornando a situação finan-

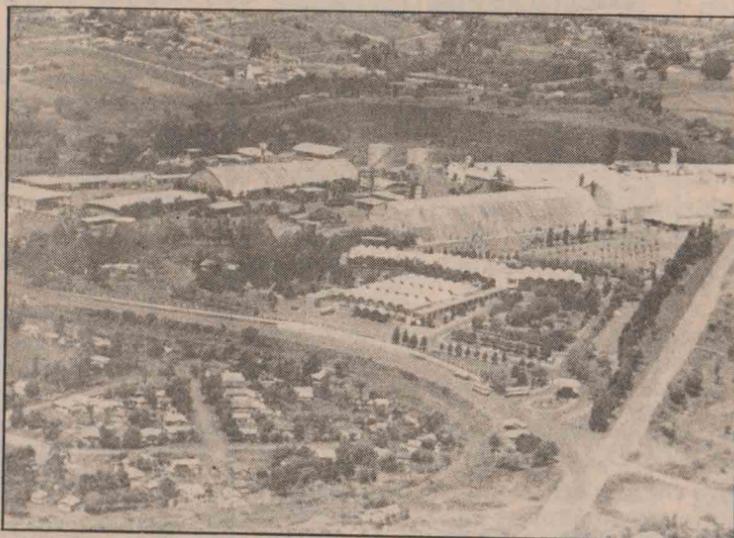
ceira em que se debateu, a partir do início da década.

Sobre o endividamento da cooperativa, que chegou a estar em 85 por cento de seu patrimônio em 1979, essa relação está hoje em cerca de 15 por cento. Isso nos permite dizer — o que já temos repetido em outras oportunidades — destacou Meotti, que saímos da UTI da dívida. E tudo faz crer que para lá a cooperativa jamais voltará, sentenciou.

## NOSSA META É VERTICALIZAR

Desde o ano passado a cooperativa já voltou a investir, com recursos próprios. Só em armazéns, construção de novas moegas e recuperação de máquinas e implementos, a Cotrijuí aplicou 1,2 milhão de OTNs, nas três Regionais e no Terminal Graneleiro, em Rio Grande. Na soma total, foi mais de trinta frentes de trabalho.

Acreditamos que, pelo menos a médio prazo, a Cotrijuí já alcançou o máximo em termos de crescimento e expansão horizontal, disse Meotti. Nossa meta, a partir de agora, vem sendo no sentido de verticalizar o crescimento. Como disse no início, pelo plano revelado, vamos entrar na década da verticali-



Cotrijuí: saindo do sufoco e planejando o futuro

zação.

A expansão geográfica da cooperativa teve sua razão de ser, na época em que os fatos aconteceram. Os tempos eram outros, bem mais favoráveis em termos de disponibilidade de crédito. Além disso, havia uma política de estímulos, até por força de circunstâncias políticas e conjunturais. Hoje, porém, achamos que precisamos crescer para cima, consolidar todo esse patrimônio econômico, e até social e cultural, que é a Cotrijuí.

## ESTRUTURA DE PODER

A horizontalização da cooperativa em vasta área de ação, levou à democratização da estrutura administrativa, com uma maior autonomia das Regionais. Foi o que chamamos de "estrutura do poder". Isso tem proporcionado à administração, no seu conjunto, "ver à distância". As administrações regionais autônomas, através das vice-presidências e superintendências eleitas por voto direto, tem ensejado a participação dos



Meotti: planos para 1990

associados nos destinos da cooperativa. As decisões passaram a ser tomadas em moldes mais democráticos. Foi estabelecido um elo de ligação mais estreito entre a diretoria executiva, os vários segmentos diretivos e o quadro social, que já alcançou 20 mil economias familiares.

Oswaldo Meotti considera da maior importância esse sistema administrativo democratizado, pois diz que a cooperativa cresceu na participação física e econômica dos associados. E a isso, acredita, em grande parte, a recuperação econômica da Cotrijuí, e aposta em seu futuro.

## GIRASSOL

### Cultura à espera de incentivos

Definição de uma política de beneficiamento e comercialização do girassol por parte da indústria além de um maior envolvimento da pesquisa oficial com a cultura. Estas as exigências feitas por pesquisadores de instituições públicas e privadas de cinco estados brasileiros — Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul — que estiveram presentes na 7ª Reunião Nacional de Pesquisa do Girassol, realizada nos dias 11 e 12 de julho, em Ijuí.

Promovida pela Cotrijuí e Unijuí a Reunião do Girassol foi prestigiada pelo prefeito municipal, Valdir Heck, pelo superintendente da Região Pioneira da Cotrijuí, Walter Franz, pelo reitor da Unijuí, Telmo Frantz, pelo presidente da Câmara de Vereadores, Delmar Barriquello e pelos sindicalistas, Carlos Karlinski e Reinhold Kommers.

Com a coordenação a cargo do gerente do CTC, engenheiro agrônomo Volney Vlau, o encontro teve início com palestra do coordenador nacional do Programa de Oleaginosas do Ministério da Agricultura, José Heitor Viana, que reforçou o potencial da cultura, principalmente como alternativa de garantia aos produtos nacionais de exportação. A análise de Viana é baseada em um panorama traçado por ele, onde a soja, principalmente

enquanto óleo, não tem um futuro muito promissor.

"Caso se confirmem as previsões de óleo de soja com um crescimento de 3 a 4 por cento ao ano, vai ser impossível exportar óleo até 1994", disse Viana, ao salientar o incentivo a produção de girassol não como cultura de substituição a soja, mas como mais um produto destinado a exportação.

Logo após a palestra do representante do Ministério da Agricultura foram apresentados vários trabalhos experimentais sobre o girassol, os quais segundo Volney Vlau têm contribuído muito para a ampliação das pesquisas. A partir deles, por exemplo, foram apontadas as prioridades técnicas a serem encaminhadas a próxima reunião, como o desenvolvimento de novas variedades, adubação, sistema de plantio e colheita e controle de pragas e doenças.

### MAIOR DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Somente o esforço da pesquisa privada, no entanto, não é suficiente para implementar economicamente a cultura, analisa o pesquisador do CTC. "Agronomicamente, o girassol já possui um sistema de produção resultante dos nove anos de pesquisa, porém, carece ainda de um aprimoramento na produção de variedades", diz o agrônomo justificando o melhoramento



Volney Vlau fez a abertura do encontro

genético como uma das prioridades da cultura, e que deve ser encaminhado através de um maior envolvimento da Embrapa com a produção.

Por outro lado, continua explicando Volney, é necessário que as indústrias de óleo deem suporte econômico a cultura, definindo uma política de produção, comercialização e, ao mesmo tempo, desenvolvendo um trabalho de estímulo junto ao consumidor. "É fundamental que a indústria diga qual é o seu real interesse, em termos de preços e recebimento, para que a curto prazo, se possa levar uma proposta concreta ao produtor".

A insistência dos pesquisadores em levar esta proposta até as indústrias, o que já foi feito em forma de moção tanto a Embrapa como a Associação Brasileira de Indústrias de Óleos Vegetais — ABIOVE, é explicada pela produção a nível de lavoura que já se registra tanto na região co-

mo em todo o país. Caso a indústria estabeleça metas de beneficiamento e a pesquisa oficial retome o trabalho com a cultura, o girassol que tem ocupado cerca de 12 mil hectares no Rio Grande do Sul e áreas significativas no Paraná e Mato Grosso do Sul, poderá expandir ainda mais a sua produção.

O pesquisador do CTC faz questão ainda de destacar a importância do girassol como opção para o fortalecimento do sistema de agricultura baseado na rotação de culturas. "Enquanto temos um variado número de espécies no inverno, as alternativas de verão se restringem ao milho, feijão e um pouco do sorgo, como plantas regeneradoras do solo". O girassol, portanto, finaliza Volney, mesmo que apresente algumas doenças comuns a soja, aparece como grande alternativa, já que pode ser plantada em época anterior a soja e nem precisa ocupar a mesma área.



# Renovação de 70%

Os 103 novos representantes foram eleitos com os votos de 7.352 associados

Muitas renovações entre os representantes. Este foi o resultado da eleição do Conselho de Representantes da Cotrijuf, realizada nos dias 7 e 8 de agosto, mas que, segundo avaliação do Luiz Fernando Konzen, coordenador da Área de Educação da Cooperativa na Pioneria, não chega a surpreender. "Era um resultado até esperado, reafirma, lembrando que o mesmo é fruto do trabalho de conscientização do próprio quadro social. Já na eleição passada, realizada em 1986, de um total de 154 representantes eleitos pelas três regionais, apenas 45 foram reeleitos no cargo. Nesta eleição, o percentual de renovação também não muda muito, embora os dados ainda não estejam definitivamente levantados. Mas o número final deverá fechar ao redor de 70 por cento.

Na Regional Pioneira, o índice de renovação é de 69,56 por cento. De um total de 76 representantes, 47 são novos. A unidade de Chiapetta foi a surpresa: o conselho

renovou em 100 por cento. Augusto Pestana renovou em 90 por cento, elegendo, de um total de 10, nove novos representantes. Apenas o associado Ricardo Guiotto foi confirmado no cargo. Santo Augusto renovou em 71,42 por cento e Ajuricaba em 66,66 por cento. A unidade de Tenente Portela renovou seu conselho em 57,14 por cento, enquanto Jóia e Augusto Pestana renovaram em 50 por cento cada uma. Em Ijuí, a renovação foi menor. De um total de 22 representantes, 12 ainda foram confirmados no cargo. O índice de renovação chega a 40,9 por cento. Já na Regional de Dom Pedrito, apenas o associado Francisco da Silva Farinha foi reeleito. Os demais representantes são novos.

## MAIS CONSCIENTES

A conscientização de que fala o Luiz Fernando, é o resultado de um somatório de fatores. Um deles é o próprio amadurecimento do quadro social, "hoje em condições de melhor avaliar o desempenho dos próprios representantes.

As reuniões de núcleos e a organização dos associados também são citados pelo comunicador como fatores importantes de mobilização. Essa organização, segundo Luiz Fernando, hoje está, inclusive, facilitada pelo próprio regimento, na medida em que incentiva os associados a escolherem, previamente, os seus candidatos. Esse fato, significa, em síntese, uma eleição até mais organizada, já que a maioria das comunidades levou para as urnas candidatos trabalhados.

Ele também acredita que a nova fórmula para o cálculo do número de representantes está contribuindo para esse grau de conscientização. Ela provocou uma redução no número de representantes votados, "mas está proporcionando um grau de representatividade muito maior". Como o núcleo assumiu o seu candidato e apostou em seu nome, as cobranças também serão maiores. Então, assinala, os desafios serão também maio-

res e, além de cumprir o que estabelece o regimento, o representante terá que estreitar o relacionamento com seu núcleo, trazendo respostas mais imediatas para as suas reivindicações. "E nessa ponte, o representante também terá de alimentar, com subsídios, o próprio coordenador do Conselho que hoje também participa das reuniões do Conselho de Administração.

## QUEM VOTOU

Podiam votar nesta eleição 14.284 associados que operaram com a cooperativa até o dia 31 de dezembro do ano passado. Deste total, 7.352 participaram da eleição, num percentual de 51,47 por cento. Na Regional Pioneira, 5.917 exerceram o seu direito de voto, representando 52,37 por cento do total aptos a votar. Na unidade de Augusto Pestana votaram 926 associados de um total de 1.469, representando, 63 por cento. A segunda unidade com maior índice de votação foi Santo Augusto, onde votaram 538 associados de um total de 963 aptos a votar. Em Coronel Bicaco votaram 55 por cento dos eleitores em condições; Ajuricaba 54 por cento; Ijuí 53,32 por cento; Chiapetta, 49 por cento; Jóia, 45 por cento; Tenente Portela, 47 por cento e Dois Irmãos, 42 por cento. Na Regional de Dom Pedrito, a participação dos associados melhorou em relação a eleição anterior. Dos 976 associados com direito a voto, compareceram às urnas 379, o que re-

presentou uma participação de 39 por cento.

Na Regional de Mato Grosso do Sul podiam votar 1.951 associados. Compareceram às urnas, no entanto, 1.056 associados, representando um percentual de participação de 54,12 por cento. Na unidade de Bonito, dos 124 associados com direito a voto, 100 participaram da eleição, somando um índice de 80,64 por cento sobre o total de votantes. Também em Jardim, o índice de votantes chegou a 71,18 por cento. Votaram 42 dos 59 aptos. A menor participação aconteceu em Sidrolândia, onde votaram apenas 39,69 por cento dos 199 com direito a voto.

## OS MAIS VOTADOS

Uma eleição não deixa de ser uma caixa de surpresas. E a eleição de representantes também não foge à regra, pois o número de candidatos é grande e os eleitos devem representar um grupo de 150 associados. Quem levou o maior número de votos nesta eleição foi o representante de Augusto Pestana, seu Valdenor Bernardi, eleito com 88 votos. Em seguida aparece o associado Walmir Gilberto Kettenhuber, reeleito com 87 votos. Ele representa o núcleo de Mauá, interior de Ijuí. Valdir Domingos Zardin, representando a unidade de Ijuí, sede, recebeu 85 votos; Valdir Gonzales Sarturi, da unidade de Jóia foi eleito com 82 votos e o seu Dealmo Schneider, de Tenente Portela, 80 votos.

## Missão muito difícil

O desmembramento é um assunto que poderá voltar ao debate. E está nas mãos dos novos representantes

Um antigo assunto que andava até meio esquecido poderá voltar, em breve, à discussão do quadro social: a questão do desmembramento da Cotrijuf. A informação foi dada pelo próprio diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Meotti ao reunir a imprensa de Ijuí para falar sobre os números da eleição dos representantes. Acompanhado pelos vice-presidente e superintendente da Cotrijuf na Pioneira, Celso Sperotto e Walter Frantz, respectivamente, Meotti iniciou a sua conversa com os jornalistas dizendo que o novo conselho de representantes tem uma missão muito difícil pela frente "e que até talvez nem estejam suficientemente conscientizados desta responsabilidade", ressaltou fazendo questão de deixar claro que não estava querendo subestimá-los.

Lembrou que a Cotrijuf está, hoje, estruturada para um outro tipo de unidade jurídica, com representantes eleitos, conselho de administração, fiscal e diretoria operacional contratada. "Considerando as dificuldades econômicas pelas quais passa o país, as características do nosso quadro social, a estrutura fundiária, as distâncias físicas, o Grupo Cotrijuf, mais especificamente a Regional de Mato Grosso do Sul terá, certamente, que reiniciar um estudo estrutural". Esse estudo, segundo o diretor presidente do Grupo, deverá envolver uma nova estrutura jurídica que tanto pode resultar num desmembramento, numa cisão parcial ou até na formação de uma cooperativa central, ficando, no caso, as três regionais atuais como cooperativas singulares. "Mas acredito que o mais provável é que o Mato Grosso do Sul se separe das regionais gaúchas",



Encontro com a imprensa: Meotti falou da eleição e da falta de recursos para a lavoura

reforçou destacando, por outro lado, que este será mais um trabalho de significativa importância e que transcende em muito os pequenos problemas operacionais do dia-a-dia da cooperativa.

Ressaltando a importância de um conselho de representantes conscientes, Meotti disse que é a partir dele que sairão os futuros administradores do sistema cooperativista. "Não é segredo nenhum dizer que está muito difícil encontrar administradores conscientes para o sistema e que estejam preocupados em apresentar algumas soluções para os problemas econômicos dos próprios associados". Ao convidar os novos representantes a pegarem juntos na busca de soluções para os problemas estruturais da cooperativa, o diretor presidente mostrou-se preocupado com os problemas conjunturais da economia, sobre os quais as soluções não dependem da Cotrijuf.

Criticou a metamorfose pela qual passa a economia do país, mas manifestou esperanças na eleição do próximo presidente da República, do qual espera maior atenção à agricultura. "Estamos atravessando um período de mudança radical de atitudes, principalmente em relação a agricultura, disse ele referindo-se a falta de recursos para a próxima safra de verão. Recordou que de

dois anos para cá o produtor tem plantado com financiamentos indiretos da cooperativa que fornece o adubo, a semente e o herbicida antecipadamente. "Que outro segmento da economia agrícola está assumindo estes problemas e preocupado com o que pode ocorrer no futuro, senão o sistema cooperativista? Não estou dizendo que o cooperativismo por si só traga soluções para todos os problemas de natureza conjuntural, mas em parte, ele terá que trazer", observou.

O vice-presidente da Regional, Celso Sperotto também manifestou sua preocupação em relação a falta de recursos oficiais para a lavoura de verão, dizendo que a região vai continuar na dependência de milho do Mato Grosso e feijão de Santa Catarina. "Nós precisamos trabalhar para a produção de milho da região aumentar, mas como financiar nossos associados, se também não temos recursos suficientes para bancar essa lavoura"? Walter Frantz procurou se restringir a eleição dos representantes, lembrando a necessidade de uma atividade de desenvolvimento desses recursos humanos "que consiste em reuniões, discussões e palestras para que possam entender com profundidade a Cotrijuf enquanto empresa e associação cooperativa ao mesmo tempo.

em  
cada pedaço  
de terra  
um amigo

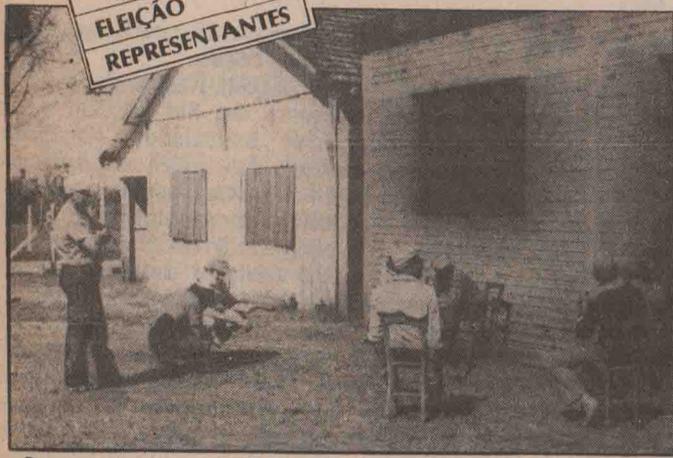
CIBA-GEIGY  
DIVISÃO AGRÍCOLA

SÃO PAULO - SP: Av. Santo Amaro, 5137 - Fone: (011) 240-1011 - ARARAQUARA: Av. Napoleão Selmi Dei, 97 - Fones: (0162) 36-8562 e 36-0749 - CAMPO GRANDE: Rua Miguel Couto, 173 - Centro - Fones: (067) 382-5131 e 383-3782 - CASCAVEL: Rua São Paulo, 1060 - 4º andar - Sala 43 - Ed. Montreal - Fone: (0452) 23-1144 - LONDRINA: Rua Senador Souza Naves, 897 - Centro - Fones: (0432) 23-0715 e 23-5909 - PASSO FUNDO: Rua XV de Novembro, 885 - 6º andar - Sala 61/62/63 - Fones: (054) 313-3070 e 313-1789 - PONTA GROSSA: Rua XV de Novembro, 17 - Fones: (0422) 24-4296 e 24-3839 - RECIFE: Rua Santo Elias, 388 - Espinhaço - Fone: (081) 241-8100 - TUPA: Rua Paqueta, 493 - Centro - Fones: (0144) 42-4711 e 42-3103 - UBERLÂNDIA: Rua Santos Dumont, 431 - Fone: (034) 234-1110 - CENTROS DE PROMOÇÃO/AG - BELO HORIZONTE: Rua Aimorés, 2602 - Fone: (031) 335-3088.

PARA ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS SOBRE NOSSOS PRODUTOS CHAME OS FONES: (011) 241-0691 e 543-9607



# A eleição em São Jacó



O grupo: esperando pela hora de voltar

São 13h20min do dia 7 de agosto. Na comunidade de São Jacó, interior do município de Santo Augusto, não fosse a expectativa em torno da eleição para escolha dos novos representantes da Cotrijuí e um incêndio que destruiu uma casa pelas redondezas, a rotina dos moradores certamente estaria seguindo o seu curso natural, ainda mais numa época destas em que o serviço da lavoura fica pouco. São Jacó é uma destas comunidades constituídas pela igreja, salão, um bolicho, a escola, uma pracinha e alguns moradores, mas que é capaz de reunir muita gente num dia de festa.

Mas esta segunda-feira não era dia de festa. Nem havia movimento para tanto. As pessoas que "lagartavam" em frente ao salão e que falavam da eleição da Cotrijuí, do incêndio e do preço da soja que não indireta nunca, aguardavam, com a mesma tranquilidade da rotina da localidade a chegada da urna e o início da votação. No bolicho da frente, uma vez que outra, o seu Osvino Barstch, o candidato a representante da Cotrijuí pela comunidade de São Jacó, enfiava a cabeça na porta e dava uma espiadinha nos seus eleitores.

O grupo, neste início de tarde, aumentou com a chegada da dona Nilva Brasil Seifert e da Marlene Rocha. As duas chegaram de carteirinha na mão, prontas para votar. Mas a demora na frente do salão foi pouca. Elas preferiram aguardar a hora da votação no interior do salão. A dona Nilva, a mais despachada, chegou a se confundir e perguntar se também era dia de votar para presidente. Desfeitas as dúvidas, ela foi logo dizendo que ia votar no seu Osvino, "um representante da comunidade". Como o seu Ivo não sabe ler, todas as lidas de banco e na cooperativa, ficam por conta da dona Nilva. "Sempre que tem eleição na cooperativa, eu represento a nossa matrícula", dizia confiante, mas garantindo que todas as decisões são tomadas em conjunto. A Marlene estava votando pela primeira vez numa eleição da Cotrijuí e isso porque o marido estava viajando. A conversa das duas é interrompida pela chegada da dona Eurides Moura Rottli. Viúva e com 72 anos, a dona Eurides chegou querendo saber se havia algum candidato.



Dona Nilva: queria votar para presidente

Pelas 13h40min chega, apressado e com alguns minutos de atraso, o Rodrigo Stechow, o agrônomo da Unidade da Cotrijuí em Santo Augusto. Ele chega sozinho, mas trazia junto a urna, as cédulas e a relação dos associados da localidade aptos a votar. O pessoal logo se movimentou, fazendo fila em frente a mesa de votação, onde o seu Batista Chiusa, Vilmar Chiusa e o Delci Barstch, assessorados pelo Rodrigo fazem os últimos preparativos para dar início a mais uma eleição de representantes da Cotrijuí no núcleo de São Jacó. Na fila de espera, a conversa muda de rumo e começa a propaganda de boca-de-urna. Quem ainda tinha alguma dúvida, como a dona Eurides, é logo convencida e vota de cabeça feita. "Temos que votar num candidato da localidade", já dizia ela sem qualquer dúvida.

Dez minutos depois da chegada da urna, começa a votação. Depois do voto dos associados e mais do seu Batista Chiusa, votaram a dona Nilva, a Marlene e a dona Eurides. Mas a votação não parou por aí. A urna permaneceu no salão, recebendo os votos do pessoal de São Jacó até às 15h30min. Ao todo, votaram, nesta urna, 22 associados. Mas essa não é uma rotina de dia de eleição na Cotrijuí que acontece apenas na localidade de São Jacó. Esse mesmo tipo de movimentação acontece em quase 250 outras localidades do interior dos municípios da região, onde a Cotrijuí atua, e em Dom Pedrito. Num dia deste, de eleição da Cotrijuí, é comum as urnas ocuparem a igreja da comunidade, a escola, o salão ou até mesmo o bolicho. Os associados vão chegando, ora aos poucos, ora em grupos. Uns chegam a pé, outros de carro, de trator, de carroça ou até mesmo a cavalo, como acontece muito na fronteira. O importante, neste dia, é a participação de todos.

## A participação de cada um

**Bruno Laabs** — Alto Alegre — Tenente Portela — proprietário de 16,5 hectares: "Vim na cidade fazer umas compras no comércio e já aproveitei o tempo para votar no candidato da localidade, o Arlindo Albrecht. A participação do associado na escolha do seu representante é importante e, espero que os associados que estão sendo eleitos, trabalhem tanto quanto os que estão deixando o cargo".



Bruno

**Jair Locatelli** — Derrubadas — Tenente Portela — suinocultor: "Estou votando no candidato escolhido pela comunidade. O voto para a escolha do representante é um instrumento fundamental dentro do sistema de representação da cooperativa. Não vejo outra saída que possa garantir a participação dentro de um sistema democrático. E, votar para escolher o seu representante é garantia de representatividade".



Jair

**Emílio João Walter Fischer** — Tronqueiras — Miraguaí — proprietário de 21 hectares: "O meu candidato é um jovem, inteligente e trabalhador. É o candidato preferido do pessoal de Tronqueiras. Sei que a cooperativa já está organizada, mas ainda existe muito trabalho para ser feito e que precisa ser encarado e tocado pra frente pelos novos representantes".



Emílio

**Erich Breunig** — Portão Velho — Coronel Bicaco — proprietário de 250 hectares — "Sou candidato indicado pela comunidade de Portão Velho. A minha proposta é trabalhar pelo bem da casa, procurando trazer de volta os associados afastados. Eles precisam entender que a cooperativa está ao lado do associado durante todo o ano, e não apenas na entrega da produção, oferecendo uns troquinhos a mais. É a cooperativa a casa do associado e, nem mesmo as reclamações contra a taxa de capitalização servem de justificativas para deixarem a cooperativa. Outra briga a ser encarada pelos novos representantes diz respeito a instalação, em Coronel Bicaco, de uma Cooperativa de Crédito".



Erich

**Luiz Schraiber** — Coroados — Santo Augusto — proprietário de 34 hectares: "Já fui suplente de representante em outros conselhos, mas não aceitei concorrer novamente nesta eleição. Estou apoiando Jorge Roncato. Ele já conhece as aspirações do pessoal de Coroados e, esperamos que ele, que já foi representante, continue trabalhando pela cooperativa, mas do lado do associado. Já conseguimos um mercado, mas agora estamos reivindicando a construção de uma moega e a redução na taxa de capitalização. São reivindicações difíceis, mas a comunidade entende que são prioritárias".



Luiz

**Batista Chiusa** — São Jacó — Santo Augusto: "Já fui representante em duas eleições seguidas, mas agora não tenho mais idade. O povo de São Jacó queria que me candidatasse outra vez, mas preferi indicar o Osvino Barstch, um associado atuante e que também está ligado ao Sindicato Rural e ao trabalho de saúde no município. A comunidade entendeu minhas razões e aceitou o novo candidato que, tenho certeza, vai fazer uma boa representação e dar continuidade ao trabalho que já vinha realizando".



Batista

## Os eleitos no MS

54,12 por cento dos associados aptos a votar da Regional de Mato Grosso do Sul compareceram às urnas

DOURADOS	
<b>Titulares:</b>	
Paulo Stefanello.....	28 votos
Jacy Potrich.....	11 votos
<b>Suplentes:</b>	
Alveri Decian.....	11 votos
Erico Stefanello.....	10 votos
ITAHUM	
<b>Titular:</b>	
Sérgio Berte.....	12 votos
<b>Suplente:</b>	
Aristeu Cavalheiro.....	5 votos
INDÁPOLIS	
<b>Titular:</b>	
Antônio Conti.....	21 votos
<b>Suplente:</b>	
Waldemar S. de Lima.....	18 votos
CAARAPÓ	
<b>Titular:</b>	
Antônio A. Rubim.....	30 votos
<b>Suplente:</b>	
Nelson A. Maranhão.....	9 votos
LAGUNA CAARAPÁ	
<b>Titular:</b>	
Nelson Meertz.....	17 votos
<b>Suplentes:</b>	
Pedro Triches.....	8 votos

PONTA PORÁ	
<b>Titular:</b>	
Atarcizo Brezolin.....	12 votos
<b>Suplente:</b>	
Elite Sandri.....	12 votos
TAGI	
<b>Titular:</b>	
Alexandrino M. Sobrinho.....	14 votos
<b>Suplente:</b>	
Adelom Agostini.....	14 votos
BONITO	
<b>Titular:</b>	
Nelson V. dos Santos.....	35 votos
<b>Suplente:</b>	
Elio L. Perim.....	30 votos
JARDIM	
<b>Titular:</b>	
Marcos Zanette.....	16 votos
<b>Suplente:</b>	
Marcio H. F. Gonçalves.....	14 votos
SIDROLÂNDIA	
<b>Titulares:</b>	
Dolindos Nerci Müller.....	30 votos
Jorge L. Rebeschini.....	18 votos
<b>Suplentes:</b>	
Luiz C. Menezes.....	11 votos
Walmor Mari.....	5 votos

RIO BRILHANTE	
<b>Titulares:</b>	
Giuliano Cuel.....	23 votos
Ivo Arnt.....	21 votos
<b>Suplentes:</b>	
Anselmo Basso.....	19 votos
Jair Gregório Alves.....	18 votos
DOURADINA	
<b>Titular:</b>	
Juventil Brignoni.....	45 votos
<b>Suplente:</b>	
João G. Sanches Filho.....	13 votos
MONTESE	
<b>Titulares:</b>	
Moci A. Oliveira.....	34 votos
Eduardo Rebeque.....	32 votos
<b>Suplentes:</b>	
Cláudio J. Martini.....	30 votos
Lucas V. da Silva.....	27 votos
MARACAJU	
<b>Titulares:</b>	
Samuel Hoogerheid.....	21 votos
Realdo Cervi.....	19 votos
<b>Suplentes:</b>	
Telmo Roos.....	17 votos
Sérgio Zanchett.....	14 votos
VISTA ALEGRE	
<b>Titular:</b>	
Ake Van Der Vinne.....	13 votos
<b>Suplente:</b>	
Celso Bazana.....	9 votos

# Os novos representantes

O índice de renovação no Conselho de Representantes na Regional Pioneira foi de 70 por cento. Em Dom Pedrito, dos sete representantes apenas o seu Francisco da Silva Farinha foi reeleito

## REGIONAL PIONEIRA

### CHIAPETTA

<b>Titulares:</b>	
Vilbaldo Driderichs.....	47 votos
Dari Schumacher.....	36 votos
Irineu Minuzzi Stopiglia.....	29 votos
Enori José Fritzen.....	27 votos
<b>Suplentes:</b>	
Protásio Lottermann.....	21 votos
Clauzenir Luiz Strada.....	20 votos
Joel Antônio Gaberte Stopilha.....	2 votos
Dirceu Guardallara.....	2 votos

### CORONEL BICACO

<b>Titulares:</b>	
Arão Oliveira de Souza.....	37 votos
Pedro Fava.....	35 votos
Frich Breuning.....	31 votos
Osmildo Pedro Bielecki.....	29 votos
<b>Suplentes:</b>	
Bráulio M. Rocha.....	28 votos
João Carlos F. Batista.....	24 votos
Irani Miotto.....	15 votos
Ernestildes Antunes da Silva.....	13 votos

### VILA DOIS IRMÃOS

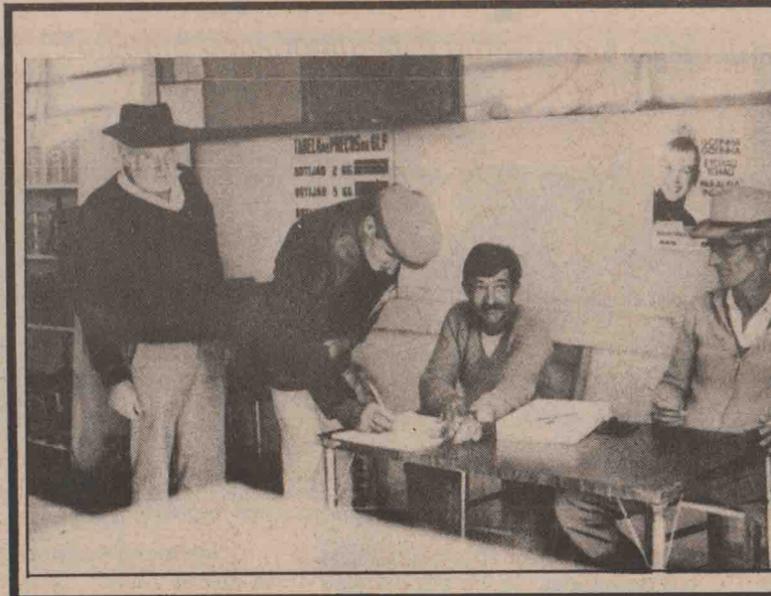
<b>Titulares:</b>	
Rubem Bressan.....	33 votos
Egberto Dowich.....	21 votos
<b>Suplentes:</b>	
Elbio Moura.....	20 votos
Nércio Xavier.....	8 votos

### TENENTE PORTELA

<b>Titulares:</b>	
Dealmo Schneider.....	80 votos
Nelson Coldebela.....	73 votos
Rogério Politowski.....	54 votos
Arindo Albrech.....	51 votos
Valdir Pedro Gabriel.....	42 votos
Antônio Davi Rigo.....	40 votos
Euclides Rossetti.....	39 votos
Irmo Linn.....	38 votos
Licério Micolino.....	36 votos
Olídio Lorenzi.....	35 votos
Izalino Franchini Pavinato.....	32 votos
Deoclides Eloy.....	32 votos
Odilon Rigo.....	30 votos
Milton Luiz Calgaro.....	29 votos
<b>Suplentes:</b>	
Elmo Elsembach.....	28 votos
Benjamin Bandeira.....	26 votos
Orlando Valdemar Valk.....	26 votos
Deoclides Francisco Tussin.....	25 votos
Mário Paludo.....	25 votos
Afonso Amandio Ritter.....	21 votos
Celênio Sandri.....	20 votos
Guido Calgaro.....	17 votos
Angelo Sofiati.....	16 votos
Angelo Galli.....	16 votos
Flo Müller.....	15 votos
Bruno Helvino Arnemann.....	11 votos
Mauro Candal Guterres.....	11 votos
Armando Linn.....	9 votos

### JÓIA

<b>Titulares:</b>	
Valdir Gonzales Sarturi.....	82 votos
José Gabriel Machado.....	36 votos
Oracídio Reis Silva.....	35 votos
Antônio Carlos Conceição.....	35 votos
<b>Suplentes:</b>	
Valdemar Luiz Perlim.....	34 votos
Ermino Sidi.....	8 votos
Valmir Oliveira Diana.....	4 votos
Maria Antonieta Cerezer.....	5 votos



Dois momentos: a eleição em Ijuí e Miraguaí

### AJURICABA

<b>Titulares:</b>	
Alacir Antônio Scheck.....	66 votos
Edgar Prauchner.....	57 votos
Alcides Sebastião Brigo.....	56 votos
Leonides Dallabrida.....	53 votos
Geovani Della Flora.....	44 votos
Floriano Breitembach.....	40 votos
Edgar Freier.....	34 votos
Enir Bandeira.....	34 votos
João Ottonelli.....	33 votos
<b>Suplentes:</b>	
Emílio Uhde.....	32 votos
Ricardo Carlos Uhde.....	31 votos
Dirceu Chagas de Moraes.....	30 votos
Dair Fischer.....	28 votos
Alzevir Lotário de Marchi.....	23 votos
Egon Gercke.....	19 votos
Valmir de Souza Carvalho.....	13 votos
Miguel Sapiezinski.....	9 votos
Arí Brivio.....	5 votos

### IJUÍ

<b>Titulares:</b>	
Walmir Gilberto Kettenhuber.....	87 votos
Valdir Domingos Zardin.....	85 votos
Valdir José Ferrari.....	69 votos
Waldemar Krysczum.....	62 votos
Rudy Arno Bonmann.....	61 votos
Luiz Kusiak.....	61 votos
Waldir José Pascoal.....	61 votos
Almir João Bigolin.....	56 votos
Léo Foletto.....	56 votos
Nilto Irineo Gottens.....	50 votos
Ernani Meincke.....	48 votos
Armindo Reinoldo Deckert.....	46 votos
Oldimar Brissow.....	46 votos
Reinoldo Dobler.....	44 votos
Arno Arlindo Beck.....	44 votos
Enio Sadi Tiecher.....	44 votos
Euclides Marino Gabbi.....	42 votos
Antoninho Vilani.....	41 votos
Victório Alberto Muraro.....	40 votos
Senio Reinoldo Kirst.....	40 votos
Silvino João Goi.....	38 votos
Avelino José Duarte.....	38 votos
<b>Suplentes:</b>	
Leoci Wadas.....	38 votos
Rui Onofre Bonamigo.....	38 votos
Euclides Casagrande.....	37 votos
Orlando Becker.....	36 votos
Lindolfo Becker Sobrinho.....	35 votos
Cesar Garzella.....	35 votos
Luiz Kinalski.....	35 votos
Luiz da Rosa.....	34 votos
Irineo Eloy Vettorato.....	31 votos
Israel Fernandes Rocha.....	31 votos
Alberto Andriollo.....	31 votos
Cláudio Luiz de Jesus.....	28 votos
Ary Bruno Garros.....	27 votos
Lourenço Francisconi.....	23 votos
Sigismundo Zaluski.....	22 votos
Henildo Nelson Kromberg.....	18 votos
Eugênio Reinoldo Gewer.....	16 votos
Avelino Stochero.....	16 votos

Agostinho Czyzeki.....	14 votos
Davi Lorenzoni.....	13 votos
Walter Luiz Dryemeyer.....	10 votos
Adão Ciotti.....	9 votos

### AUGUSTO PESTANA

<b>Titulares:</b>	
Valdenor Bernardi.....	88 votos
Amauri Antônio Scher.....	56 votos
Romélio Marcks.....	51 votos
Paulo Afonso Anesi.....	49 votos
Ricardo Guiotto.....	49 votos
Elizeu Rückert.....	47 votos
Neri Luiz Menegol.....	45 votos
Eldoir Sost.....	43 votos
Oldemar Schneider.....	42 votos
Wilson Romeu Beck.....	39 votos
<b>Suplentes:</b>	
Emo Schneider.....	38 votos
Mirto Drews.....	36 votos
Flávio Kern.....	35 votos
Wunibald Arnhold.....	27 votos
Anilton Feliciano dos Santos.....	25 votos
Édio Maehler.....	19 votos
Bruno Schneider.....	17 votos
Waldemar Neuberger.....	12 votos
Luiz Angelo Ceribola.....	8 votos
Alberto Baggio Leite.....	8 votos

### SANTO AUGUSTO

<b>Titulares:</b>	
Arindo Schindler.....	54 votos
Irineu P. Petenon.....	50 votos
Antônio Nicoli.....	48 votos
Jorge Roncato.....	58 votos
Osvino Bartsch.....	45 votos
Clóvis Pompeu de Mattos.....	42 votos
Adão Ciotti.....	42 votos
<b>Suplentes:</b>	
Jacques Della Flora.....	32 votos
Humberto Schmidt.....	31 votos
Alvori Zago Montagner.....	27 votos
Arcelino Beazi.....	27 votos
Ivo Gonçalves de Lima.....	24 votos
Waldir Krüger.....	15 votos
Luiz Carlos dos Santos Teixeira.....	8 votos

### DOM PEDRITO

<b>Titulares:</b>	
Antoninho de Almeida Irigaray.....	33 votos
Ataliba Martins.....	29 votos
Francisco da Silva Farinha.....	22 votos
Odete Montardo.....	18 votos
Délcio Lanes.....	15 votos
Abu Souto Bicca.....	14 votos
Arnildo Petzold.....	13 votos
<b>Suplentes:</b>	
José Clóvis A. Bueno.....	13 votos
Rui Adelino Raguzzoni.....	12 votos
Elonir Severo.....	11 votos
Paulo Roberto Leal.....	11 votos
Lídio Dalla Nora Bastos.....	9 votos
Pedro Afonso Soares Pereira.....	9 votos
Ido Rossato.....	8 votos

# Muitos problemas

Falta dinheiro e o governo está importando produto

Faz-se cada vez mais estranho o comportamento do governo federal em relação a triticultura nacional. A partir de 1985, quando produção e produtividade mostraram índices de crescimento, a política do trigo começou a receber tratamento diferenciado em relação a outros produtos agrícolas. As 4.380 mil toneladas da safra daquele ano demonstrou que o Brasil tinha condições de transformar em realidade o sonho, longamente acalentado, de tornar-se auto-suficiente em trigo. E se alguma dúvida persistiu ainda, as safras seguintes e sucessivas, até 1988, não deixaram mais dúvidas.



Trigo: na lavoura, mas com muitos problemas para serem resolvidos

Safras	Produção (mil t)	Produtividade (kg/ha)
1985	4.380	1.685
1986	5.684	1.475
1987	6.311	1.800
1988	5.808	1.684

Os números provavam que o país, depois de anos e anos de persistência, evolução em tecnologia na fixação de cultivares ideais ao nosso clima ao custo de enormes investimentos feitos, recebia resposta aos esforços empreendidos.

Era o Brasil vivendo praticamente em regime de auto-suficiência. Isso quer dizer que cerca de 100 mil produtores do cereal, movimentando outro tanto de trabalhadores nos variados setores da agricultura, transporte, indústria e serviços no país, identificava a "economia de escala" que o trigo representa.

E mais: a cultura absorve cerca de 630 mil toneladas de fertilizantes, 25 mil toneladas de defensivos, 30 milhões de litros de combustíveis. Movimenta cerca de 100 mil tratores e 60 mil colheitadeiras. Tudo isso — é óbvio — agrega à economia nacional uma fantástica soma de benefícios econômicos e sociais em ordem direta.

No entanto, e ao que tudo faz crer, desprezando essas evidências todas, o governo continua minimizando a importância do trigo para a economia do país. Os compromissos de compras assinados com a Argentina provam essa assertiva. Até podemos admitir que o Protocolo assinado em 1986, na plena vigência da euforia do Plano Cruzado, possa se justificar. Porém, o Anexo I ao Protocolo nº II, assinado em julho de 1987, configura-se como verdadeiro deboche.

Deboche porque o país vinha de duas safras cheias, e com evidências muito fortes de continuar colhendo o necessário, conforme se confirmou no mencionado ano, e também no seguinte, em 1988. Finalmente, o deboche pode se transformar em crise de lesa-pátria, caso se confirme uma política governamental conivente com outros interesses que não sejam a consolidação de nossa produção tritícola.

Há mais de 30 anos o Brasil sonha e luta com a auto-suficiência na produção de trigo. Agora que já alcançou a sonhada meta, que todos vimos e sentimos que isso se tornou possível, finalmente, será uma temeridade, para não dizer um verdadeiro crime, se o governo, por desinteresse, vier permitir que todo esse esforço, de décadas, for por água abaixo.

## As peripécias do intercâmbio

O chefe do Departamento de Comercialização do trigo — Ctrin, Nilo Fensterseifer, justifica a decisão da Junta Deliberativa do Trigo de importar 90 mil toneladas do grão dos Estados Unidos, ao fato da Argentina não haver cumprido a sua parte na entrega regular do produto. A indústria moageira nacional, desde o Rio de Janeiro até o Norte, estava sem matéria-prima. Os moinhos mantêm estoques, no máximo, para um mês. Isso impõe a necessidade de um abastecimento permanente. E ao contrário do Rio Grande do Sul e estados como Paraná e São Paulo, o Norte-Nordeste é carente de rede de armazenagem, dependendo, maciçamente, da pequena capacidade de estocagem dos moinhos.

O chefe do Ctrin enumera uma série de dificuldades no esquema de transporte e armazenagem do trigo, a começar pelo valor da cabotagem, que é diferenciado, no caso de ser trigo nacional ou estrangeiro. Os fretes fixados pela Secretaria do Transporte Aquaviário — ex-Sunamam — são de US\$ 0,011 a tonelada-milha para o trigo importado e de US\$ 0,006 para o trigo nacional. Temos, como resultado imediato, diz Nilo Fensterseifer, o desinteresse dos armadores e fretadores para carregar o produto nacional. E esse problema é ainda mais evidente nos portos do Norte e Nordeste, onde se localizam portos de reduzida capacidade de carga-descarga, o que onera mais o custo de permanência dos navios.

### A CONCORRÊNCIA DE ESPAÇO

Para piorar, o trigo de procedência argentina ainda estabelece uma concorrência de espaço nos armazéns brasileiros. Sendo a Argentina carente de espaço para armazenar grãos, ela procura livrar-se dos excedentes em épocas que coincidem com o grosso das safras brasileiras, o que tem nos causado problemas, diz Fensterseifer. No Brasil é preciso manter equilíbrio de espaços para o trigo e a soja. Assim, surgem os meses chamados críticos pelos setores responsáveis pela armazenagem. Para o Sul esses meses são, principalmente, março e abril.

Enquanto nossas importações eram oriundas dos Estados Unidos e Canadá — reconhece Nilo — as descargas eram bem mais regulares, apesar dos volumes serem infinitamente maiores. De 1980 a 1985 — cinco anos, importamos 24 milhões e 917 mil toneladas, sem atropelos, e com distribuições regulares. Nos três anos seguintes — 1986, 1987, 1988, com as importações reduzidas para pouco mais de 5 milhões e 800 mil toneladas, temos tido problemas de abastecimento, como esse verificado agora.

### COMPROMISSO ATÉ 1993

Nosso compromisso de compra com a Argentina vai até 1993. É compromisso unilateral, em detrimento do Brasil, pois se cabe ao nosso país a responsabilidade de receber a tonelage acordada e acertada, não cabe ao Brasil responsabilizar a Argentina pelo não cumprimento parcial ou total do acordo, tal como vem ocorrendo. No ano civil de 1988, por exemplo, nossas importações do cereal foram de 953 mil toneladas. Isso ocorreu porque a Argentina sofreu frustração de safra, caindo de 8.800 mil em 1987/88 para somente 7.600 mil toneladas na safra de 1988/89. Mesmo assim, a reduzida tonelage entregue pelo vizinho, parceiro do Sul, foi entregue com muitas irregularidades, afirma Fensterseifer.



Fensterseifer: justificativas

A Argentina vendeu ao Brasil, neste ano, um milhão de toneladas do trigo da safra 1988/89, tendo embarcado, até junho, 699 mil toneladas. Caso o Brasil insista em receber a tonelage que falta para cumprir o compromisso, assumido de forma unilateral, vai ser muito difícil. Há informações de que o Brasil vem tendo problemas para obter o trigo, pois os fazendeiros argentinos têm-se mostrado relutantes em vender nos últimos meses, aguardando elevação de preços do produto. De fato, com a entrada de agosto, a Bolsa de Cereais de Chicago acusou elevação de três centavos percentuais por bushel, sobre cotação de 400 centavos de dólar, para entrega em dezembro. É natural, portanto, que os produtores argentinos decidam aguardar reações de preço para melhorar seus ganhos. Mas ao Brasil compete escolher melhor seus parceiros comerciais.

Nilo Fensterseifer entende que a nível de Brasil, especialmente São Paulo, a Argentina pode ser bom parceiro. No entanto, em termos de Rio Grande do Sul, não, pois somos concorrentes em tudo: soja, trigo, carne, vinhos e até em maçã. As pautas de ambos os países são muito semelhantes, em termos de exportação, segundo Nilo.



Klein: documento

## O preço é ruim e o dinheiro é pouco

A situação do trigo nacional continua deixando muito produtor preocupado, principalmente aquele que, mesmo sabendo da política de desestímulo do governo federal, continua apostando na cultura. O preço continua ruim, e necessita de correção, os recursos para o custeio andam muito demorados e precisam ser agilizados e, para completar o quadro, o dinheiro para aquisição da safra que está para ser colhida dentro em pouco, é insuficiente.

Estes três problemas, imediatos, foram levantados pelo presidente da Fecotri, Odacir Klein, em documento enviado aos parlamentares gaúchos que, na semana passada, deveriam participar de uma audiência na Comissão de Agricultura da Câmara Federal para discutir a problemática da triticultura nacional. Por falta de quorum, a audiência não saiu e o assunto ficou, mais uma vez, pendurado. Nessa audiência, os parlamentares e representantes do setor iriam ouvir as explicações dos Ministérios da Fazenda, Relações Exteriores e Agricultura, sobre um outro problema que a produção nacional enfrenta: as importações de trigo dos Estados Unidos e da Argentina.

No documento enviado aos parlamentares gaúchos, Odacir Klein reclama do tratamento de desestímulo dispensado pelo governo federal, responsabilizando-o pela redução de 25 por cento da área cultivada no Rio Grande do Sul. Essa redução representará, a nível de Brasil, não apenas uma redução de 613 mil toneladas de oferta anual do produto, mas também um retardamento na meta de auto-suficiência, estimado num consumo de 7,1 milhões de toneladas.

Tal desestímulo, segundo o presidente da Fecotri está evidenciado no baixo preço fixado para o trigo neste ano, o menor dos últimos 12 anos: NCz\$ 201,91 a tonelada em primeiro de junho e, se corrigido pelo BTN — o Bônus do Tesouro Nacional —, passa para NCz\$ 324,00 a tonelada a partir de primeiro de agosto, ou o equivalente a 148 dólares a tonelada. Enquanto isso, o trigo importado está custando ao Brasil 169 dólares/Fob dos Estados Unidos e 164 dólares/Fob da Argentina.

Odacir Klein lembra ainda, no documento, que a situação se agravou mais com a prática de comercialização adotada pelo governo na safra passada, quando 365 mil toneladas só foram adquiridas em abril deste ano. O descaso é tanto em relação a cultura, que o próprio governo está admitindo ter gasto os recursos orçamentários previstos para aquisição da safra. Anunciou, sem qualquer cerimônia que só dispõe de NCz\$ 760 milhões para este fim, "valor suficiente apenas para honrar metade do volume previsto, de 5,1 milhões de toneladas."

# A saída passa pela comunidade

"O que estamos experimentando nesta década, que até já está sendo chamada de "década perdida", são alterações brutais e invulgares nas fases econômicas", disse o jornalista Políbio Braga ao referir-se aos sucessivos períodos de recessão econômica pela qual o país vem passando nestes últimos anos. Lembrou que o normal, dentro de uma economia, sempre foi a sucessão de fases de recessão, ajustamento e desenvolvimento. "Mas esta década, ressaltou, vem caracterizando-se por apresentar uma fase de recessão seguida de ajustamento e outra de recessão."

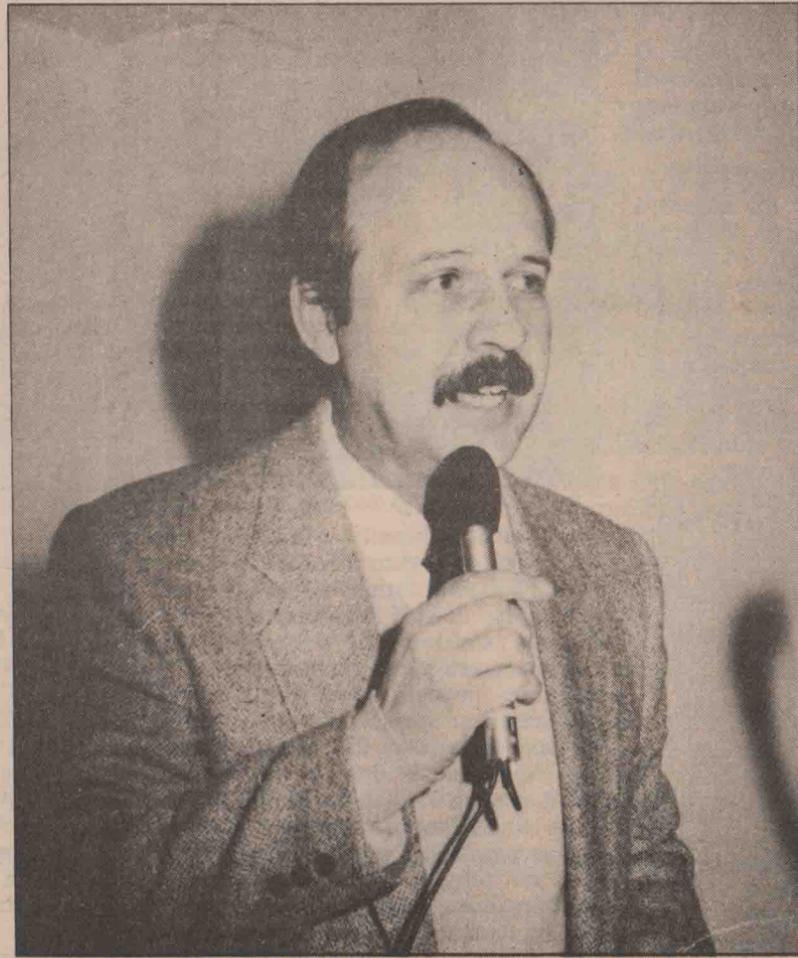
Políbio Braga esteve em Ijuí no dia 25 de julho para participar do ciclo de debates que o Sindicato do Comércio Varejista vem promovendo com o apoio da Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, ACI, Unijuí e Cotrijuí. A palestra do jornalista e colunista do Correio do Povo aconteceu no auditório da ACI e contou com a presença de empresários da região. No dia 26, Políbio Braga passou o dia na Cotrijuí, conhecendo as dependências e estrutura da cooperativa. Ainda visitou o Centro de Treinamento e o projeto de microbacias.

Para o jornalista, a recessão econômica e os índices inflacionários são os responsáveis pelo sentimento de incerteza que domina a sociedade brasileira. Entende que a situação da economia, que classificou de "corrosiva", decorre basicamente do esgotamento de um modelo que se tentou introduzir, mas para o qual não se procurou dar qualquer tipo de desdobramento. O resultado é que a economia não tem conseguindo crescer na mesma proporção da taxa de crescimento da população. "O nosso crescimento, deste ano, é de 0,03 por cento", assinalou.

Os impasses que se vive hoje na economia brasileira, segundo Políbio Braga, são os mesmos que determinaram o surgimento dos Planos Cruzados I e II, Bresser e Verão. "Estes modelos, que deveriam ser objetos de programas de estabilização econômica a médio e longo prazos, esgotaram-se em si mesmos, sem nada acrescentar na economia brasileira, disse o palestrante, acrescentando ainda que os mesmos se resumiram em fazer reformas monetárias, terminar com a correção e congelar câmbio e salários. Também colocou a questão das dívidas interna e externa, como entraves para qualquer desenvolvimento econômico.

## CRESCIMENTO NEGATIVO

Ao analisar a situação da economia gaúcha, Políbio Braga disse que a mesma tem apresentado, no mesmo período, um desempenho ainda menor que a do país. "A nossa economia vem crescendo como rabo de onivalo", disse referindo-se a taxa negativa de 1,9 por



*"É fazendo um diagnóstico da situação que cada comunidade terá condições de traçar remédios e determinar sua verdadeira vocação".*

cento registrada no ano passado. Lembrou que, nesta década, apenas em dois anos — 85 e 86 —, o Rio Grande do Sul registrou um desempenho positivo na sua economia. Além da economia gaúcha apresentar um desempenho ainda pior que a brasileira, Políbio Braga citou um agravante desta situação: o desempenho do setor público.

Para Políbio Braga, a origem desta distorção está na falta de uma via própria de desenvolvimento econômico, que vem transformando o Rio Grande do Sul em mero abastecedor de matéria-prima agropecuária, insumos industriais, produtos industrializados de baixa geração tecnológica e, principalmente, de recursos financeiros. "Sem esta via, disse ainda, não vamos conseguir eliminar o fosso que separa o Rio Grande do Sul das economias dos demais Estados centrais como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais".

Lembrou, por exemplo que, São Paulo hoje, leva 37,49 por cento da economia brasileira. O Rio representa 14,19 por cento, Minas Gerais 9,28 e o Rio Grande do Sul detém apenas 7,98 por cento. "Mas enquanto nós crescemos dois anos em 10, os Estados de Santa Catarina, Bahia e Paraná cresceram nos 10 anos", observou o jornalista, alertando para um outro dado: se o Rio Grande do Sul continuar com a mesma taxa de desempenho, em dois anos será ultrapassado pelo Paraná, em cinco pela Bahia e em sete por Santa Catarina.

Exemplificando melhor a situação da economia gaúcha, Políbio Braga lembrou que em 1907, a participação de São Paulo na economia brasileira chegava a 16,5 por cento. O Rio Grande do Sul contribuía com 14,9 por cento. E 1920 a participação do Estado de São Paulo subiu para 31 por cento, enquanto a gaúcha caiu para 11 por cento. "Já no princípio do século era possível perceber o que ia acontecer com a economia de São Paulo e do Rio Grande do Sul, disse o articulista numa alusão ao processo industrial do Estado paulista que, naquela época, se apresentava mais dinâmico. Enquanto nós continuávamos envolvidos numa indústria mais tradicional, onde os ganhos eram tidos com a exportação do charque e de outros alimentos, São Paulo já ingressava na era da civilização pós-industrial nas áreas siderúrgica, mineral, de informática, química e da petroquímica".

Em 1960 o setor primário gaúcho entrava com 27 por cento no bolo da economia gaúcha, enquanto o secundário representava 22 por cento. Mas hoje, passado 29 anos, esta situação se apresenta de forma diferente: a contribuição da indústria chega a 35 por cento e da agricultura e pecuária e 15 por cento, "o que não quer dizer que a nossa economia ainda não esteja sujeita ao que acontece no campo", observou. Mas também é verdade, apontou Políbio Braga, que metade da fatia da indústria só existe porque deriva da indústria tradicional, daquela que vai buscar no campo a matéria-prima que necessita.

Mas não é só o Estado que tem andado em busca de vias próprias de desenvolvimento, segundo o jornalista. Ele lembrou que, em muitas palestras que tem feito por esse Rio Grande afora, tem sentido a angústia dos prefeitos em busca de caminhos próprios. "O melhor caminho, receitou, é aquele que parte da comunidade". É fazendo um diagnóstico da situação, que cada comunidade terá condições de traçar os remédios e determinar sua verdadeira vocação. Esse é o caminho que percebe e que está sendo abraçado pela maioria das comunidades do interior do Rio Grande do Sul.

## CONHEÇA VOCÊ TAMBÉM A FORÇA DOS HÍBRIDOS BRASKALB



**Braskalb**<sup>®</sup>  
TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

# As matrizes da LBA

Com quase um ano de atraso, LBA dá continuidade ao seu programa de distribuição de matrizes suínas na região

Mais de duas mil matrizes suínas estão sendo distribuídas aos pequenos produtores da região. É a segunda etapa do projeto iniciado ainda no ano passado pela Legião Brasileira de Assistência e que envolve, através de convênios, a Cotrijuí e a Unijuí. A notícia do prosseguimento do projeto foi dado pelo próprio coordenador do Projeto de Suinocultura e Bovinocultura da LBA no Estado, Deoclides Vendrusculo que veio a Ijuí para conversar pessoalmente com os produtores interessados em receber os animais.

A LBA está liberando NCz\$ 850 mil para que a Cotrijuí adquira 2.150 matrizes suínas a serem distribuídas entre pequenos produtores de 15 municípios da região. Estão sendo beneficiados produtores de Ijuí, Jóia, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto, São Martinho, Coronel Bicaco, Braga, Redentora, Erval Seco, Vista Gaúcha, Miraguá, Tenente Portela e Três Passos.

A primeira etapa do projeto iniciou no ano passado, quando a LBA destinou NCz\$ 150 mil para a aquisição de insumos suficientes para que os produtores pudessem plantar 1 hectare de milho e 1.000 metros quadrados de alfafa. "O objetivo inicial da LBA era preparar os produtores para o recebimento das matrizes", destaca o Paulo Garcez, veterinário e gerente da Área de Produção Animal

da Cotrijuí na Pioneira. O Paulo também é responsável pela coordenação do programa a nível de cooperativa e região.

## AS MUDANÇAS

Mas não foi apenas a notícia da liberação dos NCz\$ 850 mil que trouxe a LBA até a região. Ela também veio para conversar com os produtores e explicar as mudanças que aconteceram no projeto nesse meio tempo. Primeiro, o dinheiro para a compra das matrizes era para ter sido liberado em fevereiro/março, mas só está saindo agora. Segundo, a LBA não vai mais repassar as duas matrizes programadas inicialmente. Ou seja: cada produtor terá direito a receber apenas uma matriz. Outro ponto novo para os produtores: em vez de devolverem, como forma de pagamento, apenas uma matriz, terão de devolver duas. Uma delas será devolvida 12 meses após o recebimento do animal, em igual peso e a segunda, uma leitoa desmamada de 25 quilos, 12 meses após a entrega da primeira matriz.

A LBA entende que agindo desta forma, estará propagando a atividade mais rapidamente na região. "E como a LBA não terá nenhum retorno financeiro em cima do investimento que está fazendo na região, estes animais devolvidos pelos produtores serão imediatamente repassados a novos produtores interessados em participar do programa", explicou Deoclides



Reunião: produtores discutem nova fase do projeto

Vendrusculo durante a conversa que teve com os produtores. "Desta forma, o programa não sofrerá interrupção na sua continuidade". Mas embora o programa venha beneficiar novos produtores, através do processo de multiplicação e repasse das matrizes, Vendrusculo deixou bem claro que a LBA não pretende mais financiar insumos. "Os novos produtores a ingressarem no programa não serão contemplados com a distribuição de recursos para a aquisição de insumos e formação de

pastagens. Eles receberão apenas as matrizes", reforçou.

## MELHORAMENTO NO REBANHO

Só na área de atuação da Cotrijuí, 1.700 produtores estão sendo beneficiados com o programa de distribuição de matrizes suínas da LBA, "isso sem falar no programa de piscicultura que deverá contemplar 170 propriedades na região, através da construção de açudes e distribuição de 700 alevinos por produtor", assinala Paulo Garcez. Mas o



Vendrusculo: as mudanças

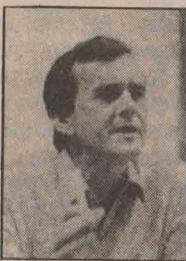
Paulo entende que o projeto de distribuição de matrizes suínas só trará benefícios para a região, na medida em que deverá contribuir para o melhoramento do rebanho existente. "São duas mil matrizes com padrão zootécnico superior ao que já dispomos na região", salienta, lembrando, por outro lado, que o programa também vai incrementar a atividade que hoje começa a se estruturar rumo a construção de um frigorífico.

Os produtores envolvidos no programa estão recebendo animais, na sua maioria, de pelagem branca, como as raças Landrace e Large White. "Não vamos distribuir animais da raça Wessex", deixou claro o Paulo Garcez, dizendo que estes estão destinados única e exclusivamente aos associados da Cotrijuí. "A produção de suínos Wessex é ainda muito restrita, incapaz de suprir as necessidades do quadro social da cooperativa", finalizou.

## SUINOCULTURA

### Mais uma ameaça

Mais uma ameaça à sobrevivência da suinocultura nacional. Assim o presidente da Associação dos Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul - ACSURS, José Adão Braun classificou a importação de 60 mil toneladas de carne suína autorizada pela Cacex, o que corresponde a seis meses do abate no Estado. A afirmação foi feita durante encontro com os produtores de suínos da região Pioneira da Cotrijuí, no dia 14 de julho em Ijuí, quando também foram apresentados os membros da Comissão Regional de Suinocultores.



José Braun

perde dinheiro com subsídios, o produtor por sua vez é altamente prejudicado, enquanto o consumidor não ganha nada, já que o preço não baixa e ele ainda corre o risco de consumir carne contaminada.

A preocupação dos produtores de suínos é fruto de uma crise recente, originada pela importação de 120 mil toneladas de carne, em 1986, quando uma redução drástica de matrizes levou a suinocultura a uma desestruturação, somente recuperada no início deste ano. O peso destas novas importações, segundo Braun, pode significar a redução de 20 a 35 por cento dos abates no Rio Grande do Sul que, no ano passado, fecharam duas mil e 220 cabeças.

## FORTELECIMENTO

O vice-presidente da região Pioneira da Cotrijuí, Celso Boltvar Sperotto, por sua vez, também lembrou a crise ocorrida a partir de 86 e a necessidade do produtor se unir cada vez mais e buscar soluções conjuntas. "Para permanecermos na suinocultura precisamos nos fortalecer", disse o vice-presidente ao justificar o projeto de implantação de um frigorífico próprio na região como suporte na produção.

Para encerrar o encontro foram apresentados todos os membros da Comissão Regional de Suinocultores e colocados à discussão os critérios de participação do produtor.

## PREJUÍZOS

Denunciando que as importações somente beneficiam algumas indústrias, o presidente da ACSURS destacou ainda que o próprio governo

## EM DEFESA DO TRIGO:

Iloxan.

Nada melhor do que defender a sua lavoura com o único graminicida pós-emergente seletivo para o trigo.

Com Iloxan, você controla a aveia, o azevém o milho invasor e seu efeito residual impede a reinfestação.

Iloxan na proteção do trigo é a certeza da multiplicação.

# Iloxan

Com a segurança **Hoechst**



# Novas administrações da região

Mais três municípios apresentam suas prioridades

## CHIAPETTA

### Apostando no transporte

Com um quadro administrativo de 240, os quais absorvem cerca de 62 por cento da receita, a Prefeitura de Chiapetta, que tem à frente o comerciante Jânio Scherer, do PDS, arrecada mensalmente algo em torno de 170 mil cruzados, entre impostos e outras taxas. "Isso é muito pouco", reclama o prefeito lembrando que a reforma tributária implantada este ano, "traiu as expectativas". Exemplo disso, segundo ele, é retorno advindo com a implantação do ITBI e do IVVC, em Chiapetta, onde o primeiro registrou apenas 800 cruzados até julho", enquanto o segundo não chegou até 20 mil cruzados". Além disso, o retorno propiciado pelo ICMS, que já começou atrasado, dificulta os ganhos das Prefeituras, diz Jânio, devido ao repasse das quotas feitas quase no final do mês.

Para compensar os índices da receita, o prefeito apega-se em um projeto, considerado por ele como o mais importante, que é a inclusão do município na Fundação de Desenvolvimento do Alto Uruguai, pela qual várias Prefeituras estão investindo parte do

ICMS - 5 por cento -, mensalmente, destinado ao asfaltamento de estradas. Por este projeto, que segundo o prefeito, vai iniciar em setembro, e tem prazo de término previsto em dois anos, deve ser recapada parte da RS-571 que liga Chiapetta até a RS-155, além de ser asfaltado o trecho que passa pelo distrito de Inhacorá e termina no município de Alegria.

#### TRANSPORTE

"Este é um projeto concreto que a Prefeitura está desenvolvendo", afirma o prefeito ao se referir a uma outra possibilidade de "melhorar o escoamento da produção e tomar o município um centro de drenagem para outros vizinhos", que seria a inclusão de Chiapetta na linha ferroviária que iniciaria em Catuípe e terminaria em Santo Augusto. "Existem estudos a respeito deste projeto", acentua o prefeito, um pouco cético, em relação a sua execução, por considerar tanto este ano, como o próximo, de transição política.

Além desses dois projetos, dos quais ele considera o primeiro como de



Jânio Scherer

grande importância pela sua continuação em investimentos na indústria, Jânio Scherer aponta ainda o desenvolvimento do projeto de Microbacia na Linha Modesta, e a conclusão do prédio da CRT, e fala ainda sobre a construção de 88 casas financiadas pelo Seac, a ampliação do Hospital Municipal. Também em andamento em Chiapetta, a municipalização da saúde, realizada em dois postos e que prevê o funcionamento do hospital através de uma administração de co-gestão municipal e estadual.

## ERVAL SECO

### Projetos para o setor primário



Osmar Borella

A nova administração de Erval Seco, que tem como prefeito o economista Osmar Borella, do PMDB, tem uma arrecadação em torno de 205 mil cruzados, nos quais estão incluídas as taxas normais mais o IVVC e o ITBI, considerados pelo prefeito como um volume insignificante. "Pouco conta para os nossos gastos", fala Borella, que soma na sua administração um quadro de 222 funcionários, os quais absorvem cerca de 45 por cento da receita.

Tendo como prioridades os setores de saúde, educação e agricultura, a nova administração se encarregou, segundo Borella, de ativar a Secretaria da Agricultura, que junto com outras entidades como a Emater, a Cotrijuí, a Unijul e a LBA, encaminha vários projetos do setor. Dois desses destacados pelo prefeito são a implementação da bacia leiteira, que atinge 500 produtores e o de suinocultura com 90 produtores.

Além disso, o prefeito cita ainda o desenvolvimento de um projeto de recuperação de solos, apoiado pela Secretaria de Agricultura do Estado, no qual o produtor está participando com o combustível usado na construção de terraços. Ele está sendo realizado na bacia do lajeado Lamedor.

"Nossa intenção é segurar ao máximo o homem no campo", salienta Borella, ao justificar estes projetos específicos da área rural como os ligados à educação e à saúde. No primeiro caso, além da ampliação do ensino primário no interior, a administração pretende ainda criar uma escola que funcione como internato. Na área de saúde, a qual conta com dois postos e o Hospital de Caridade de Erval Seco, a Prefeitura espera implantar a municipalização que já está com o plano protocolado pelo Governo do Estado.

Da mesma forma como defende a implantação destes projetos para "fixar o homem na terra", Borella diz que pretende incentivar a industrialização no município, porém, sem criar falsas expectativas. "Não adianta trazer gente para a cidade, prometer novos empregos e depois deixar todos na fila", diz o prefeito lembrando as experiências de municípios vizinhos que hoje estão enfrentando problemas de oferta de emprego ou mesmo de falência de fábricas. A industrialização, se chegar ali, de acordo com o prefeito, "vai ser sustentada com matéria-prima do local, o que evita novas saídas do campo".

## VISTA GAÚCHA

### Crescendo aos poucos

Emancipado em nove de maio do ano passado, o município de Vista Gaúcha, ex-distrito de Tenente Portela, continua com as mesmas preocupações que foram levantadas na época da campanha de emancipação, como é o caso do incentivo à agricultura local, tanto no que se refere a produção, comercialização, como o próprio lazer do agricultor", afirma o vice-prefeito Guilherme Jacinto Kosmann, eleito com Claudemir Locatelli, ambos do PMDB.

Para viabilizar estas pretensões, como várias outras referentes a saúde e a educação do novo município, a administração atual fundou a Associação de Desenvolvimento Comunitário Agrícola, que a partir de uma contribuição individual, atende as localidades ou produtores interessados em ingressar em projetos como o de retomada da bacia leiteira e de distribuição de sementes realizados com o apoio da LBA.

De acordo com o vice-prefeito, a ADCA conta atualmente com mais de 500 associados, entre os quais alguns já estão participando de projetos de construção do silo comunitário, na Linha São Miguel ou o depósito de esterco na localidade de Barreiro. Mas, além desses projetos de fomento à produção primária, o município espera ainda complementar um outro mais antigo, que é a instalação de um posto de armazenamento da Cotrijuí, o qual já possui uma área própria de dois hectares.

#### EDUCAÇÃO

Também através da ADCA, são encaminhados os planos de educação, como foi a construção de duas novas escolas municipais, além de 11

existentes e a ampliação do ensino em escolas estaduais com a criação do 2º Grau. Para atender todos os estabelecimentos, o novo município conta atualmente com 30 professores, dos quais, segundo a supervisora de ensino municipal, Ironi Ferri Wendsdonck, "apenas cinco são leigos", e devem passar logo por um curso intensivo de magistério.

Na área de saúde, de acordo com o vice-prefeito, alguma coisa já está encaminhada através da construção de mais um posto de saúde além daqueles que já existia na localidade de Bom Plano, e que conta atualmente com gabinete odontológico. Mas a administração não quer ficar apenas com o atendimento de enfermagem. Segundo Kosmann, é objetivo também o estabelecimento do atendimento hospitalar comunitário, serviço que somente vai ser concretizado quando o Hospital Beneficente de Vista Gaúcha, hoje propriedade particular, passe por meio de negociação à administração da Prefeitura.

Funcionando com aproximadamente 28 leitos, essa casa de saúde hoje realiza um serviço precário, já que o proprietário é o único profissional médico responsável pelo atendimento, além do pequeno quadro de enfermeiras. "Quando o caso é grave, tem de procurar recursos em outros municípios", conta o vice-prefeito, lembrando que caso o hospital fosse negociado, ele passaria a funcionar em convênio de filantropia e poderia ter a sua estrutura de leitos aumentada para 40 leitos.

#### ADMINISTRAÇÃO

Faz parte ainda dos planos da primeira administração de Vista Gaú-



Guilherme Kosmann

cha, a construção de um centro administrativo que sediará não somente as quatro secretarias municipais, como também a ADCA. Lá também trabalhará a maioria dos seus 60 funcionários, os quais vem absorvendo apenas 15 por cento de uma receita aproximada de 70 mil cruzados, nos quais estão incluídos os impostos e taxas tradicionais, mais os novos IVVC e ITBI, que até estão servindo para alguma coisa, segundo o prefeito.

"Para iniciar foi bom", afirma Kosmann, comentando o retorno de cinco por cento dos novos impostos e o volume de recursos que sobra para aplicações em investimentos. O primeiro deles, por exemplo, foi a compra de uma patrula que está servindo para a reestruturação de estradas abandonadas há muito tempo.

Tudo, no entanto, deve ser feito aos poucos, salienta Kosmann, ao afirmar que a administração deve investir conforme arrecada. Esse volume, mesmo que seja reduzido agrada muito Kosmann, duvidando que se o município ainda estivesse na dependência de Tenente Portela, "não conseguiria fazer quase nada do que está sendo feito hoje".

PLANTIO DIRETO

# Inverno é decisivo

Apesar do dinheiro escasso e dos altos custos dos financiamentos, a terra continua sendo um dos melhores investimentos. Afinal, contando com solo fértil e bem protegido contra a erosão, o produtor tem assegurado para muitos anos, uma lavoura capaz de se superar ano a ano em produtividade. Uma das formas mais eficientes para alcançar esta segurança é certamente o plantio direto, um sistema mais prático, econômico e conservacionista do que os tradicionais. Para ganhar com ele, no entanto, é preciso estar bem ciente de todas as práticas de manejo que o solo exige.

Por alguns anos, o departamento agrotécnico da Cotrijui Pioneira encarou o plantio direto com algumas reservas, mesmo sabendo que ele representa uma das melhores alternativas econômicas e conservacionistas para o solo. Isso aconteceu porque as primeiras experiências na região, realizadas pela Cotrijui na década de 70, não só comprovaram a eficiência do sistema, como também confirmaram a necessidade de manutenção por parte do produtor, de alguns critérios prioritários para o seu desenvolvimento como a fertilidade do solo, a rotação de culturas, a descompactação, o controle de invasoras, entre outras práticas que integram o manejo adequado do solo, e que, na época foram deixadas de lado.

Passados quase 20 anos, o produtor se vê obrigado a levar estas questões a sério, já que o cultivo contínuo do trigo e da soja levaram o solo a exaustão, bem como os custos da lavoura exigem uma produção cada vez mais eficiente, baseada principalmente no aumento da produtividade. Para alcançar este objetivo, muita discussão já foi feita, e até mesmo um programa de recuperação dos solos, hoje suspenso devido a falta de liberação de recursos por parte do Banco do Brasil, foi levado ao produtor para que ele ultrapasse as barreiras iniciais de fertilidade e pudesse se dedicar a um manejo adequado, que é a base de sustentação para quem estiver decidido a usar melhor a terra através do plantio direto.

**MANEJO CORRETO É PRIORITÁRIO**

Embora o dinheiro ainda de curto para arriscar em investimentos, muitos produtores que vinham se interessando pela recuperação do solo

de suas propriedades com recursos próprios, entraram firmes nesta proposta, buscando ano a ano a expansão do plantio direto. As primeiras tentativas surgiram no verão, quando geralmente o produtor aproveita a palha do trigo para semear a soja. Nos últimos anos, no entanto, o produtor também vem experimentando o plantio direto no inverno, com o plantio de trigo e aveia sobre a resteva da soja ou de outra planta de verão, que consiste numa das melhores utilizações do sistema, já que estas culturas têm mais facilidade de germinação.

Já a manutenção da palha de inverno, que inclui não somente a do trigo ou da aveia, mas também a da ervilhaca, entre outras é fundamental para a continuidade de implantação do sistema, porque a cobertura formada pela resteva mais a cultura de verão semeada formam a melhor resistência contra as chuvas de setembro e outubro, geralmente as mais erosivas que ocorrem durante o ano. A partir do estabelecimento dessa cobertura seca, o produtor pode programar então a lavoura da próxima safra com plantio direto, não descuidando porém de certas recomendações, como é o caso do controle de invasoras, que se não for realizado inviabiliza totalmente o uso do sistema não convencional.

**ECONOMIA DE TEMPO E SERVIÇO**

"Hoje temos plena consciência de que o plantio direto traz resultados significativos", afirma o supervisor da área de solos na região Pioneira da Cotrijui, engenheiro agrônomo Rivaldo Dhein, lembrando, contudo, que os ganhos do sistema somente aparecem se a lavoura estiver corrigida segundo análise de

solo, se os requisitos de manejo forem praticados. "A lavoura tem que estar bem limpa, livre dos inços que normalmente ocorrem e portanto sem o risco do uso do herbicida em grande quantidade", salienta o agrônomo.

Com todas estas condições em dia, que incluem o manejo correto entre os terraços, a descompactação realizada quando o solo apresenta a menor umidade, e o cultivo de culturas com sistema radicular agressivo, que agregam o solo e o torna, por isso, mais resistente ao tráfego de máquinas, o produtor pode pensar seguramente em adotar o plantio direto, ganhando, dessa forma a possibilidade de controlar até 95 por cento das perdas provocadas pela erosão.

Essa redução do processo erosivo é resultado de todas as práticas citadas anteriormente, mas principalmente do não revolvimento do solo e da permanência da palha sobre este, que fica atuando como um armazém de água e reduzindo as perdas em nutrientes e investimentos feitos na lavoura. Exemplo disso pode ser visto pela comparação do plantio na soja nos dois sistemas, onde o direto, realizado com um espaçamento de 50 centímetros revolve 20 vezes menos a terra do que o convencional.

Além de todas essas vantagens bastante conhecidas por inúmeros produtores, o plantio direto economiza ainda muito serviço, já que, ao contrário do plantio convencional em que são necessárias quatro operações — lavragem, duas gradagens e semeadura —, neste sistema, o produtor se restringe apenas a última, precisando portanto de equipamento mais reduzido, formado pela plantadeira, um trator e um pulverizador.



Plantio direto: a melhor forma de combater a erosão

**NEMATÓIDE**

## A cura pela mucuna

O uso da rotação de culturas com plantas regeneradoras do solo é uma prática de infinitos resultados, como comprova o produtor Arnaldo Dobler, proprietário de 42 hectares em Coronel Barros, Ijuí. Durante oito anos, ele vinha contabilizando sérios prejuízos com a soja plantada em uma área de 20 hectares, devido a presença de nematóides, um parasita da raiz da soja que ocorre, geralmente, em solos com grande deficiência de potássio.



Arnaldo: "o resultado foi excelente"

"O problema vinha se agravando ano a ano", conta o produtor, ao explicar que apesar da correção que fez com calcário, "as manchas que apareciam na lavoura foram aumentando até o momento em que 20 por cento da lavoura estava totalmente comprometida pelo nematóide e o rendimento chegou a zero".

Para resolver o problema, Arnaldo foi buscar orientação técnica da Cotrijui, onde ficou sabendo que o cultivo do milho intercalado com a mucuna preta poderia dar al-

gum resultado. No verão do ano passado, então, o produtor cobriu a área com milho e intercalou com ele a mucuna preta, forrageira que possui um calóide tóxico que atrai e mata o nematóide depositado na terra.

Quando chegou o inverno, Arnaldo tratou de cobrir toda a área com aveia, já que, a exemplo de outras lavouras de sua propriedade ele tinha a intenção de fazer plantio direto também na área

tratada com mucuna. Na safra de verão deste ano, o produtor já começou a comprovar os resultados da planta quando não constatou nenhum foco de ataque do parasita. "O resultado foi excelente", salienta Arnaldo ao lembrar os mais de 50 sacos colhidos por hectare, mesmo que a mucuna não tenha sido plantada em toda área, mas somente nas infestadas.

"Não plantei a mucuna em toda área, porque o preço da semente é alto e também porque existe pouca oferta na região", diz Arnaldo, lamentando ainda a impossibilidade do produtor produzir semente própria, por causa da maturação tardia que deixa a planta suscetível às geadas.

Agora, no entanto, com a terra livre do parasita, o produtor pensa em ampliar o plantio direto também no inverno, pois como ele mesmo sabe a partir das suas experiências com a soja, é a melhor forma de controlar a erosão.

# A comprovação da lavoura

Entre os produtores que já experimentam o plantio direto há vários anos, um deles é Juarez da Rosa, do distrito de Floresta em Ijuí. Na sua propriedade de 170 hectares, onde planta com o irmão Airton e o pai Sinibaldo, o plantio direto já conta com mais de cinco anos, embora o produtor faça questão de deixar claro que o sistema, enquanto lavoura, somente passou a ser adotado no ano passado. "O que se fez antes foi muito importante como pesquisa", explica o produtor preocupado em juntar todos os resultados possíveis dos pequenos lotes.



Juarez: solo fértil e pH alto para dar certo



Copetti: segurança contra chuvas erosivas



Hedio: "lucro está na redução dos custos"

De todas as pequenas experiências, que levaram o produtor a cultivar no verão 50 hectares de soja, e agora no inverno, mais 60 hectares de aveia preta com plantio direto, Juarez afirma com plena certeza que para entrar neste sistema, o agricultor tem que contar com um solo fértil e pH alto. "A terra tem que estar bem corrigida e há um bom tempo com massa verde", diz o produtor, contando que uma pequena área em que tentou o plantio direto, e a qual estava muito erodida, "uma chuva forte levou todo o lucro da plantação porque a terra não tinha nada de incorporação".

**OS MELHORES RESULTADOS**

Por causa de todos estes cuidados que aprendeu ao longo dos anos, o produtor tem hoje uma grande preocupação em fazer a correção de toda a área de planta, da mesma forma como almeja fazer plantio direto com toda ela. Este desejo de Juarez, é fruto dos resultados que vem obtendo nas suas lavouras, inclusive da aveia, onde já registrou mais de uma tonelada de grão por hectare, e da soja plantada em cima da resteva desta aveia, rendendo dez sacos a mais do que no plantio convencional.

Além dos ganhos em produtividade, o produtor ressalta ainda a economia de serviço em tempo e a redução no uso de maquinário. Aquí também ele faz mais uma defesa do sistema, di-

zendo que máquinas próprias para o plantio direto não é problema como pensam muitos produtores. Contando com quatro semeadeiras, sendo uma para trigo e aveia e outras três para soja, o produtor recomenda adaptação das tradicionais, "que é um serviço barato e pode ser feito de acordo com a lavoura de cada um". Ainda mais, se o produtor tiver uma máquina à base de sulcador e não de discos, ele pode melhorar a semeadura, diminuindo a velocidade do trator, "uma forma de não mexer muito na terra".

Apesar de todo o entusiasmo com o plantio direto, o produtor não deixa de esconder uma certa preocupação com os altos custos dos insumos como calcário, que segundo ele pode retrair a expansão do plantio direto na sua propriedade, principalmente porque este sistema exige um pouco mais de correção, embora os seus efeitos sejam mais prolongados. "É uma pena que os insumos andem tão caros", lamenta Juarez, lembrando os juros elevados que acabam inviabilizando os investimentos.

**REDUÇÃO DE GASTOS**

Eloi Sandro Copetti, também do distrito de Floresta é outro produtor que aderiu ao plantio direto, embora tenha iniciado há pouco tempo. Junto com o pai e mais um irmão, Sandro começou a utilizar o sistema no ano passado, quando aproveitou a aveia tam-

bém cultivada em semeadura direta, para plantar na resteva 40 hectares de soja. Além dessa área, os Copetti também plantaram mais 15 hectares de soja na palha do trigo. Os resultados foram diferenciados, mas compensadores, segundo o produtor, que conseguiu tirar na maior parte da lavoura 50 sacos por hectare. Em 20 hectares, a colheita não rendeu muito, porque mesmo estando a terra tratada dentro do manejo recomendado, ocorreram sérios problemas de nematóides e um grande ataque de lagartas.

Para explicar a sua adesão ao plantio direto, Sandro lembra em primeiro lugar os aspectos conservacionistas, já que o sistema deixa toda uma cobertura de palha seca, a qual, traz segurança com relação ao aproveitamento da água. "Pode chover até 500 milímetros que não há perigo de escorrimento do solo", salienta o produtor, sem esquecer de destacar o fator de economia em serviço que ele traz, livrando o produtor de muitos gastos de mão-de-obra.

"Ele é muito mais prático que o plantio convencional", reforça Sandro, que conta para este serviço, com apenas uma semeadora convencional, mas adaptada para o plantio direto de soja. Uma forma, segundo o produtor, de economizar e até de fazer o trabalho com mais segurança, pois para Sandro, até hoje não existem máquinas que atendam todos os tipos de solos.

**PLANTIO NA ÉPOCA CERTA**

Economia de combustível, mão-de-obra e conservação do solo. Estas são as razões apontadas pelo conselheiro da Cotrijui Hedio Weber, da localidade de São Jacó, em Chiapetta, para que o produtor adote o plantio direto. Proprietário de 72 hectares, o produtor experimentou o sistema há quatro anos e voltou a utilizá-lo na safra de verão passada. Dos 100 hectares de soja que plantou (parte arrendada) Hedio fez 30 hectares com semeadura direta. Esta área, como grande parte da sua propriedade, já estava corrigida em acidez e fertilidade e anteriormente tinha sido ocupada pela aveia preta e cevada para forrageira.

Como resultado, Hedio colheu 45 sacos por hectare, média que ele não considera o maior ganho do sistema, mas sim a redução dos custos de toda a plantação. "O lucro mesmo está em diminuir os custos e não produzir mais", afirma o produtor lembrando ainda que através do plantio direto o agricultor pode fazer a semeadura na época mais adequada. "A gente planta no momento em que quiser, e mesmo que aconteça uma estiagem, a palha segura a umidade do solo".

Tradicional produtor de sementes, Hedio também não encontra problema com invasoras, o que lhe permite pensar em aumentar a área no próximo verão para, pelo menos, uns 50 hectares.



# Rico ri à toa. Quem aplica Uréia no trigo, também.

Se você aplica Uréia na plantação de trigo, pode ficar seguro. Uréia é rica em nitrogênio e proporciona um desenvolvimento maior para a plantação. Sorria, você vai lucrar muito com isso.



ULTRAFÉRTIL • NITROFÉRTIL • ICC • FOSFÉRTIL • GOIASFÉRTIL

# A Feira dos 32 anos

Onze núcleos de Ijuí participaram da Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí

A oitava Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí, em de repetir o sucesso das anteriores, tem servido para reforçar a idéia de que, pelos anos na região, a diversificação das atividades agrícolas já não é mais conversa da. É uma proposta consagrada e que, ao lado do trigo e da soja, fazem a economia da região. E a Feira, indiscutivelmente, não deixa de ser a pequena amostra da variedade de produtos e subprodutos que hoje o agricultor da região volta a produzir e que desde hortifrutigranjeiros derivados da carne e do leite. Colono comprando queijo, galinha e ovos na cidade, é coisa que está ficando rara nesta região do Estado. Tudo é produzido na propriedade. Mas a Feira, tem dada uma outra conotação, tradicional: marca o aniversário de fundação da Cotrijuí.

O aniversário da Cotrijuí foi no dia 20 de julho, mas a Feira aconteceu no dia 21, num sábado. Neste dia, em cedinho, muito antes que o sol nascesse, produtores dos núcleos de Piratini, Colônia Santo Antônio, Dr. Bozano, Alcides Serves, Linha 7 Leste, Antônio do Tigre, Alto da Boa Vista, Linha 6 Oeste, Linha 4 Oeste, Arroio das Antas e Linha 4 Leste, começaram a movimentar, carregando para a cidade muitas verduras, frutas, galinhas, ovos, queijos, schimiers, salames, cucas, pães caseiros e bolos. Ah! E a famosa copa. Sem copa não é Feira, nem os consumidores.

Quando o relógio bateu 00 horas da manhã, a Feira estava pronta. Foi abrir as vendas que, num "pisar de olho", já não tinha mais galinhas, ovos, queijos e copas. Quem, naquele sábado bonito, chegou para acordar mais tarde, já não encontrou produtos da colônia derivados da carne do leite. Ao meio-dia, muito pouca coisa ainda restava para ser comercializado e, às 14,00 horas, os produtores fecharam a Feira que movimentou, em uma só manhã, o valor de 11 mil cruzados em vendas.

"O resultado da Feira foi excelente", observou a professora Clarice Dalepiane, educadora da Cotrijuí na Unidade de Ijuí, considerando no balanço econômico do país, a desvalorização salarial do consumidor e o período de realização da Feira, quase em final de ano. Também neste ano, a

exemplo dos anteriores, o consumidor da cidade deu preferência aos produtos derivados da carne e aos laticínios. "O que era de galinha, ovos, queijos, carne defumada, morcilha, lingüiça, salame, natas, saíram logo na primeira hora", salienta a Clarice que, ao lado dos produtores trabalhou na organização da Feira. Embora a Feira aconteça apenas uma vez por ano "e não chegue a criar uma clientela fixa", ela tem tradição no município. "O consumidor já sabe que todos os anos, por essa época, a Cotrijuí faz a sua Feira de aniversário".

### MAIS BARATO

Mariano Sartori, da Linha 1 Oeste, participou neste ano da Feira pela segunda vez consecutiva, mas era um dos feirantes mais animados. Também não era para menos. Pelas 9,00 horas da manhã, ele já tinha vendido todo o estoque de torresmos, morcilha e salame que trouxe de casa. A lingüiça de porco, vendida a NCz\$ 8,00 o quilo, saiu em menos de meia hora. "O pessoal só quer comprar comida", dizia ele responsabilizando o preço "mais barato", pela grande procura.

Outra feirante "tradicional" era a dona Gertrudes Commandeur, do núcleo de Piratini. Das oito feiras já realizadas, a dona Gertrudes não perdeu nenhuma. Ela também trouxe muitas verduras, frutas, derivados de massa e de carne. Satisfeita com as vendas que iam de vento em popa, a dona Gertrudes assim como o seu Mariano,

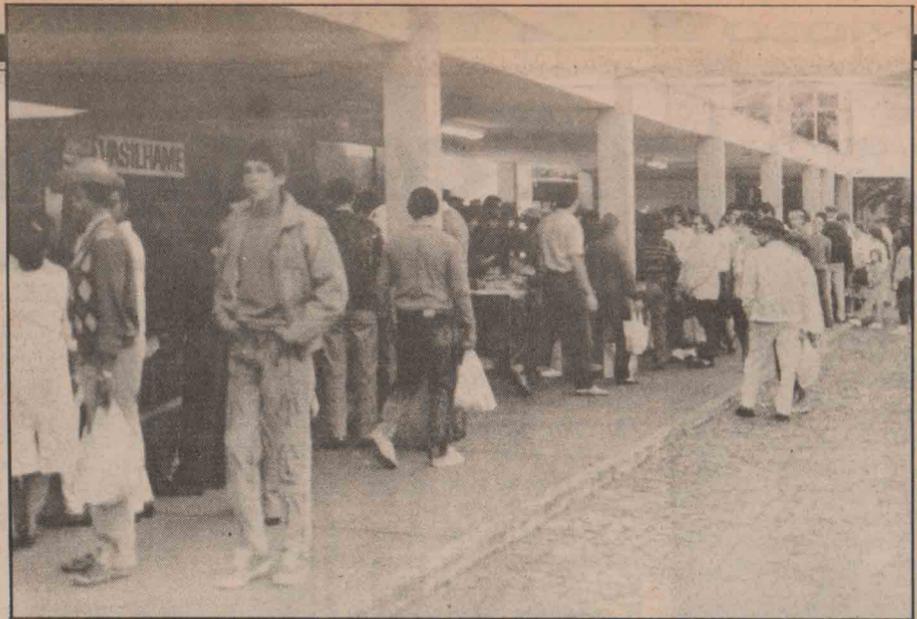


Mariano Sartori: animado



Gertrudes Commandeur: sempre presente

preferia dizer que a procura tinha a ver com o preço acessível "e também porque o pessoal da cidade gosta de comprar produtos da colônia que sejam fresquinhos". Quem também não perde uma feira já há seis anos é o seu Alcides Gelatti, de Dr. Bozano. "Se as vendas continuarem como



Feira: movimento de NCz\$ 11 mil



Doralina Cavinato: artesanato

estão, não vai sobrar nada até o final da Feira", dizia ele na metade da manhã.

Mas não é só de cucas, salames, natas e queijos que vive a Feira. O artesanato também é bem procurado. A dona Doralina Cavinato, da Linha 7 Leste marca presença com o seu artesanato de palha desde a de 1984. Ao lado da galinha — este ano ela

trouxe 12, "que não deu nem para isca", ela vendia chapéus de palha a NCz\$ 20,00, leques a NCz\$ 12,00 e arranjos de flores a NCz\$ 15,00. "Este ano até que a saída do artesanato está melhor que em anos anteriores", dizia a dona Doralina. Mas ela também admitia que o consumidor da cidade estava dando preferência para os gêneros alimentícios.

## Sabe como você pode ajudar as suas matrizes a dar crias saudáveis todos os anos e produzir muito mais?



### Saúde é peso. Saúde é lucro.

Incluindo um bom antiparasitário no manejo reprodutivo e alimentar. IVOMEC®. Este antiparasitário de última geração pode ajudar a melhorar a saúde, peso e lucratividade de suas matrizes. Use IVOMEC® antes do parto e na época da cobertura. Confira os resultados nos gráficos.

GANHO DE PESO EM NOVILHAS/103 DIAS (1)		
59,2 kg	41,8 kg	+ 17,4 kg
IVOMEC®	CONTROLE	DIFERENÇA
<small>• Semente 1 tratamento • Dose Utilizada: 1ml/50 kg P.V. • Animas: 50 novilhas</small>		

PERFORMANCE REPRODUTIVA EM VACAS TRIZADAS COM IVOMEC® ANTES DO PARTO - PORCENTAGEM DE PREZINHA (2)		
89%	75%	+ 14%
IVOMEC®	CONTROLE	DIFERENÇA
<small>• Semente 1 tratamento • Dose Utilizada: 1ml/50 kg P.V. • Animas: 145 vacas</small>		

(1) Autores: Batti, A.F.; Gettimbay, G. Nenhuma reação adversa foi observada. Sem significância estatística.  
(2) Autores: Holste, J.E.; Wallace, D.A.; Hudson, D.B. Nenhuma reação adversa foi observada. Sem significância estatística.  
• J Vet Pharmacol Therap 7: 1-16, 1984  
• Vet Record 116: 151-153, 1984 • dvm 16(10): 33-38, 1984 • Am J Vet Res 45: 2455-2457, 1984 • Proc 16 th Ann Con Am Assn Bov Pract. 69-71, 1984.



**MSD AGVET**  
MERCCK SHARP & DOHME  
Farmacêutica e Veterinária Ltda.  
Av. Eng. Faria Lima, 1515 - 2º and. - CEP 04531-361 (011) 84-3256 - São Paulo - SP

ANTIPARASITÁRIO DE ÚLTIMA GERAÇÃO  
**Você pode ver a diferença no seu gado.**

VC-48/88

\* Marca Registrada de Merck & Co. Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

(BIA-IVC-48/88)

# Encontro com a comunidade

"O Brasil de hoje ocupa o 4º lugar em produção de alimentos no mundo e o 6º entre os que mais passam fome". Os dados são do professor da Unijuf, Argemiro Brum, que esteve proferindo palestra no dia 19 de julho, na Afucotri de Jóia, durante encontro comemorativo aos 32 anos da Cotrijuf. Segundo o professor, são esses dados que revelam o atual estágio da crise econômica brasileira, agravada nos últimos anos por um governo desacreditado e isolado, e que devem ser analisados no momento em que o País se prepara para uma sucessão presidencial.

Para Argemiro, a causa dos números pode ser encontrada em três problemas principais, como a estagnação do crescimento econômico, a partir do início da década de 80, gerado especialmente pelos maciços recursos públicos aplicados na iniciativa privada e também como forma de pagamento da dívida externa, que somente em juros levou no ano passado 11 bilhões de dólares.

Além disso, continua Argemiro, vive-se por causa desta situação, um problema agudo de distribuição de renda, responsável pela marginalização econômica e social de cerca de 100 milhões de brasileiros, enquanto ao mesmo tempo, os 200 maiores grupos

empresariais do País registraram nos últimos 10 anos os seus maiores retornos financeiros.

Baseando-se nesses problemas, Argemiro chama atenção para o processo eleitoral e a responsabilidade dos aspirantes a sucessão, em passar pelo menos por três etapas: a primeira, de acordo com ele, é que o País vença a crise global até 15 de novembro; a segunda é a de que o vencedor do pleito consiga administrar a crise pelo menos até a sua posse, e por último, a mais difícil, é de que o governo, representando até agora uma esperança e uma incôgnita, consiga realmente ultrapassar todas as barreiras econômicas impostas pela crise.

## ANIVERSÁRIO

O superintendente da Região Pioneira da Cotrijuf por sua vez, ressaltou a presença de todos os presentes no encontro, devido a importância da reflexão sobre questões sérias. "Não é possível encontrar saídas sem entender os problemas da crise", disse Walter Frantz. A sua participação, no entanto, se deteve mesmo, através de um relato sobre o surgimento do cooperativismo e os retornos advindos principalmente na região. "O resultado da produção regional é justamente o reflexo daquilo que conseguimos ser", destacou Frantz, dizendo que "estes 32 anos da Cooperativa re-

fletem as nossas dificuldades e os nossos sucessos". São 32 anos de uma prática cotidiana, que deve ser entendida pela nossa produção e distribuição de riquezas".

Promovido pela Unidade da Cotrijuf em Jóia, o encontro teve a participação do prefeito Jorge Miguel Vieira Leal, representantes, associados, gerentes de unidade, funcionários, estudantes e professores.



Jóia: palestra sobre o futuro do País

## Programação esportiva

Os 32 anos da Cotrijuf não teve festas, mas nem por isso, a data passou em brancas nuvens. Em Ijuí, por exemplo, a data foi assinalada pela Feira de Produtos Coloniais, um sucesso garantido desde 1982. Já os associados da Unidade de Augusto Pestana aproveitaram o 20 de julho para uma pequena confraternização com o quadro funcional da cooperativa.

Em Jóia, dois eventos assinalaram o aniversário da Cotrijuf. O primeiro aconteceu no dia 19, em forma de painel sobre a situação e perspectivas da agropecuária no Brasil. O segundo evento aconteceu no domingo, dia 22 e constou de uma extensa programação esportiva e recreativa desenvolvida na sede da Afucotri. Essa integração, segundo o gerente da Unidade, Nelson Thesing, deve ser encarado como gerador de produção de uma cultura que, "sem dúvida alguma vem somar no aprimoramento do sistema cooperativista, na busca

constante do desenvolvimento econômico e na valorização humana". O encontro reuniu perto de 1.200 pessoas.

Esse evento esportivo contou com a participação de toda a comunidade, representada em 67 equipes que disputaram as diferentes modalidades — vôlei misto, canastra, pingue-pongue, futebol sete, futebol de salão e bocha. No final das competições, o resultado foi o seguinte: **Futebol Sete:** 1º os Veteranos Gaúchos; 2º a equipe Afum e em 3º a Afucotri. **Futebol de Salão:** 1º a equipe Ponte Preta; 2º São Pedro e em 3º a Fundação Rubem Berta. **Vôlei:** 1º Ponte Preta; 2º se classificou a Rubro Negra e 3º a Afum. **Bocha:** 1º os Veteranos Cará; 2º Cavalos Selvagem e 3º Ponte Preta. **Canastra:** 1º a dupla Altivo e Zalene; 2º Paulo A. Abreu e Dirceu Sarturi e 3º Paulo Abreu e Osmar Mensch. **Pingue-pongue:** 1º os Galponeiros; 2º Afum e 3º a Afucotri.

## LEI AGRÍCOLA

### Democratização das decisões

Ao contrário de outros segmentos da economia e da sociedade civil, em seu todo, a agropecuária continua submetida à camisa-de-força do autoritarismo que governou o país sob o arbítrio do regime militar. A democracia e a autogestão não alcançaram o campo, que continuou sob o unilateralismo das decisões de gabinete vindas de um governo habituado às decisões de força, porque, ele próprio, é fruto do autoritarismo.

São declarações do presidente da Fecotri, Odacir Klein, palestrante na reunião-almoço da Associação dos Jornalistas de Economia (Ajoerjs), realizada no dia 4 de agosto no Ritter Hotel, em Porto Alegre. O tema da palestra foi a lei agrícola, que ele considera fundamental, porque virá possibilitar a democratização das decisões, revertendo, ou liberalizando o eixo decisório dos problemas rurais, que são muitos.

Disse Klein: "Atualmente, a agricultura está enquadrada numa ditadura econômica, onde só o governo decide com meia dúzia de assessores que talvez nem conheçam como se cultiva uma horta. Na realidade, o ministro da Fazenda e sua equipe. O resultado desse centralismo decisório é a agropecuária submetida a uma visão de tesouraria, de onde se retira e não se repõe. Ou quando é repostado, é em valores defasados".

O dirigente da Fecotri considera a presença autoritária do governo como geradora de confusão, principalmente quando a sua prática contraria o discurso liberalizante do próprio governo. Salientou que no próximo dia 15 de agosto, a Fecotri entregará em mãos de líderes da bancada gaúcha no Congresso, em Brasília, o anteprojeto de Lei Agrícola da entidade, onde estão colocados pontos de vista considerados de vital importância para a sobrevivência da agropecuária do país. Ao final da palestra Odacir Klein respondeu várias questões formuladas pelos jornalistas, que compareceram em grande número à reunião-almoço.

Klein compareceu acompanhado do seu vice-presidente, Rui Polidoro Pinto e assessor econômico Paulo Roberto da Silva. Presentes também os jornalistas Silvio Peter e Silvio Corrêa, editores do jornal "O Interior", da Fecotri.

## Agora Tudo Sob Controle.

RINITE - COLI - DISENTERIA - PNEUMONIA - SALMONELLA

# DINAMAX

NOVO

### Melhora a produtividade dos suínos e aumenta os lucros.

- Revolucionária Associação: Potente Antibiótico + Sulfadimidina + Furazolidona.
- Efetivo controle e prevenção das principais doenças suínas.
- Comprovado aumento no ganho de peso e excelente melhoria da conversão alimentar.
- Pode ser utilizado em reprodutores, matrizes e leitões.
- Fácil de usar - dosagem única.
- Pode ser misturado às rações fareladas e peletizadas.

**DINAMAX**  
Tudo Sob Controle.

Belo Horizonte (031) 201-1991 • Curitiba (041) 223-8128 • Porto Alegre (0512) 42-6956  
Recife (081) 221-2651 • São Paulo (011) 241-8513



SQUIBB VETERINÁRIA

QUALIDADE  
SERVIÇO  
CONFIANÇA

# Meta: 150 mil vidros

Até o início da década, os associados da Cotrijuí só plantavam pepino para o consumo da propriedade. Apenas algum excedente era vendido na cidade. Por volta de 1982 a Cotrijuí passou a incentivar a produção de pepinos na região com um propósito: fazer conservas. O início foi modesto e a produção pequena. Mas hoje, passados quase sete anos, a Cotrijuí pensa um pouco mais alto em relação a cultura que deverá duplicar a sua produção neste verão e chegar a 150 mil vidros evasados.

Essa meta foi estabelecida e discutida pelos próprios produtores que trabalham com a cultura, numa reunião que aconteceu no dia 31 de julho, no auditório da Cotrijuí em Ijuí e que foi coordenada pelo agrônomo e supervisor da Área de Olericultura da cooperativa na Pioneira, o João Agostinho Boaro. "Mas para atingirmos essa meta estipulada, observou o agrônomo na reunião, algumas normas de produção terão que ser obedecidas regimentalmente". Ele estava se referindo a questões como escalonamento da produção, normas de recebimento e classificação e distribuição de cotas.

## CAPACIDADE LIMITADA

A produção de pepinos deverá ficar distribuída entre os meses de novembro, de-



Produção: As metas foram decididas em reunião

zembro, janeiro e fevereiro. Para atender este escalonamento, a época de plantio foi distribuída em quatro etapas, sendo que a primeira sementeira deverá acontecer no período de 1º a 5 de setembro. A segunda sementeira de 1º a 5 de outubro; a terceira de 20 a 25 de novembro e a quarta de 15 a 20 de dezembro. "Os produtores terão que obedecer a este esquema de plantio, para não se repetir o que aconteceu no ano passado, quando tínhamos uma meta elevada, mas não conseguimos cumprí-la porque o esquema de escalonamento não foi seguido à risca", observa Boaro alertando, por outro lado para o aspecto da capacidade da agroindústria da Cotrijuí. A nossa agroindústria ainda é modesta, com capacidade limitada para apenas 940 caixas de pepino por mês.

O não cumprimento do escalonamento estipulado para a safra passada, resultou, por exemplo, numa produção de 148 caixas de produto em novembro, 1.083 em dezembro, 510 em janeiro e 96 em fevereiro. "Tivemos período com excesso de produto e outros com falta de pepino, elevando o custo de produção dos vidros evasados".

A classificação é outro

ponto fundamental responsável pela qualidade do produto final. O mercado exige pepinos no tamanho de 5 a 8 centímetros de comprimento e 2 a 3 centímetros de diâmetro. Para melhor classificar seu produto, a Cotrijuí está instalando uma máquina apropriada para esta tarefa. Outra recomendação do Boaro: o produto deverá ser entregue tão logo seja colhido. "Apesar de possuímos uma agroindústria vegetal astante modesta, devemos ter todos os cuidados para que o produto final seja o de melhor qualidade", alerta dizendo que este é apenas o alicerce de uma meta maior da cooperativa na região. "O objetivo da Cotrijuí é desenvolver uma agroindústria forte".

## APROVEITAMENTO DA ESTRUTURA

Segundo Boaro, a importância da agroindústria de pepinos da Cotrijuí está centrada no fato do produtor poder aproveitar a estrutura já existente na propriedade e utilizada para a produção de alguma outra olerícola. Esta estrutura lembrada pelo agrônomo diz respeito a esquema de irrigação, transporte e mão-de-obra. "Na verdade, salienta, a produção de pepinos é mais uma alternativa para a pequena propriedade".

# A visita do Comandante da 3ª Região Militar

Na Cotrijuí, os visitantes foram recebidos pela direção

Conhecer o empreendimento Cotrijuí. Esta foi a razão que trouxe até Ijuí o general de Divisão Luís Paulo Fernandes de Almeida, Comandante da 3ª Região Militar, de Porto Alegre. O general Luís Paulo visitou a sede da Cotrijuí, onde conversou com o vice-presidente e superintendente da cooperativa na Pioneira, Celso Sperotto e Walter Frantz, respectivamente, com o diretor Agrotécnico, o agrônomo Léo Goi, com o diretor de Compras e Abastecimento, Romeu Agaton e com o gerente da Área de Produção Animal da região, o veterinário Paulo Garcez.

O grande objetivo da visita do general Luís Paulo no entanto, era para conhecer o Centro de Treinamento da Cotrijuí. "Estamos aqui para conhecer a tecnologia empregada pela Cotrijuí e trocar experiência técnica", disse o general ao se referir ao empreendimento do Exército gaúcho na área de cutelaria. "Nosso empreendimento é técnico e de eficiência na área de pecuária de corte", ressaltou. O Comandante da 3ª Região Militar de Porto Alegre visitou a Cotrijuí acompanhado pelo general de Brigada, José Luís Gameiro Sarahyba, Comandante da 16ª Brigada



Gal. Luís Paulo: troca de experiências

de Infantaria Motorizada de Santo Ângelo; do Tenente Coronel de Artilharia, Darke Figueiredo, Comandante do 27º GAC de Ijuí, pelo Tenente Coronel Médico Ubiratan da Rocha Freitas, diretor do Hospital Geral de Porto Alegre; pelo Tenente Coronel Veterinário Olívio Stocker Machado, diretor do Campo de Instrução Barão São Borja, de Rosário do Sul; pelo Tenente coronel Veterinário Paulo Alves da Silva, da Cutelaria de Rincão, São Borja; do Tenente Coronel

## DOM PEDRITO

### Comercialização de lã

Está havendo um consenso quase generalizado entre os pecuaristas da lã, em Dom Pedrito, que os produtores que entregaram a safra para comercialização pela Cotrijuí, obtiveram resultados financeiros melhores do que os que venderam a produção para terceiros. O gerente administrativo e financeiro da Regional, Sidnei Paulo Forgiarini, falando ao "Cotrijornal" sobre o comportamento da safra, em termos financeiros de liquidação, foi taxativo ao dizer que, se somarmos os valores antecipados pela Cotrijuí em moeda forte, através dos repasses feitos, os produtores que entregaram na cooperativa tiveram resultados mais compensadores.



Sidnei Forgiarini

Explicitando o pensamento, Forgiarini colocou o seguinte raciocínio: "Se estabelecermos como parâmetro demonstrativo os valores antecipados, em dólares, a cooperativa remunerou bem mais do que os barraqueiros. Basta pegar, como exemplo, a lã especial Cruza I, a 30 de março — três meses passados — a Cotrijuí repassou US\$ 3,23 pelo quilo da citada lã. A 30 de junho a cooperativa repassou mais US\$ 0,45 cents por quilo, totalizando US\$ 3,68.

Pois bem, ressaltou Forgiarini, a 30 de junho o dólar norte-americano estava cotado a Cz\$ 1,51 no câmbio oficial, e em torno de Cz\$ 3,40 no câmbio paralelo. É só fazer a conversão, em qualquer dos valores cambiais, e se alcançará a soma do que cresceram os valores adiantados.

Mas as vantagens não param aí, segundo faz questão de ressaltar o Sidnei. Insiste ele: "Como é sabido, o produto comercializado pela cooperativa ainda vai ter uma complementação de caixa. É a chamada "rapa de tacho".

## MAL DO CONTRABANDO

Quanto ao volume de lã recebido na safra, que foi de pouco mais de 508 mil quilos — portanto, inferior a previsão feita — Sidnei Forgiarini atribui aquilo que todo o mundo sabe, inclusive o próprio governo, mas ninguém faz nada para impedir ou reduzir os efeitos. É o contrabando.

Reforçando a queixa, Ruy Adelino Raguzzoni, presidente da Associação dos Agricultores e vereador (PMDB) no município, argumenta que não há qualquer controle de fronteira. E o melhor preço do outro lado (Uruguai), com o câmbio do dólar no mercado livre, estimula a prática do contrabando, com imensos prejuízos para a economia brasileira, inclusive para o próprio fisco.

E o pior é que os produtores não podem tirar proveito dessa situação, pois nem contrabandeiaram. Quem pratica o delito são os intermediários. Indiferente, ou impotente para impedir o contrabando da lã que se esvai através da fronteira, o fisco, por maior comodismo, reforça a fiscalização sobre os cereais, reclama Ruy Raguzzoni.

## COMISSÃO DA LÃ

Já o Ivo Bazilio, responsável pelo setor de comunicação e educação da Regional, está muito satisfeito com o bom trabalho que está sendo realizado pela Comissão da Lã. Ele destaca o trabalho de Flávio Espartel da Silva, coordenador de grupo, e mais os produtores Clodomiro Rosa, Ataliba Martins, Sérgio Lucas e João Silveira Dutra, como de grande importância para o futuro da lã em Dom pedrito e na própria região da Campanha, onde a criação ovina é muito praticada.

Ivo diz que isso tudo tem a ver com a democratização do trabalho da diretoria executiva, que deseja uma participação cada vez mais atuante do quadro social, em apoio ao quadro funcional da cooperativa.



O encontro: os visitantes foram recebidos pela direção da Cotrijuí

veterinário Volney Frizzo Nemitz, do Comando da 3ª Região Militar, de Porto Alegre, e pelo Major de Cavalaria José Roberto Marques Frazão, também ligado ao Comando da 3ª Região Militar.

# Cooperativas de crédito no MS

Ano após ano os agricultores enfrentam cada vez mais problemas e dificuldades em obter crédito junto às instituições financeiras para o custeio das lavouras. As perspectivas para um futuro próximo também não são muito otimistas e a política governamental para o setor tem sido reduzir gradativamente os recursos à agricultura. Assim, o produtor rural que não tem condições para custear com seu próprio dinheiro a lavoura, terá que buscar outras alternativas. A melhor opção é sem dúvida o fortalecimento do sistema cooperativista de crédito rural, já bastante desenvolvido no Sul do país e que está engatinhando no Mato Grosso do Sul.

Por iniciativa da Cotrijuf, foram criadas no mês de julho, oito cooperativas de crédito rural, uma junto a cada unidade da Regional. Para Nedy Rodrigues Borges, vice-presidente da cooperativa no MS, este é o caminho mais viável para solucionar os problemas do setor e assegurar que o empreendimento obterá êxito porque os produtores têm encarado com entusiasmo a iniciativa e sabem mais do que ninguém que hoje os altos juros pagos pelos financiamentos agrícolas, praticamente inviabilizam a atividade rural.

Mas como funcionam as cooperativas de crédito? Quais suas vantagens? Estas são perguntas que muitos

produtores fazem e simplificando a questão, pode-se afirmar que uma cooperativa de crédito rural funciona do mesmo modo que um banco, pois ela capta e aplica recursos, mas opera exclusivamente com seus associados — agricultores ou cooperativas de produção. O capital do associado é integralizado em dinheiro por ocasião da associação e incrementado quando são realizadas operações de empréstimos ou pela destinação das sobras líquidas no final de cada exercício. Esta destinação é feita em assembleia geral ordinária e o rateio é feito entre seus associados na proporção dos juros pagos por cada um.

Em resumo, a cooperativa de crédito é um banco, no qual o próprio associado é o dono e apesar do pagamento dos juros pelos empréstimos e custeios agrícolas como nas demais instituições, ele sempre será o maior beneficiado, pois os recursos gerados serão revertidos na sua atividade.

Nas assembleias de constituição das oito cooperativas de crédito rural foram eleitos entre seus fundadores, os Conselhos de Administração e Fiscal, cuja nominata ficou assim composta:

**Cooperativa de Crédito Rural de Itaporã Ltda — Credita**  
**Conselho e Administração:** Darci

Valdemir Bender, presidente; Ugo Cornacini; Darci Quequeto, tesoureiro e Imberto Ritter, Lucas Vital da Silva e José Milagres Rodrigues, conselheiros de Administração. José Gris, José Edmar do Nascimento e Primo Bigatão, integram o **conselho fiscal** efetivo. O conselho fiscal suplente está formado por Segundo Pereira, Reni Waldir Guerra e Oswaldo Cruz.

**Cooperativa de Crédito Rural de Bonito Ltda — Credibon**

**Conselho de Administração:** Nercy Soares dos Santos, presidente; José Carlos Libanore, secretário; Waldemar Roberto Kossa, tesoureiro e Nelcy Rospide Nunes, Nilton Pickler e Elio Luiz Perim, conselheiros. O **conselho fiscal** está formado pelos efetivos Omar Cunegatti, Job Sanches e Carlos Guerino. Na suplência Augusto Barbosa Mariano, Lorenzo Sganzerla e Joaquim Garcia Dias.

**Cooperativa de Crédito Rural de Caarapó Ltda — Credirural**

**Conselho de Administração:** Antônio Augusto Rubim, presidente; João Aurélio Damião, secretário; Volnei João Darin, tesoureiro e Nelson Meert, Pedro Triches e Ryuiti Matsubara, conselheiros. **Conselho fiscal:** Dilvo Antônio Parizzoto, José Morasuti e Setuo Tomonaga, efetivos. Na suplência Braz Teixeira Poças, Edio

Killian e Francisco Fumio Ueda.  
**Cooperativa de Crédito Rural de Ponta Porã Ltda — Credipan**

**Conselho de Administração:** Angelo Simão V. Pavanelo, presidente; Fernando A. B. Marques, secretário; Laurindo F. Peteunker, tesoureiro e José Henrique A. F. Filho, Artur H. S. Schneider e José Vicente Beber, conselheiros. O **Conselho Fiscal** está formada pelos efetivos Arthêmio Agostini, Luiz Colpani Sobrinho e Paulo Cesar V. Freire. Na suplência foram eleitos Roque José Lick, Ademar T. Matsuda e Peri José Dolci.

**Cooperativa de Crédito Rural de Sidrolândia Ltda — Credilândia**

**Conselho de Administração:** Paulino Stralio, presidente; Valquírio Rossato, secretário; Nilo Cervo, tesoureiro e Getúlio Rodrigues de Brito, Idemar Miotto e Valdeci Oli Martineili, conselheiros. **Conselho Fiscal** — Olegário Falcão Filho, Laurindo Luiz Girandelo Stefanello e Wilson Libero Olibone, efetivos. Na suplência do conselho fiscal, estão Noé da Silveira Peixoto, Marco Antônio de Souza e Jorge Luiz Rebeschini.

**Cooperativa de Crédito Rural de Maracaju Ltda — Credimara**

**Conselho de Administração** — Germano Francisco Bellan, presidente; Antônio Schneid, secretário; Telmo

Rovero Roos, tesoureiro e Realdo Cervi, Lourenço Tenório Cavalcanti e Ake B. Van Der Vime, conselheiros. **Conselho Fiscal** — formado pelos efetivos Jorge Landefeld da Silva, Ari Abraão Viapiana e Walter Limberger. Na suplência estão Waldemar Stragliotto, Lotário Beckert e Sérgio Anônio Zanchett.

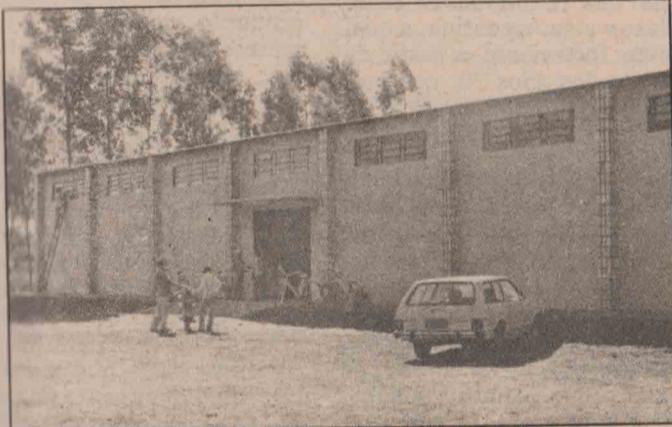
**Cooperativa de Crédito Rural de Rio Brilhante Ltda — Credirio**

**Conselho de Administração:** Oscar Luiz Giuliani, presidente; Jair Gregório Alves, secretário; Darci Alessio, tesoureiro e Alceu Luiz Vicenzi. Cássio João de Marco e Anselmo Basso, como conselheiros. **Conselho Fiscal** — efetivos: Alfredo Antunes Soares, José Grotto Bellé e Giuliano Cuel. Suplentes: Luiz Carlos Meazza, José Vilmar Pivetta e Francisco Augusto Melo.

**Cooperativa de Crédito Rural de Dourados Ltda — Credidourada**

**Conselho de Administração:** Frederico Antônio Stefanello, presidente; Antônio Batista Barros, secretário; Fiori José Pellegrini, tesoureiro e Ivo José Basso, Lúcio M. Silveira e Dimas Matias, conselheiros. **Conselho Fiscal**, formado pelos efetivos Nivaldo Krüger, Mário José Cassol e Avelino Ruaro, Rudi Eberhardt, José Mello e Danilo Fasolin Zanatta, são os suplentes.

## Douradina ganha mercado



A nova loja: sistema de auto-serviço

No mês de julho foi inaugurado mais um supermercado da Cotrijuf no Mato Grosso do Sul. A nova loja, com 300 metros quadrados, possui sistema de auto-serviço, um setor de peças e ferragens e está localizada junto ao posto de Douradina. Para o associado Cláudio Pradella, a construção do supermercado foi uma vitória, pois há muito tempo que os produtores vinham pedindo a loja, principalmente porque em Douradina não existe similar e qualquer peça ou ferragem que o agricultor precisava tinha que obrigatoriamente comprar em Rio Brilhante ou Dourados, percorrendo sempre uma distância de 30 ou 40 quilômetros do município.

Por causa destas dificuldades, lembra Pradella, que é também membro do Conselho de Administração da Regional, vínhamos solicitando a construção do supermercado há mais de oito anos e agora finalmente vimos atendida nossa reivindicação. Todos os associados de Douradina estão muito satisfeitos, continua ele, porque agora todos vão ganhar tempo e dinheiro, uma vez que sempre que se precisar de alguma coisa para a lavoura, podemos comprar aqui mesmo.

A construção da loja representa também uma conquista, considerando-se o passado recente do posto. Douradina, lembra Pradella, enfrentou anos difíceis e quase foi desativado, mas com o apoio do quadro social, os problemas foram solucionados e hoje é um dos melhores postos da cooperativa no Estado, conclui o associado.



**COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.**

Para seguros de: INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Itujubá: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - Fone 33-50-32

## PROTEJA SEU INVESTIMENTO.



## APLIQUE NA BRUSONE.

MANZATE® é a maneira mais inteligente e econômica de controlar a brusone que ameaça seu trigo. MANZATE® é um fungicida protetor de ação imediata que controla também a helmintosporiose. Não deixe a brusone comprometer seu investimento. Aplique MANZATE® no seu trigo. Depois você aplica o lucro onde quiser.

**MANZATE®**



# O desafio da produtividade

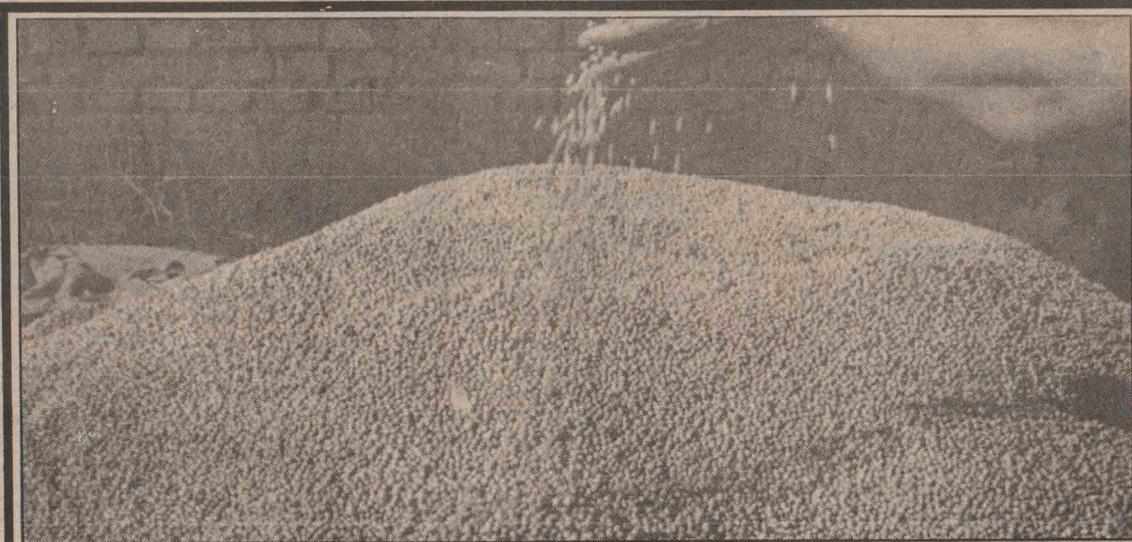
Argemiro Luís Brum  
Montpellier — França

Vivemos de fato neste início de junho, uma situação completamente contrária àquela vivida há um ano. Assim, apenas para lembrarmos os fatos, destacamos que no dia 7 de junho de 1988 a cotação do grão de soja estava em US\$ 8,82/bushel, a do farelo em US\$ 280,50/tonelada curta, e a do óleo em US\$ 25,96 centavos de dólar/libra-peso na Bolsa de Cereais de Chicago. Tais cotações subiriam ainda mais no transcorrer daquele mês como todos estão lembrados. Hoje, 07 de junho de 1989 (exatamente um ano após), no momento em que escrevemos este artigo, as referidas cotações estão respectivamente em US\$ 7,11/bushel; US\$ 207,30/tonelada curta; e US\$ 21,16 centavos de dólar/libra-peso (veja a tabela n° 1 que acompanha este artigo).

Um outro ponto que confirma a diferente realidade que vivemos hoje é o fato de que, por enquanto, apesar dos receios generalizados, o clima nos Estados Unidos está bom para as safras de verão (sobretudo milho e soja) que se desenvolvem neste momento naquele país. No ano passado, nesta época, era exatamente o contrário que se passava.

A situação está tão diferente que hoje os preços futuros para outubro e novembro de 1989 (época do nosso plantio segundo as diferentes regiões do país) apontam para cotações ainda mais baixas do que as existentes neste início de junho (veja a tabela n° 2 que acompanha este artigo). Assim, o grão de soja está cotado em apenas US\$ 6,31/bushel, o farelo em US\$ 186,70, e o óleo em US\$ 21,73 centavos de dólar/libra-peso. Com exceção do óleo de soja, subproduto que o Brasil exporta pouco (cerca de 30 por cento e mesmo menos, do total produzido), os outros dois componentes do chamado "complexo da soja" indicam uma grande diferença entre o preço do dia e o preço dos meses futuros. Situação bem diferente da registrada no ano passado ao fazermos o mesmo raciocínio! Na época, apenas o farelo registrava uma pequena diferença negativa para o futuro. Isto significa dizer que a tendência dos preços, em condições normais de clima nos EUA, é de continuarem a cair no que tange ao grão e ao farelo de soja.

Tal realidade demonstra que o mercado comprador, como já escrevemos em diversas oportunidades, não se mantém com preços elevados e busca rapidamente uma paridade razoável. Lembramos que em se tratando da Europa tal paridade, atualmente se situa em torno de US\$ 6,00/bushel para o grão e US\$ 170,00/tonelada curta para o farelo. Mas esta realidade in-



*Durante o mês de maio o mercado internacional da soja reforçou sua tendência baixista. No artigo do mês de maio fizemos um balanço dos acontecimentos neste mercado e, na oportunidade, construímos duas tendências possíveis no que diz respeito ao comportamento futuro dos preços da soja em Chicago: uma indicando a continuidade da queda das cotações até os níveis considerados hoje "normais" pelo mercado e uma segunda considerando a possibilidade de os preços se recuperarem.*

dica igualmente que, caso o clima nos Estados Unidos se mantiver normal, a tendência do mercado é de chegar a cotações ainda mais baixas até o final do ano.

De fato, fora o clima, que pode jogar como fator alísta no mercado, atualmente poucas notícias existem que possam puxar para cima novamente as cotações do mercado internacional. Assim, a pressão dos fatores baixistas é hoje bem mais importante. Dentre estes fatores destacamos: a) o ato de a colheita brasileira ainda ter sido muito pouco negociada pelos produtores forçará uma maior oferta do produto nacional no mercado externo tardiamente; b) tal pressão das vendas brasileiras deverá coincidir, se o clima deixar, com as informações de boa colheita nos EUA, a qual se realiza em setembro/outubro próximos (neste sentido o departamento de agricultura norte-americano — USDA — já anunciou como previsão de safra uma colheita de soja de 53,04 milhões de toneladas contra 41,8 milhões no ano passado, e de milho em 199,39 milhões de toneladas contra 124,99 milhões no ano passado).

Estes dois fatores conjugados deverão puxar ainda mais o mercado para baixo neste segundo semestre que se aproxima. Sem falar que a produção norte-americana poderá ser maior do que esta até aqui prevista, pois se o clima for bom nos EUA, a produtividade poderá surpreender.

Além disso, os graves problemas políticos da China e a morte de Khomeiny no Irã tendem a jogar um papel nega-

tivo no mercado desta vez. No primeiro caso porque as principais potências ocidentais começam a cortar suas exportações em direção a China, de forma a pressionar o regime a executar as mudanças exigidas pela população.

Assim, temos até aqui um quadro pintado basicamente sob o ângulo de informações conjunturais, fato que o coloca igualmente em instabilidade, pois a conjuntura se modifica rapidamente. Frente a isto, nos parece interessante avançarmos agora nossa análise para os fatores estruturais.

Neste contexto, salientamos aqui apenas um ponto chave. Para tanto, retomamos nossa antiga posição já expressa em outras oportunidades. O mercado internacional da soja tende, salvo em ocasiões esporádicas como o foi no ano passado e em 1983, a trabalhar com cotações baixas. Tais cotações, em função das fortes modificações na demanda e do contínuo crescimento da oferta mundial, se situam hoje entre US\$ 6,50 e US\$ 5,50/bushel e talvez abaixo disto no que tange ao grão de soja.

## A PRODUTIVIDADE: O FATOR LIMITANTE DO BRASIL (\*)

Iremos aqui realizar uma comparação entre os quatro principais produtores mundiais de soja: EUA, Brasil, China e Argentina, durante um período compreendido entre 1945 e 1985, pois os mesmos representam hoje cerca de 92 por cento da produção mundial de soja.

Entre 1945/48 e 1983/85, a produção mundial média de soja passou de 15,1

milhões de toneladas para 89,4 milhões de toneladas. Deste total, no mesmo período, a produção dos EUA passou de 5,2 milhões para 50,4 milhões de toneladas; a do Brasil, que começou realmente no início dos anos 50, passa de praticamente nada a 16,1 milhões de toneladas; a da China ficou estabilizada em torno dos 10 milhões de toneladas; e a da Argentina, a qual cresce fortemente a partir da metade dos anos 70, que inexistia em 1945/48 chega a 5,7 milhões de toneladas em 1983/85.

Ora, nos 40 anos compreendidos entre estas duas datas acima destacadas, a área mundial cultivada com soja cresceu de 12,7 milhões de hectares para 51,2 milhões de hectares. Isto significa um aumento médio anual de 3,8 por cento, o que permitiu quadruplicar a área total no período.

Em termos de país, os EUA aumentaram a sua área média plantada com soja de 4,27 milhões de hectares (1945/47) a 25,6 milhões de hectares (1983/85). Isto significa um crescimento médio anual de 4,8 por cento que resultou em uma multiplicação por seis da área total no período.

Já o Brasil, que começa a cultivar a soja de forma significativa no início dos anos 50, aumenta sua área cultivada com esta oleaginosa

de forma significativa entre 1952/54 e 1983/85. A mesma passa, no período, de 68.000 hectares a 9,2 milhões de hectares, o que representa um aumento médio anual de 17,2 por cento.

Por sua vez, a China, o primeiro produtor e exportador mundial de soja no início do século, vê sua área com soja crescer muito pouco entre 1946/48 e 1983/85. A mesma passa de 6,5 milhões de hectares para 7,6 milhões, o que representa um aumento médio anual de apenas 0,4 por cento no período.

Enfim, a Argentina, que começou a cultivar a soja de forma importante em meados dos anos 70, atinge uma área média plantada de 2,7 milhões de hectares em 1983/85. O crescimento médio anual de área plantada com soja na Argentina registra 32,6 por cento entre 1960/62 e 1983/85, o que significa duas vezes mais rápido do que o Brasil em um espaço menor de tempo.

Assim, no período 1983/85 os EUA representavam 50 por cento da área cultivada com soja no mundo e 56 por cento da produção mundial. O Brasil representava cerca de 18 por cento da área mundial e 18 por cento da produção mundial. A China, representava 15 por cento da área e 11 por cento da produção, enquanto a Argentina representava 5,2 por cento da área mundial plantada com soja e 6,3 por cento da produção mundial desta oleaginosa.

Assim, a produtividade de por hectare da soja no mundo apresentou um crescimento médio anual de 0,95 por cento entre 1945/47 e 1983/85. Isto significa dizer que a mesma cresceu 42 por cento no período, passando de 1.230 quilos/hectare em 1946/48 para 1.751 quilos/hectare em 1983/85.

Neste contexto os EUA obtiveram um aumento global de produtividade de 60 por cento no período, o que representou um aumento anual médio de 1,25 por cento. Assim, a produtividade norte-americana passou de 1.230 quilos/hectare em 1945/47 a 1.970 quilos/hectare em 1983/85.

No Brasil, a produtivi-

**TABELA N° 1 - COMPARATIVO DAS COTAÇÕES DO "COMPLEXO SOJA" NA BOLSA DE CHICAGO (junho 1988 e junho 1989)**

	07.06.1988	07.06.1989	Diferença
Grão (US\$/bushel)	8,82	7,11	- 1,71
Farelo (US\$/tonelada curta)	280,50	207,30	- 73,20
Óleo (centavos de dólar/libra-peso)	25,96	21,16	- 4,80

Fonte: O autor com base em dados da publicação "La Dépêche Commerciale et Agricole" de Paris.

**TABELA N° 2: COMPARATIVO DA COTAÇÃO ATUAL COM A COTAÇÃO FUTURA NA BOLSA DE CHICAGO (cotações fixadas em junho de 1988 e junho de 1989)**

	GRÃO (US\$/bushel)	FARELO (US\$/T. curta)	ÓLEO (centavos de dólar/libra-peso)
<b>07.06.1988</b>			
1) Cotação do dia	8,82	280,50	25,96
2) Cotação futura (*)	8,90	274,50	26,52
3) Diferença (2-1)	+ 0,08	- 6,00	+ 0,56
<b>07.06.1989</b>			
1) Cotação do dia	7,11	207,30	21,16
2) Cotação futura (**)	6,31	186,70	21,73
3) Diferença (2-1)	- 0,80	- 20,60	+ 0,57

(\*) Novembro de 1988 para o grão e outubro de 1988 para o farelo e o óleo de soja.

(\*\*) Novembro de 1989 para o grão e outubro de 1989 para o farelo e o óleo de soja.

Fonte: O autor com base em dados da publicação "La Dépêche Commerciale et Agricole" de Paris.

# Fator limitante à sobrevivência

da soja cresceu bem mais, embora em um período mais curto. Assim, ela passa de 1.523 quilos/hectare em 1982/83 a 1.747 quilos/hectare em 1983/85. Isto significa um crescimento de 15 por cento no período e de 0,45 por cento em média por ano.

Já na China, onde atualmente a produtividade é a mais baixa entre os quatro países considerados, a mesma cresceu de 1.183 quilos/hectare em 1946/48 para 1.426 quilos/hectare em 1983/85. Isto representa um crescimento global de 20 por cento no período e um aumento médio anual de produtividade de 0,5 por cento.

Enfim, temos na Argentina o avanço mais espetacular deste grupo de países produtores. Entre 1960/62 e 1983/85 a produtividade da soja passou de 1.037 quilos/hectare a 2.120 quilos/hectare (em 1984 a produtividade alcançou 2.601 quilos/hectare). Isto significa um aumento global de 104 por cento no período e de 3,15 por cento de aumento médio anual.

Avançando ainda um pouco mais na análise podemos realizar uma relação entre o aumento de área plantada e a produtividade.

Assim, graças a cons-

trução de certos cálculos econômicos chega-se às seguintes constatações (\*\*):

1) Verifica-se que, do aumento total de produção de soja no mundo, que foi de 73,8 milhões de toneladas entre 1946/48 e 1983/85, 64 por cento (isto é, 47 milhões de toneladas) pode ser atribuído ao aumento da área plantada em hectares e 36 por cento (isto é, 27 milhões de toneladas) ao crescimento da produtividade por hectare.

2) Nos EUA, a produção cresceu de 45,2 milhões de toneladas entre 1945/47 e 1983/85. Deste crescimento total, 58 por cento (26,2 milhões de toneladas) se deve ao crescimento da área plantada enquanto 42 por cento (18,9 milhões de toneladas) se deve ao crescimento da produtividade por hectare.

3) No Brasil, a produção cresceu de 16 milhões de toneladas entre 1952/54 e 1983/85. Entretanto, ao contrário do que se passou nos EUA e sobretudo na Argentina como veremos adiante, apenas 13 por cento deste crescimento se deve a um aumento da produtividade enquanto 87 por cento se deu em função do aumento da área plantada, graças ao avanço da cultura da soja em direção às chamadas "novas fronteiras agrícolas" l

4) Na China a influência da produtividade chega a ser negativa em determinados momentos. Entretanto, em função das características peculiares deste país, em muitos momentos a variação da área plantada acabou compensando o recuo da produtividade anual do país em soja. Mas o resultado é evidente: a produção chinesa estagnou e hoje o país está inclusive importando soja e derivados em determinados períodos.

5) Enfim, a Argentina registra um aumento de produção de quase nada em 1960/62 para 5,7 milhões de toneladas em 1983/85. Neste período, 49 por cento do aumento registrado na produção se deve ao crescimento da área plantada com soja e 51 por cento ao aumento da produtividade. Proporções que são relativamente constantes nestes últimos anos.

Ora, tais resultados nos permitem afirmar que o Brasil, no momento em que o mercado internacional vem, em condições normais, se estabilizando em torno de cotizações baixas relativamente ao que existia nos anos 70, a produtividade é um fator limitante à sobrevivência do produtor de soja. Aqueles produtores que possuam grandes extensões de terra conseguiram até

aqui se manter em função de que o volume produzido é maior e porque uma maior extensão de área cultivada permitia o acesso a um maior volume de crédito subsidiado, porém, aqueles com pequenas extensões de terra se vêem a cada ano que passa, e hoje mais do que nunca, em difícil situação, pois não possuem estas duas vantagens. Isto os coloca frente a duas alternativas: ou os preços são muito bons ou a produtividade deve melhorar significativamente.

Ora, em média geral a nossa produtividade é baixa, sobretudo no Rio Grande do Sul (1.550 quilos/hectare contra 1.850 quilos/hectare no país nos últimos anos). Isto inclusive junto aos grandes produtores. Assim, o problema da competitividade da soja começa a atingir igualmente ao grande produtor, atualmente, na medida em que os subsídios oficiais à produção começam a ser retirados em função da crise econômica que vive o país.

Enquanto isto, os nossos concorrentes diretos, EUA e Argentina, possuem atualmente bem mais condições de fazerem frente a uma baixa prolongada nas cotizações médias anuais no mercado internacional graças a um efeito maior da produtividade na

produção global da soja.

Este, embora não sendo o único, é um dos maiores desafios que temos pela frente se desejarmos nos manter na atividade de forma competitiva e no mercado internacional de forma contínua sem dependermos constantemente das variações das cotações, como atualmente ainda é o caso para a grande maioria.

Para aqueles produtores que infelizmente não conseguem elevar seu nível de produtividade, sobretudo em se tratando dos com pequena extensão de terra, a eliminação da atividade e talvez da propriedade poderá ser o duro resultado desta realidade, fato que engrossará as fileiras do êxodo rural e conseqüentemente daqueles que lutam atualmente por terra no país.

## NOTAS:

(\*) Cf. BOER, C. W. M. den. - Soybeans: the structure of International production and trade 1945-1985 - Amsterdam: CEDLA, 46º Congresso Internacional de Americanistas, julho de 1988 - 23 p.

(\*\*) Os seguintes cálculos são desenvolvidos para se chegar aos resultados citados:

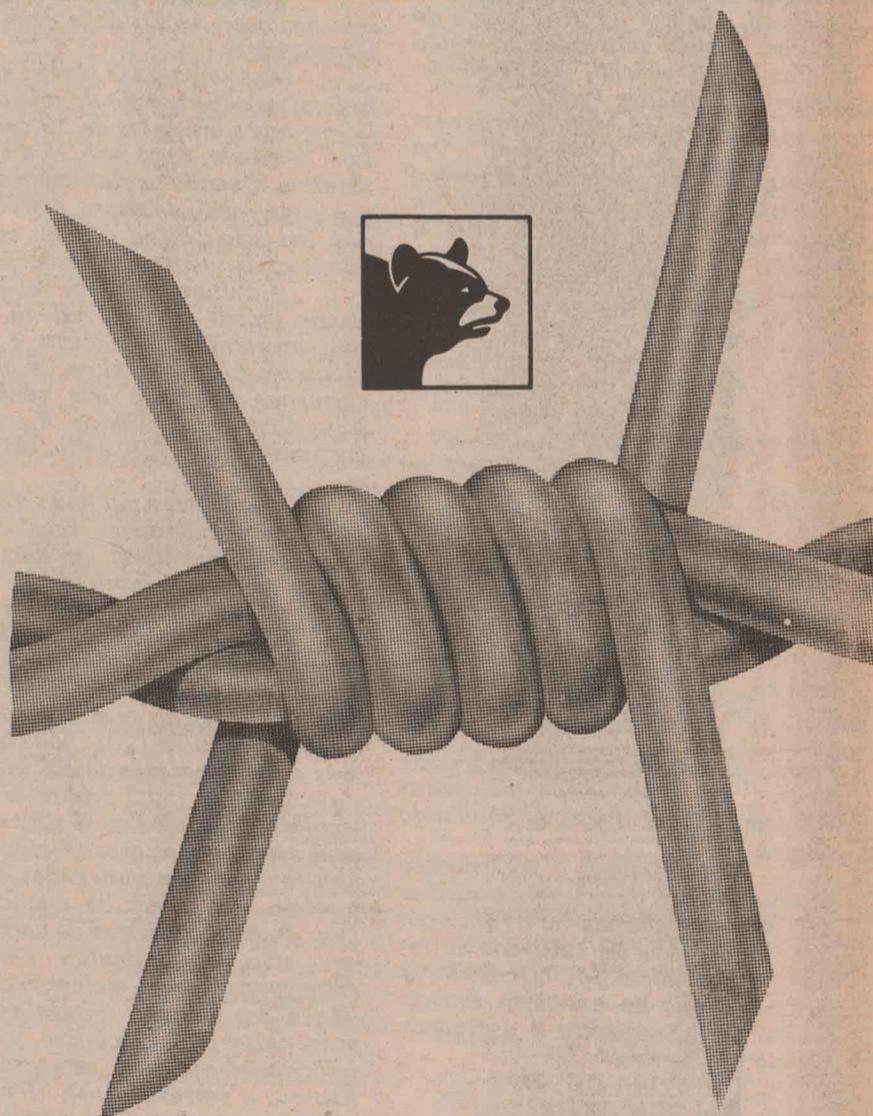
$\Delta Pa = Pa - P$   
 $\Delta Py = \Delta P - \Delta Pa$   
 onde: P = produção; A = área; Y = produtividade por hectare;  $\Delta P$  = mudança na produção;  $\Delta Pa$  = mudança na área plantada (supondo constante a produtividade por hectare);  $\Delta Py$  = mudança na produtividade por hectare ( $\Delta Py = \Delta P - \Delta Pa$ ).

## Urso garante a cerca na garra.

O arame farpado Urso tem fios finos galvanizados, de alta resistência e baixo peso.

E são enrolados com torção invertida em cada farpa, evitando seu deslocamento, mantendo o arame sempre firme e sem tensões por muito tempo.

Para uma cerca resistente, econômica e descomplicada, você precisa dessa garra que só Urso tem.



SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.  
 Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS - CEP: 93200 - TEL.: (0512) 73-1288.  
 COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA.  
 Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 23568 - TEL.: (021) 305-1515.  
 SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.  
 BR 232, Km 12,7 - Recife - PE - CEP: 50791 - TEL.: (081) 251-3488.



PP 026/89

# Soja: no Brasil desde 1880

Os livros de história dizem que se cultivou soja no Brasil pela primeira vez, a partir de 1930. Esta reportagem prova que já em 1880 a leguminosa foi cultivada na Bahia. E no final do século XIX era cultivada no Rio Grande do Sul, no município de Dom Pedrito

Raul Quevedo — POA

Quando se cultivou soja no Brasil pela primeira vez? E qual foi o Estado ou região pioneiro desse cultivo? Os livros de história afirmam que foi a partir de 1930, no Estado de São Paulo, fruto de sementes remetidas diretamente da China pelo diplomata brasileiro, Raul Bopp, por sinal, gaúcho, adido naquele país.

Ele teria enviado os grãos através de seu colega, Alencastro Guimarães, que à mesma época, servia na Mandchúria. Este teria repassado os "exóticos" grãos ao então secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, agrônomo Fernando Costa, que por sua vez, encarregou-se de redistribuir as sementes pelos vários viveiros cultivados por aquela pasta agrícola.

Já outros afirmam que o Estado pioneiro foi o Rio Grande do Sul, porém, a partir de 1940, quando aqui chegou, vindo da Polônia, o cientista agrícola Stanislaw Biezanko (que depois se celebrizaria) trazido pela Secretaria da Agricultura gaúcha, e sendo destacado para a região de Santa Rosa.

Pois nenhuma dessas versões é verdadeira. Pelo menos do ponto-de-vista experimental, o Brasil já cultivava a planta no ano de 1880, no estado da Bahia. E provavelmente, pela mesma época, também no Rio Grande do Sul, com plantas cultivadas na região da Campanha gaúcha, precisamente, no município de Dom Pedrito.

Tal afirmação é resultado de pesquisa feita pelo "Cotrijornal", na imprensa do início do século. A fonte é a Revista Agrícola do Rio Grande do Sul, edição de julho do ano de 1901. A publicação, que circulou de 1897 a mais ou menos 1910, era editada em Pelotas, tendo por diretor o consagrado agrônomo do "Lyceu Agrônomo do Rio Grande do Sul" (atual Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel"), dr. José Cypriano Nunes Vieira.

## AGRONÔMICO DE CAMPINAS

O mais antigo nome brasileiro vinculado à soja, em nosso país, parece ser o do dr. Gustavo d'Utra, diretor do Instituto de Agronomia de Campinas, São Paulo. Segundo artigo publicado pelo dr. Guilherme Minssen, na citada Revista Agrícola, edição de 31 de julho de 1901, d'Utra experimentou a cultura da soja na Bahia, a partir do ano de 1880, com êxito, tendo repetido a experiência por vários anos. Segundo d'Utra, que era lente do instituto campineiro, "a soja tem se adaptado maravilhosamente aos climas de São Paulo e Bahia".

Após descrever a leguminosa em seus diversos detalhes e aconselhar "que a planta não suporta o frio, e por esse motivo, deve ser cultivado no verão", o articulista faz referência ao cultivo da soja no município de Dom Pedrito, pelo agricultor e agrônomo, Alberto Wellhauser.

## CULTURA DA SOJA EM DOM PEDRITO

Quem nos fornece detalhes sobre a cultura da soja no município fronteiriço de Dom Pedrito, é o próprio dr. Alberto Wellhauser, em pormenorizada correspondência endereçada à revista. O agrônomo, que além de diligente pesquisador e ensaísta de novas cultivares, era também um bom articulista, deixou o seguinte registro para a

história da soja no Rio Grande do Sul: "Ilustre redator da Revista Agrícola. Fiz, no ano passado (1900), um ensaio com o cultivo da soja, cujos resultados, passo a relatar:

A soja é uma das culturas que maior vantagem apresentam ao agricultor. O grão serve tanto para a alimentação do homem como para os animais; estes últimos, comem a palha, verde ou seca, com avidez. A soja prepara admiravelmente a terra para os cereais, por ser uma planta capinada e por enriquecer o solo de azoto. Enterada na época da florescência, a soja é um adubo de primeira ordem. Resiste bem a seca e pode ser plantada desde setembro até janeiro.

Não é, como outras leguminosas, atacada por inúmeras doenças. Dá colheitas abundantes, mesmo em terras fracas. Por essa razão, deve ser experimentada em toda parte. A não ser o tremoço amarelo, a soja é o grão mais rico em azoto que se tem cultivado até agora.

Para dar idéia do valor alimentício da soja, basta ver uma simples comparação com o milho:

	Proteína	Materiais graxos	Amido açúcar	Água
Milho	10.1	4.7	68.6	12.7
Soja	33.4	17.6	29.2	10.8

Esses números falam por si, sem nenhuma necessidade de maiores comentários.

No ano passado plantei em terra boa, pequena porção de soja amarela em regos distantes de 50 centímetros, deixando, de pé a pé, 25 a 30 centímetros. Quando as plantinhas chegaram a um palmo de altura, mais ou menos, dei uma capina à mão; uma segunda capina tornou-se desnecessária.

A cultura, como se vê, é fácil. Houve grande seca no período, mas a soja apresentou-se robusta e sadia. Alcançou 60 centímetros de altura e carregou, de modo que conhecidos meus ficaram admirados. A produção correspondeu a 2.800 quilos por hectare.

Já plantei e continuo a plantar, neste ano, quantidade regular desta apreciável leguminosa, que parece destinada a ocupar, futuramente, na lavoura do Estado, um lugar de destaque. Assinado, dr. Alberto Wellhauser, Dom Pedrito, Rio Grande do Sul.

## ENSAIOS COM TRIGO

Em edição de meados de junho do mesmo ano de 1901 (não conseguimos averiguar o mês da edição), a Revista Agrícola tinha publicado correspondência de Alberto Wellhauser, na qual este relatara experiências que vinha fazendo com variedades de trigo, também em terras do município de Dom Pedrito. Pelo teor da carta, vê-se que além de agricultor adiantado, preocupado com o melhoramento genético das plantas, tratava-se de homem culto, pois, inclusive, mantinha relacionamento com fornecedores da França, e provavelmente, técnicos residentes naquele país. A carta:

"Dom Pedrito, 24 de abril de 1901. Ilustre redator da Revista Agrícola:

Conforme vos prometi, comunico-vos nesta carta o resultado de poucas experiências que fiz, no ano passado, de trigos de proveniência e qualidades diferentes.

A afamada casa Valmorin, de Paris, me forneceu duas variedades: "Baltel e Blé blanc à paille raid". Heine, de Hadmersleben, me mandou trigo Bordeus, de verão, variedade criada por este conhecido produtor (. . .). Recebi também outra variedade de trigo, o "Tucense", que me veio da Lombardia, um Barletta, de Rosário (Argentina), e, finalmente, o trigo de Montevideu (Uruguai), sem caráter uniforme.

Além destes trigos de procedência estrangeira, experimentei também um trigo crioulo, que ocasionalmente, colhi na Estação Cerrito.

A terra de que dispunha para estas experiências era de qualidade inferior, muito argilosa e tão plana que tive de prepará-la em canteiros, para minorar as más consequências das chuvas, abundantes no inverno.

Comecei nos primeiros dias do mês de junho (de 1900), semeando de 15 em 15 dias as mencionadas variedades, sendo as últimas sementeiras feitas no final do mês de agosto.

O inverno não foi rigoroso, não houve quase geadas, e as variedades sul-americanas se desenvolveram muito bem; do mês de novembro em diante elas foram atacadas pela ferrugem, mas se mostraram bastante resistentes. Finalmente, deram uma colheita satisfatória.

## FERRUGEM E CLIMA

Os trigos europeus, com exceção do italiano, tiveram um desenvolvimento muito vagaroso. Ficaram meses na terra, quase sem crescer, e sofreram muito da ferrugem. Este pouco desenvolvimento fez com que as ervas tomassem conta do terreno e que a colheita fosse quase nula. Salvaram-se alguns canteiros, que, sendo plantados em linhas, puderam ser capinados. Mesmo assim, as plantas apresentaram-se tão doentias, que nem procedi a colheita.

Entre os trigos mencionados distinguiram-se o italiano (Tucense, da Lombardia) e o crioulo do Cerrito. Este, principalmente, com vegetação soberba e espigas perfeitas. Vários conhecidos meus que se interessam pela cultura do trigo, ficaram admirados em ver o tamanho das espigas e a qualidade dos grãos.

Não quero concluir esta carta sem comunicar-vos a minha opinião sobre a época da sementeira e a variedade a escolher. O clima riograndense é tão inconstante que não se pode dar um conselho geral sobre a melhor época da plantação.

Se o inverno for rigoroso, com freqüentes geadas, serão vantajosas as plantações do cedo, desde o fim de maio até junho. Do contrário, as sementeiras retardadas até o mês de julho, e até agosto, serão mais rendosas. O meio mais prático será não plantar tudo de uma só vez (e variedade), mas em diversas épocas.

Parece provado que as variedades tenras norte-européias, não se prestam para serem cultivadas aqui; são pouco resistentes à ferrugem e muito exigentes em relação à qualidade do terreno. O que promete muito é o trigo Barletta Riet, e outras variedades, também italianas, já aclimatadas na Argentina, além do trigo Crioulo, da Estação Cerrito.

Plantarei este ano, em maior

escala, trigo Tucense da Lombardia, Barletta, de Rosário e trigo Crioulo, selecionado com o separador de trigo. Tenciono semear desde o final de julho (1901) até aos primeiros dias de agosto, e terei, mais tarde, o prazer de comunicar-vos os resultados obtidos.

Desejando que estas linhas animem os plantadores riograndenses para vos comunicarem também suas observações práticas, me subscrevo com toda a estima e consideração, de V.S., criado atento. Dr. A. Wellhauser".

## NOTA DA REDAÇÃO

Ao final da matéria, a redação da Revista entendeu de acrescentar esclarecimentos aos experimentos do dr. A. Wellhauser, com o seguinte rodapé de página:

"Estas interessantes observações do dr. Wellhauser que, como anteriormente noticiamos, está estabelecido nas imediações de Dom Pedrito, para dedicar-se à cultura, em grande escala, concordam com a opinião várias vezes emitida pela Revista em relação a produção do trigo, tão importante para o futuro agrícola do RGS, a saber:

1) que as únicas variedades de trigo que têm alguma probabilidade de prosperar neste Estado são as que provêm de regiões, cujo clima se assemelha ao do Rio Grande, com a Itália, a Argentina e o Uruguai.

2) — Que o trigo Crioulo, uma vez que seja convenientemente selecionado e limpo, apresenta vantagem incontestável sobre os trigos importados, por ser aclimatado e mais resistente à ferrugem.

3) — Que, em todo o caso, as únicas variedades a propagar, em vista da produção em grande escala, são os trigos ruivos e duros por serem os únicos que a indústria nacional da moedura procura, em vista do seu grau de panificação mais elevado, e por sua maior riqueza em glúten.

Quanto a época da plantação, discordamos um pouco da opinião do nosso eminente correspondente, no que ele julga que a sementeira poderia ser prolongada até o mês de agosto. Pensamos que, embora o inverno seja clemente, o trigo plantado depois do mês de julho dará uma perfilação insuficiente, ficando a produção prejudicada. Esta opinião carece de confirmação por não estar esteiada em número suficiente de observações, e teremos muita satisfação em receber do dr. Wellhauser, a comunicação dos resultados que obtiver.

Em todo o caso, esta questão deu, graças a estas valiosas observações, mais um passo para uma solução definitiva".



**COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.**

PARA SEGUROS DE:  
Incêndio — Veículos — Vida  
Acidentes Pessoais — Residenciais  
e outros

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513  
Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos,  
342 - 5º andar - Fone 33-50-32

# Recomendações para o cultivo

O aumento da área de feijão na região está diretamente ligado a organização da produção

Adão Acosta

O feijão está prestes a aumentar, de forma significativa, a sua área na Região Pioneira da Cotrijuí. Os problemas de abandono da cultura e de comercialização, que não permitem aumentos nos retornos econômicos de quem produz, mas fazem a alegria dos atravessadores, estão sendo, aos poucos, resolvidos. O aumento na área do feijão deve acontecer através da organização da produção, tanto de grãos como de sementes. Para os produtores, que neste verão pretendem investir na cultura, as recomendações técnicas da pesquisa.

## Sementes

A Cotrijuí adquiriu as melhores cultivares indicadas pela pesquisa para a região, como a FF-120 e a Empasc-201. Também está iniciando um trabalho com duas novas variedades recém lançadas: a Pampa e a Macanudo. Os fornecedores das sementes foram as entidades lançadoras, garantindo portanto, a boa qualidade varietal e sanitária das mesmas. Todas estas cultivares são arbustivas. A altura das plantas atinge em torno de 770 centímetros. Apresentam ramos laterais curtos e seu período de floração está na faixa de 20 dias. A maturação normalmente é bastante uniforme e completa-se em cerca de 90 dias.

## Época ideal de plantio

O zoneamento agroclimático para a cultura indica que os municípios localizados mais ao norte da Região Pioneira da Cotrijuí são os que apresentam condições de temperatura e precipitação mais favorável para o vintamento de flores e vagens do feijoeiro. As temperaturas ideais, nesse período, são de 29,5 graus de dia e 21 graus à noite. A disponibilidade hídrica do solo não deve ser inferior a 80 por cento. Essa característica permite, inclusive, duas semeaduras na mesma estação: a primeira safra de 23 de agosto a 10 de outubro e a safrinha de 15 de janeiro a 12 de fevereiro.

## Preparo do solo

O feijoeiro tem sistema radicular pouco desenvolvido. Não tolera excesso de umidade, mas também é bastante sensível ao déficit hídrico. Portanto, seu plantio deve ser feito em solo com adequado arejamento e suprimento de água. Um bom preparo do solo é a primeira operação de controle das ervas daninhas que tanto prejudicam a produção, principalmente nas primeiras fases de desenvolvimento da cultura. Pode ser usado tanto o cultivo convencional como o plantio direto, tendo-se, no entanto, o cuidado de evitar o excesso de operações de preparo sobre a terra. Como na nossa região existe uma expressiva área cultivada em "solos de pedregulhos", limitantes em declividade, drenagens e profundidade, aconselha-se o produtor a manter ou incorporar a resteva da cultura anterior. Para a "terra vermelha", as recomendações não diferem em muito das recomendadas para as demais culturas anuais.

## Necessidades nutricionais e o adubo

O feijoeiro requer quantidades relativamente altas de nutrientes e potássio e quantidades relativamente baixas de fósforo, cálcio, magnésio e enxofre. Esses nutrientes podem ser obtidos do próprio solo, da fixação, da



Feijão: sementes das cultivares FF-120 e Empasc-201 estão sendo colocadas à disposição dos associados da Cotrijuí

adubação orgânica e da fertilização mineral. A recomendação deve ser de acordo com a análise do solo, que sempre vai ser aplicada a uma sucessão de três cultivos, visando elevar os teores de fósforo e potássio. Para fórmulas NPK, deve ser buscado o menor custo por unidade de nutrientes adquirido. No caso do adubo orgânico, deve ser considerado a concentração de elementos minerais no estrume, que é pequena, mas varia de acordo com a origem. Os adubos devem ser aplicados a lanchos, incorporados a 17 centímetros de profundidade. O orgânico, se fresco, deve ser incorporado com maior antecedência, pois pode causar danos à germinação das sementes. Na falta de análise do solo, usar 200-250 quilos por hectare de adubo NPK (5-20-20).

## Inoculação e adubação de cobertura

A inoculação deve ser uma prática complementar à adubação nitrogenada, pois isoladamente ela é incapaz de suprir as necessidades da planta em Nitrogênio. A recomendação manda colocar duas doses de inoculante — 400 gramas — por 60 quilos de semente. Para que o adubo não cause prejuízos à inoculação, recomenda-se não usar mais de 10 quilos por hectare de Nitrogênio na base. A adubação nitrogenada de cobertura pode ser feita utilizando-se 40 quilos por hectare de uréia, aplicada três semanas após a emergência das plantas.

É na semeadura que começa a ser definido o rendimento. Uma população ideal de plantas para o feijoeiro é de 200 mil plantas por hectare e, dependendo do sistema de plantio, pode se utilizar populações mais baixas, que não afetam o rendimento. Se a semeadura for feita através de semeadeiras, a regulação deve ser para 13 sementes por metro linear com um espaçamento de 50 centímetros entre linhas. No caso da semeadura em covas, usar apenas quatro covas por metro linear, deixando um espaçamento entre linhas de 40 centímetros. Usar quatro sementes por cova, tomando o cuidado de fazer o desbaste, deixando para três plantas 15 dias após a emergência. Existe uma série de arranjos de plantas visando facilitar a capina, as aplicações de pesticidas, entre outros, mas os citados acima são os ideais para o cultivo do feijão solteiro.

## Consórcio

Sem dúvida, por apresentar ciclo curto e tolerância a competição por

luz e ajuste para diversos arranjos, o feijão é uma planta extremamente adaptada a consórcios, desde que sua fase reprodutiva não coincida com a da cultura consorciada. O ideal é a consorciação de feijão com milho. A produção de ambas será maximizada quando a semeadura é simultânea, apresentando populações de 35 mil plantas de feijão por hectare e 180 mil plantas de milho por hectare. Por ser mais eficiente e mais prático, recomenda-se uma fileira simples de milho intercalada por duas fileiras de feijão, com espaçamento de 1,20 metro entre plantas de milho e 0,40 centímetros entre as fileiras de feijão.

## Irrigação

A irrigação constitui uma alternativa viável para a melhoria do rendimento, com acréscimos no rendimento do feijão em até 260 por cento. As fases de florescimento e frutificação constituem os períodos mais críticos. A falta de água, nestes períodos, provoca o abortamento de óvulos e vagens chochas. Assim, se torna necessária a irrigação, que tanto pode ser feita por sulcos como por aspersão, dependendo do equipamento e das condições do solo. A necessidade de água para a produção máxima é de 300 a 500 milímetros por ciclo, com consumo diário de 3,2 milímetros até a floração e 1,7 milímetros da formação das vagens até a maturação. A frequência de irrigação ou turno de rega deve acontecer entre 4 a 7 dias, podendo, no início do ciclo, ser realizada de 10 em 10 dias.

## Controle das invasoras

Se não forem conseguidos terrenos livres de infestação de plantas indesejáveis, o uso dos espaçamentos adequados permitirá capinas manuais ou mecânicas, sendo a primeira 10 dias após a emergência e a segunda nos 30 dias. O uso de herbicidas em áreas maiores ou muito infestadas também é possível. Nesse caso, deve ser consultado um agrônomo para a melhor recomendação de produtos isolados ou misturas.

## Doenças devem ser prevenidas

Antracnose, crestamento bacteriano, mancha angular e ferrugem, são as principais doenças ocorrentes na região. Para o bom diagnóstico de cada uma dessas doenças é importante consultar o agrônomo de sua unidade ou região, mas algumas medidas preventivas podem ser adotadas antes da formação da lavoura, como limpar a la-

voura de restos culturais não decompostos, separar sementes manchadas ou mofadas e, principalmente, realizar a rotação de culturas. O tratamento de sementes só poderá funcionar com fungicidas sistêmicos absorvidos durante o processo de embebição das sementes no solo. O controle de parte aérea ainda é duvidoso em seus retornos econômicos. Variedades tolerantes também são uma boa medida de controle das moléstias.

## Atenção às pragas

Na região, a cultura do feijoeiro tem suas principais pragas nas vaquinhas, cigarrinhas e pulgões, que causam enormes transtornos pela sua frequência elevada de aparecimento e pelos prejuízos na lavoura. Para se ter idéia do dano, duas vaquinhas por planta na primeira semana de emergência, ocasionam perdas de 70 por cento da produção. Portanto, deve-se ter atenção redobrada para as pragas.

Existem vários inseticidas para essas pragas, mas deve-se procurar produtos seletivos e menos tóxicos, além de cuidar a época das aplicações. Por isso é vital a consulta ao agrônomo no momento da ocorrência das pragas importantes, mas se ocorrerem, devem ser controladas nos focos iniciais e dar preferência a produtos sistêmicos. Não esquecer de fazer amostragem periódica na lavoura.

## A colheita

Procede-se a colheita quando as vagens vão secando, com a cor característica da variedade e, dentro delas, as sementes chocam a movimentação nela produzidos. Devido a deiscência natural, é aconselhável colher o feijão com algumas vagens verdes, evitando-se a abertura de vagens e diminuindo-se a presença de carunchos no campo. A manhã se presta melhor à colheita que as horas quentes do dia, pois mantém mais umidade. Deve também haver um local coberto e ventilado na propriedade para a complementação da secagem do feijão. A colheita manual exige em torno de 10 a 12 dias-homem para um hectare, podendo ser direta (umidade de 13-14 por cento) ou em arranquio-enleiramento (umidade de 20 por cento), a qual evita a degradação natural do feijão.

## A colheita mecanizada

Hoje a pesquisa está buscando materiais com inserção de vagens mais altas, permitindo a mecanização integral da colheita, o que, em futuro próximo, abrirá mais espaços para a cultura. O uso da automotriz pode ocorrer, mas a barra de corte e o molinete devem ser substituídos por um cilindro de dentes flexíveis que recolhe as plantas previamente enleiradas. Nesse sistema as perdas e o dano mecânico são mínimos.

## Bibliografia consultada

Guimarães, CN; Vilbardo, B. W. et alii, Moreira, J. A. et alii; Lope, N.F.; Rocha, J. A.; Sartoratto, A. In Cultura do Feijoeiro: Fatores que Afetam a Produtividade — Piracicaba: Associação Brasileira para a Pesquisa da Potassa e do Fósforo, 558 p. 1988.  
Osório, C.A.; Westphalen S.L.; Jobim, C.L.P.; Vidor, C. Ju: Feijão — Ipagro Informa n° 30, 71 p. 1988.  
Combinação de épocas de semeadura e diferentes sistemas de cultivo de feijão e bulbo consorciados, Flesch R. D. e alii — Pesquisa em andamento n° 43, 4p. Empasc 1981.  
Feijão — recomendações para Cultivo no RS, Ipagro e Emater, 46p. 1986.

Adão Acosta — é agrônomo da Cotrijuí na Regional Pioneira

## Transferência de sede não preocupa

Existe uma clara intenção de autoridades e lideranças empresariais da Zona Sul, de transferir a sede do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais para a cidade de Rio Grande, onde se localiza o único porto marítimo gaúcho. O DEPRC, como se sabe, está com sua diretoria-geral instalada na capital do Estado, de onde administra os três portos organizados do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas) e mais os diversos piers hidroviários instalados.

Sendo a Cotrijuí usuária do porto marítimo há mais de 15 anos, através de seu Terminal ali localizado, o Cotrijournal ouviu em Porto Alegre o diretor-geral do DEPRC, no sentido de inteirar-se do estágio em que se encontram aquelas intenções.

O diretor-geral do órgão, engenheiro José Fernando Marques Ripoll, ouvido em seu gabinete, em Porto Alegre, disse que a direção atual do DEPRC, e segundo acredita, nem mesmo o governo do Estado, estão preocupados com esse assunto. Afirmou que, no que se refere a ele, está atento ao trabalho que realiza, sem desviar a atenção para outras questões que não sejam de ordem prioritárias.

Para Ripoll, antes de se preocupar com esse detalhe de transferir ou não a sede do órgão, o governo do Estado preocupa-se com a aproximação do prazo do término da concessão do porto, que expira em 1994, portanto, daqui a apenas cinco anos.

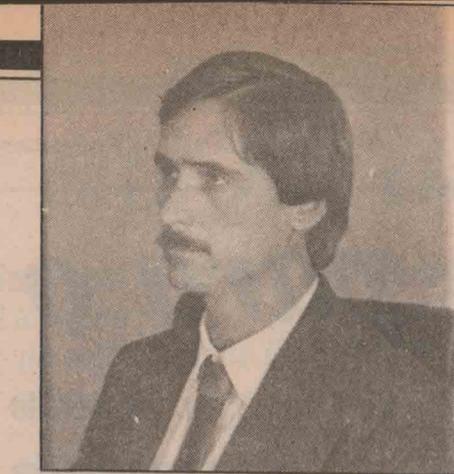
Até aqui, disse o engenheiro,

### DOM PEDRITO

## Sindicato político

Encabeçando uma nominata de agropecuaristas do município, assumiu a presidência do Sindicato Rural de Dom Pedrito, a 9 de julho, José Roberto Pires Weber, em solenidade realizada no salão de atos do sindicato, com a presença de grande público.

Prestigiaram a posse da nova diretoria do SRDM, entre outros, o deputado estadual Carlos Sá Azambuja, Camilo Cottens, diretor da Farsul; Quintilhano Machado Vieira, secretário substituto da Saúde e Meio Ambiente, também representando o secretário de Agricultura e Abastecimento; Alcides Saldanha, secretário de Minas, Energia e Comunicações, também representando o governador do Estado, e autoridades municipais e empresários. O prefeito municipal em exercício, Pe-



José Ripoll: término do prazo

não se sabe qual é a intenção do governo federal — poder concedente: se é explorá-lo através da Portobrás, criar uma companhia de docas ou conceder novo prazo ao governo do Rio Grande do Sul.

### COMISSÃO DE ESTUDOS

Para dirimir essas dúvidas, o governo, através de seus órgãos competentes, vai criar uma comissão de estudos para negociar com o governo da união o futuro do porto.

O governo gaúcho administra o porto riograndino desde 1934, quando adquiriu a concessão por um prazo de 60 anos. Disse Ripoll que, como não há no Brasil uma política específica de administrações portuárias, não tem idéia qual a decisão que irá prevalecer a partir de 1994. Daí a importância do trabalho dessa comissão.

Para ele, esses assuntos estão concentrados e fazem parte das preocupações do governo, no momento. Quanto a transferir ou não a sede administrativa, disse que não tem qualquer preocupação a respeito. O que deseja é fazer um bom trabalho operacional e financeiro, expectativa que levou, ao ocupar o cargo, por convite irrecusável do governador Pedro Simon, finalizou.

dro Jayme Trevisan; vice-presidente e superintendente da Cotrijuí, Oscar Vicente e Silva e Eduardo Augusto Pereira de Menezes; presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Ruy Adelino Raguzzoni, entre outras autoridades e líderes empresariais.

Antes dos discursos que selaram o ato de posse, foi lembrado o nome de Sulleiman Guimarães Hias, tragicamente falecido no exercício da presidência do sindicato. Pires Weber recebeu o cargo do presidente substituto, Cândido de Godoy Dias.

Em seu discurso de posse, o novo presidente reafirmou declarações feitas em oportunidades anteriores, de atuação política à frente da entidade classista.

## Milho para silagem e corte

João Miguel de Souza

Estamos no início do período de plantio de milho, uma cultura não só utilizada para a produção de grãos, mas também largamente empregada pelos produtores de leite, na ensilagem e corte. Se o milho for semeado agora, em agosto, já poderá ser cortado para ensilagem num período de 90 a 100 dias após a germinação — por novembro/dezembro. Portanto, na mesma área é possível fazer-se um novo cultivo de milho para grãos ou para corte e fornecimento aos animais ou até mesmo para pastoreio direto. No Centro de Treinamento da Cotrijuí tivemos boa experiência com milho para corte e pastoreio, sendo semeado em janeiro/fevereiro, fornecendo alimento num período — outono — de baixa disponibilidade de pasto.

Em agosto também inicia o período propício para a semeadura do teosinto — dente de burro —. É uma forrageira de muito boa qualidade e que germina facilmente sem exigir temperaturas maiores, como o milheto, por exemplo. O teosinto é uma boa opção de alimento a ser oferecido aos animais no fim do ciclo das pastagens de inverno e antes das culturas de verão — milheto, bermuda, entre outras — entraram em plena produção.

João Miguel de Souza é agrônomo e gerente da Área de Produção Vegetal da Cotrijuí na Regional Pioneira.

## COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário  
Alaor José Daltrazo — tecnólogo em cooperativismo

### NOVOS PREÇOS DO LEITE

A Secretaria Especial de Abastecimento e Preços autorizou, para o mês de julho, um novo aumento no preço do leite. O reajuste foi dividido em duas parcelas, sendo 27,58 por cento dado a partir de 1º de julho e os outros 16,21 por cento a partir de 16 do mesmo mês. Um novo reajuste só foi autorizado a partir de 1º de agosto, na proporção de 30,59 por cento, em média. Os novos reajustes determinaram os seguintes preços para o produto:

Tipo	1º de jul (por litro)	16 de jul (por litro)	1º de ago (por litro)
Leite consumo	NCz\$ 0,37	NCz\$ 0,43	NCz\$ 0,56
Leite indústria	NCz\$ 0,36	NCz\$ 0,42	NCz\$ 0,55
Leite excesso I	NCz\$ 0,27	NCz\$ 0,31	NCz\$ 0,40
Leite excesso II	NCz\$ 0,23	NCz\$ 0,27	NCz\$ 0,35
Leite excesso III	Livre neg.	Livre neg.	Livre neg.
Leite ácido	Livre neg.	Livre neg.	Livre neg.

Estes reajustes, na verdade, não agradaram aos produtores, principalmente os do centro do País que reivindicavam um aumento integral, dado em apenas uma parcela. Reclamam do não cumprimento do acordo feito com a Comissão Permanente do Setor Leiteiro que previa um aumento integral de acordo com a planilha de custos de produção da atividade. A justificativa do governo para o não cumprimento do acordo estabelecido é de que um aumento na ordem de 44,8 por cento e que elevava o preço do leite de NCz\$ 0,29 para NCz\$ 0,42 em uma única vez poderia causar um impacto muito grande no consumidor. Preferiu, desta forma, deixar de lado o acordo que havia estabelecido com os órgãos representativos do setor leiteiro durante o mês de maio.

### PRODUÇÃO

A produção leiteira da Cotrijuí apresentou, durante o mês de julho um aumento na ordem de 8,4 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior, passando de 3.134.475 litros para 3.453.803 litros. O número de produtores cresceu, na mesma época, de 4.722 para 4.912 produzindo uma média de 22,7 litros de leite cada um. A produção total, acumulada no período de janeiro a julho deste ano cresceu em 12 por cento em relação ao mesmo período de 88.

### PERÍODO DE FORMAÇÃO DE COTA

No mês de julho encerrou o período de formação do leite cota, iniciado em março. Durante os cinco meses de formação de cota, a pior produção registrada foi a de abril, com uma participação no total da cota de 16,31 por cento. Em julho a produção melhorou bastante representando 25,24 por cento do total da cota. Numa comparação da evolução da produção nos meses de formação de cota, observa-se um crescimento de 13,28 por cento, o que demonstra, sem qualquer dúvida, a preocupação dos próprios produtores em aumentar a produtividade, mesmo no período de entressafra.

### FINANCIAMENTO DE FORRAGEIRAS

Já encerraram — no dia 10 de julho — os financiamentos de sementes de forrageiras a serem pagos com produto. Ver quadro abaixo.

Embora o número de produtores a se beneficiar com a medida não tenha sido muito expressivo — 330 num universo de 5 mil —, o valor total financiado ultrapassou em praticamente 100 por cento a verba repassada pela CCGL. Um exemplo foi o financiamento do adubo, encerrado em 12 de abril. O programa prosseguiu até o final de julho com a Cotrijuí financiando com recursos próprios, apenas a compra de sementes.

### DEMONSTRATIVO DOS FINANCIAMENTOS DE FORRAGEIRAS DE INVERNO — REGIONAL PIONEIRA

Unidades	Nº Produt.	Av. preta Kg	Ervilhaca Kg	Azevém Kg	Outros Kg	Adubo Kg	Uréia/calc. Kg	Valor total NCz\$
Ijuí	34	8.620	560	260	370	16.550	2.100	7.321,50
Santo Augusto	13	7.665	300	100	—	6.350	500	4.371,95
Tenente Portela	186	1.230	10	147	—	850	—	815,81
Jóia	20	3.480	355	40	5	3.400	—	2.146,45
Coronel Bicaco	6	560	415	50	—	3.300	3.000	522,70
Chiapetta	9	1.420	150	50	25	550	—	894,15
Ajuricaba	42	5.130	770	110	300	44.050	1.600	19.078,25
Augusto Pestana	20	3.080	210	145	—	7.850	100	2.850,20
TOTAL	330	31.205	2.930	902	700	82.900	7.300	31.001,01



## COTRIEXPORT CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Para seguros de:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS  
E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - Fone 33-50-32

# CALENDÁRIO

## Embrapa lança novas cultivares de arroz

Os orizicultores do Mato Grosso do Sul ganharam duas novas opções para o plantio de arroz irrigado com o lançamento das cultivares BR MS-1 e BR MS-2 feito pela Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual - UEPAE de Dourados, órgão da Embrapa no Estado. As duas cultivares se destacam pela alta produtividade — em torno de seis mil quilos por hectare — e tolerância às principais doenças que atingem a cultura.

A BR MS-1 originou-se do cruzamento entre a BR Irga 409 e Cica 9, realizado no Instituto Riograndense de Arroz e possui boas características agrônomicas, com bom rendimento de grãos e de engenho, resistência à brusone e ciclo precoce de emergência à maturação. Testada em Dourados desde 1984, a cultivar tem seu período de semeadura recomendado nos

meses de outubro e novembro.

A BR MS-2 é uma cultivar proveniente da China e foi introduzida no Brasil pelo Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão. Também testada pela UEPAE em Dourados desde 1984, a cultivar tem demonstrado alta produtividade, alcançando oito mil quilos por hectare na safra 86/87. A BR MS-2 é resistente ao acamamento e às principais doenças como a brusone, a mancha parda e a mancha estreita. Seu plantio deve ocorrer preferencialmente no mês de outubro, podendo estender-se entre setembro e novembro.

Para a próxima safra estarão disponíveis 25 toneladas de sementes beneficiadas das novas cultivares. Esta quantidade é suficiente para o cultivo de 200 hectares e será distribuída aos produtores de sementes para multiplicações.

## Mike Blockey em Dom Pedrito

Campo Grande sediou de 8 a 16 de julho a III Ferinter — Feira Internacional de Mato Grosso do Sul, que contou este ano com a presença de mais de 150 expositores no Centro de Exposições Albano Franco. Segundo os organizadores, mais de 50 mil pessoas visitaram a feira e os stands ocuparam uma área de 3.700 metros quadrados, com produtos do comércio, indústria e serviços locais, de outros Estados e com a presença de países vizinhos como a Bolívia e o Paraguai. Para Jacob Blumer, superintendente da Certama, empresa organizadora do evento, a Ferinter já se consolidou como o mais importante instrumento do pro-

gresso tecnológico e empresarial do setor industrial sul-mato-grossense.

A Cotrijuí também esteve presente na III Ferinter e em seu stand mostrou produtos industrializados como as rações e concentrados Seriemá, Sal mineral Cotriphós, medicamentos veterinários do Irfa e amostras dos produtos que serão fabricados na indústria de beneficiamento de milho que entrará em funcionamento no mês de setembro em Maracajú. O stand teve como atrativo extra, um telão onde era mostrado um documentário sobre a história da cooperativa no Mato Grosso do Sul.

## A Cotrijuí na III Ferinter

Numa promoção conjunta, as estâncias Guatambu, Alvorada e Caty, de Dom Pedrito, empresas pioneiras em utilizar tecnologia de ponta na criação de reprodutores bovinos, levaram o zootecnista australiano Mike Blockey àquele município, para apresentação do que se pratica de mais moderno e avançado na Austrália, em zootecnia. O especialista, que é PHD em produção animal, fez uma apresentação informal na sede da estância Guatambu, do agropecuarista Walter Pötter, para diversos técnicos ligados às áreas de pesquisa e ensino profissional, e vários criadores da região, no dia 16 de julho.

Mike Blockey tornou-se conhecido mundialmente, por ter desenvolvido a metodologia de avaliação de capacidade reprodutiva de touros, que no Brasil é chamada de "teste de capacidade de serviço". No entanto, revelando-se modesto, disse que sua visita a Dom Pedrito transformou-se em "viagem de aprendizado", pois aprendeu algo de muito valioso, que é o Programa Delta G, das referidas estâncias, uma técnica de melhoramento bovino (em reprodutores) por exames andrológicos, que vem resultando em altos valores genéticos.

O zootecnista australiano julgou de tão elevado nível a qualidade genética da produção das estâncias Guatambu, Alvorada e Caty, que autorizou o uso de sua marca "TC", nos remates das referidas empresas.

## Manejo de colméias: alguns cuidados

Arnoldo Preissler

O manejo das colméias é a ferramenta fundamental da apicultura. Da forma como o apicultor atua durante o seu manejo, dependerá a evolução das colméias, definindo o seu êxito ou fracasso. As abelhas são insetos sociais e dóceis quando bem tratadas. É possível manipular seus ninhos e até destruí-los, sacar seu mel e trocar seus quadros, sem que, de modo algum, elas se sintam molestadas desde que esse trabalho seja executado de forma correta e no momento oportuno. Geralmente as abelhas picam ante um manejo mal feito ou então quando vêm sua família, cria, reserva de alimentos ou a própria vida sendo ameaçada. Elas nunca picam sem algum motivo que consideram ameaça. Por esta razão, é importante que o apicultor que recém está iniciando na atividade tome conhecimento de alguns princípios e recomendações que devem ser respeitados no trabalho de manejo das colméias e abelhas.

• O apicultor nunca deve entrar num apiário, a não ser por vias corretas. Durante o trabalho com as colméias procurar não interferir na linha de vôo das abelhas. O apicultor deve transitar ou se posicionar pela parte posterior ou nos lados das colméias.

• Evitar movimentos bruscos, batidas, golpes, mesmo que esteja sofrendo uma picada de alguma abelha. Agir com calma e serenidade. Jamais deixar cair no chão algum quadro com abelhas.

• Não mexer com a colméia com o corpo transpirando — odor forte — ou então usando perfumes e desodorantes com cheiro

forte. Alguns apicultores usam, inclusive o capim cidró para acalmar as abelhas.

• A abelha que penetrar na parte interna da roupa do apicultor deve ser morta imediatamente, pois ao sentir-se aprisionada, ela tenta picar. O odor do veneno torna as abelhas agressivas e para se evitar novas picadas, aplicar fumaça no local da colméia.

• O apicultor deve usar vestimenta adequada; de coloração clara, preferencialmente branca e lisa. O chapéu também deve ser de material liso.

• O trabalho nas colméias deve ser feito em condições ideais, no horário das 10,00 às 16,00 horas de dias calorosos e a pleno sol, quando a maioria das abelhas operárias estiverem a campo. Evitar a revisão das colméias logo depois de uma chuva ou num dia muito frio. Nestas condições, as abelhas suspendem a coleta do néctar. Abrir colméias nestas condições há sempre o risco de pilhagem.

• Procurar não abusar do uso de fumaça, mas também não esquecê-la. Evitar que ela saia demasiadamente quente para não queimar as abelhas. Esta deve ser espessa e branca. Fumaça de boa qualidade o apicultor pode obter com madeira podre — evitar o timbó —, folha seca de eucalipto, casca de árvore, sacos de estopas sem resíduo de adubo, veneno ou óleo, e pedaços de pano. Se aconselha, ainda, misturar, na hora de fazer a fumaça, resíduos de limpeza de cera.

Arnoldo Preissler é técnico agrícola responsável pelo setor de Apicultura do CTC

## Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



### Uma planta sadia e produtiva.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



**TECTO 100**  
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA



# Situação insuportável

Desta vez não é o preço do leite que está incomodando, mas o prazo de pagamento

O leite é uma atividade que quase sempre dá o que falar. Quando não é o preço que anda ruim demais, é o governo atacando com suas importações ou é ainda o problema do leite excesso que corta pela metade os ganhos dos produtores, mesmo num país onde falta o produto. Coisas deste Brasil de fim de década. Mas não é bem por causa de um destes problemas que os produtores envolvidos com a atividade andam meio em polvorosa. Até que o preço, por exemplo, ainda não está dando dor-de-cabeça. Os produtores deram uma prazo até setembro para que o governo cumpra a promessa de reajustar o preço do produto de acordo com a planilha de custos. O problema, desta vez, é com as indústrias. Os produtores não estão aguentando o prazo, "esticado" demais que as indústrias usam para pagar o produto. São quase 35 dias desde a entrega até o recebimento. Quando o dinheiro chega, a inflação do presidente Sarney já levou toda e qualquer margem de lucro.

Nós não estamos tendo mais condições de suportar este prazo de pagamento que a indústria está nos impondo", reclama o seu Arno Beck, produtor e coordenador da Comissão dos Produtores de Leite de Ijuí. O seu Arno mora na Linha 8 Norte e entrega, diariamente, entre 110 a 115 litros de leite produzidos por sete das nove vacas que mantém na sua pequena propriedade de pouco mais de 25 hectares. Garante que os produtores não estão querendo briga com as indústrias. "Queremos apenas entrar num acordo. Elas precisam entender que a nossa situação está ficando insuportável", ressalta, referindo ao prazo de pagamento.

Pelo leite entregue em 1º de julho, por exemplo, os produtores só vão receber em 20 de agosto, 35 dias depois da entrega do primeiro litro de leite. "É impossível conviver mais tempo com este prazo e uma inflação que em julho chegou perto dos 30 por cento", destaca seu Arno contando que o assunto anda incomodando tanto que até já saiu da colônia ou das conversas do dia-a-dia dos produtores de leite. Este assunto, na verdade, já foi pauta e até motivo de reunião do sindicato, de núcleos e da própria Comissão dos Produtores de Leite de Ijuí que já começa a se articular para levar a questão adiante.

A situação fica ainda mais feia, segundo o produtor, por causa da inflação que leva todo o dinheiro assim que chega nas mãos dos produtores. "Nem os insumos necessários para a atividade estamos tendo condições de adquirir com valores tão defasados". O preço pelo litro do produto, pago em 20 de agosto, por exemplo, é referente ao mês de julho. Mas o consumidor, no entanto, já está pagando um novo reajuste que o produtor só vai receber em 20 de setembro. "Hoje, para comprar um quilo de adubo ou uréia, vou precisar de 1,3 litro de leite", exemplifica, mostrando os números como forma de retratar melhor a situação.



O leite: atividade que envolve 4.912 produtores na região

As grandes beneficiadas desta situação criada com o atraso no pagamento do leite, no entender dos produtores são as indústrias e as redes de supermercados. "Estas últimas, observa, levam 15 dias de prazo para pagar as indústrias, mas só vendem o produto à vista. Os pequenos bolichos, no entanto, só podem comprar leite das indústrias se tiverem dinheiro na mão.

## AS PROPOSTAS LEVANTADAS

Na última reunião da Comissão dos Produtores de Leite de Ijuí, que aconteceu no final de julho, o assunto ganhou metade do dia. No final das discussões, os produtores apresentaram algumas propostas que deverão ser levadas aos demais produtores da área de atuação da Cotrijuí para serem apreciadas e também à direção da CCGL. Uma próxima reunião deverá acontecer envolvendo toda a Comissão Regional, onde poderá ser levantado, inclusive, uma proposta de convidar a direção da CCGL para debater o assunto.

A proposta dos produtores traz duas alternativas. A primeira sugere que a indústria fature o produto duas vezes ao mês: nos dias 15 e 30, corrigido pelo valor até o dia do pagamento. A segunda propõe, caso a indústria não aceite a primeira sugestão, a realização do pagamento até no máximo, o dia 5 do mês seguinte. Para o leite entregue em agosto, por exemplo, o produtor deverá receber até o dia 5 de setembro. "Desta forma, assinala o seu Arno, o produtor estaria ganhando 15 dias".

## O PRAZO PARA COTA

Mas não é apenas o assunto prazo no pagamento do leite que anda aborrecendo os produtores envolvidos na atividade leiteira. Um outro prazo também tem dado o que falar neste inverno: o de formação de cotas. Este, aliás, é um assunto que já chegou aos ouvidos da CCGL ainda no ano passado, mas que continua na mesma situação. O período para formação de cotas se estende de março a julho, totalizando cinco meses. Só que os produtores, por sentirem-se prejudicados, estão reivindicando a inclusão do mês de

agosto no período de formação de cotas. "Seria até mais justo, pois desta forma teríamos um prazo de seis meses para formar a cota e outros seis meses

para que ela seja aplicada, destaca. Agosto é um mês em que a produção melhora e, isto, certamente, contribuiria para que o produtor pudesse trabalhar mais equilibrado no verão.

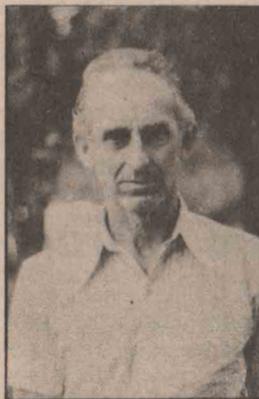
Esse período para formação de cotas não é coisa das indústrias, mas do próprio governo e que está estabelecido em portaria. Mesmo assim, os produtores entendem que as indústrias poderiam encontrar uma saída, entrando em entendimento com os produtores. "É um problema que pode ser resolvido a nível de Estado", diz o seu Arno reforçando a sugestão do estabelecimento de um acordo entre as partes interessadas. "Basta apenas boa vontade".

Os produtores ainda estão reivindicando o fim da livre negociação na fixação dos preços para o leite que superar os 50 por cento da cota de produção estabelecida para os meses de verão e do frete II. A produção entregue e que fica acima 50 por cento da cota estabelecida, é considerada "leite excesso", sem preço tabelado pelo governo. A indústria, neste caso, estabelece o preço como bem entende. "Não aceitamos este preço estabelecido sob a forma de livre negociação porque entendemos que no Brasil não existe leite sobrando. Se existisse, reforça o produtor, o país não necessitaria recorrer a importações".

Outro problema antigo, que existe desde o dia que nasceu, diz respeito ao frete II, cobrado dos produtores pelo transporte do produto do posto de recebimento até a indústria. "Entendemos que este não é um problema nosso, mas da indústria", finalizou.



Reunião: produtores aprovaram proposta



Arno: entendimento

## Recomposição no preço



Zeno: margem maior

O seu Zeno Lauro Heck é mais um dos tantos produtores da região que já anda por demais impaciente com a situação do leite. Ele, que tem uma propriedade na Linha 10 Norte e entrega em torno de 100 litros de leite por dia, responsabiliza a indústria pela situação e pede, logo de saída, uma recomposição no preço, que chega às mãos dos produtores 35 dias depois da entrega do primeiro litro e "totalmente inflacionado". "Não estamos mais aguentando este prazo", dizia ele questionando, inclusive, os reajustes. "De que adianta o governo reajustar o preço do produto todos os meses, se a indústria só nos paga 35 dias depois", reclamava.

Garante que, se esta situação se prorrogar por mais tempo, muito produtor vai abandonar a atividade "por falta de perspectivas de uma melhor remuneração". "Trabalhar nós sabemos, mas achamos que precisamos ter alguma margem de lucro", dizia ele mostrando que em junho os produtores receberam, ficando, pelo litro de leite, NCz\$ 0,22. Mas o consumidor já estava pagando NCz\$ 0,67 pelo litro de leite, um valor três vezes maior que o pago ao produtor. "E a cada reajuste do governo, essa margem vai se ampliando cada vez mais, ressalta, sugerindo um reajuste de acordo com o custo final dado ao consumidor. Reconhece que a indústria tem custos elevados, mas lembra que o produtor não fica longe e está sendo obrigado a absorver sozinho, os custos com pastagens, infra-estrutura e mão-de-obra empregados na atividade. "Infelizmente não está nos sobrando o dinheiro para investir melhor na atividade".

# Cotrisol

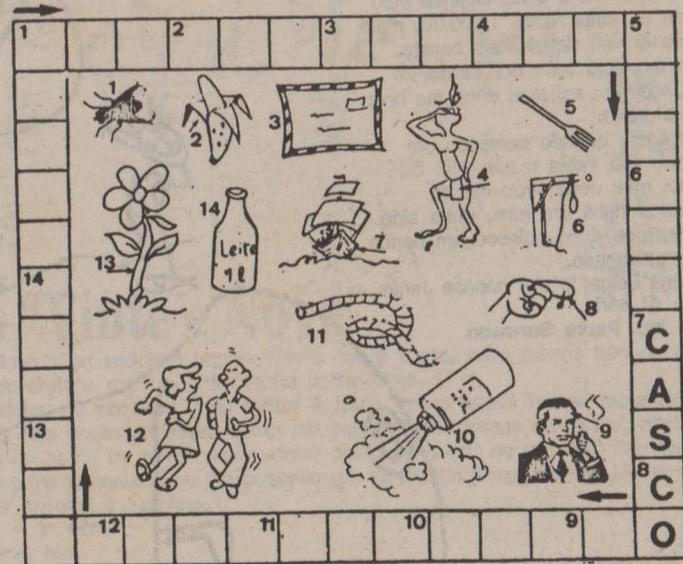
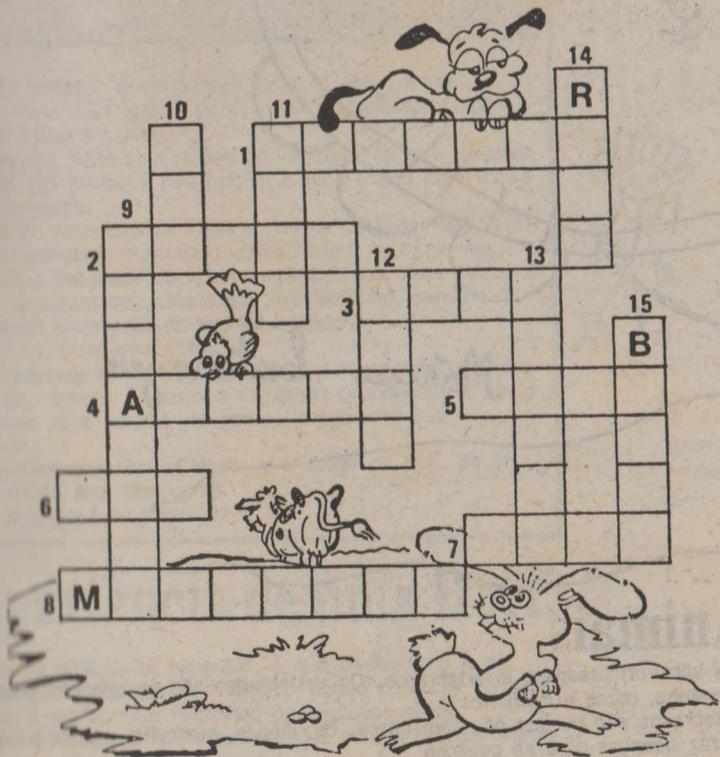
## Passatempo

Qual é o animal que...

- |               |            |
|---------------|------------|
| 1. cacareja   | 9. fala    |
| 2. pia        | 10. muge   |
| 3. uiva       | 11. mia    |
| 4. zumbe      | 12. ruge   |
| 5. grugruleja | 13. bale   |
| 6. late       | 14. chia   |
| 7. coacha     | 15. ormeja |
| 8. zumbe      |            |

## CORRENTE DE PALAVRAS

Todas as palavras deste passatempo têm cinco letras. As duas últimas letras da primeira palavra são iguais às duas primeiras letras da palavra seguinte. E assim por diante, elas vão formando uma corrente.



Vá riscando os nomes que você já usou:  
Cão - boi - lobo - gato - peru - sapo - rato - leão  
- pinto - burro - ovelha - abelha - galinha - mosquito  
- papagaio.

### Editorial

E aí, gurizada, como foram as férias? Espero que tenham aproveitado bastante. O mesmo desejo para as professoras de vocês. E já que falei em professoras, quero agradecer a todas elas, especialmente àquelas que trabalham am Augusto Pestana e Jôia, pelos bons trabalhos que nos têm enviado. Realmente a elas, temos muito o que agradecer, pois contribuem mensalmente na elaboração do Cotrisol. Continuamos esperando a colaboração da criançada de outros municípios da área de atuação da Cotrijuf.

Um beijo

Mariluzza

## Os Índios

Os índios não têm mais terras. Os brancos expulsaram os índios do Brasil. Os índios eram trocados por armas. Os índios trocavam de lugar. Eles viviam da caça e pesca. Os índios viviam nus e semi-nus. As mulheres faziam redes de algodão. Os índios tomavam banho várias vezes por dia. Eles viviam em tribos. Eles se alimentavam com frutas e animais. O órgão que cuida dos índios é a FUNAI. Atualmente os índios estão vivendo como nós, eles usam roupas.

## Os Índios

Os índios moravam no Brasil e vieram os brancos. Eles tiraram a terra dos índios. Eles melo fizeram uma guerra e uns fugiram pelo matos. Eles sempre tinham um chefe, que era o Cacique. Eles viviam em tribos; os Guarani habitavam o nosso Estado. O órgão que cuida dos índios é a FUNAI. Hoje em dia os índios não têm muita terra. Eles tinham suas ocas e no meio era a praça fechada e ali os indiozinhos brincavam e os homens iam caçar e as mulheres iam lavar roupa no rio. DIA 19 DE ABRIL É O DIA DO ÍNDIO. Márcia Sostmayer - 3ª série. Esc. João Ramalho

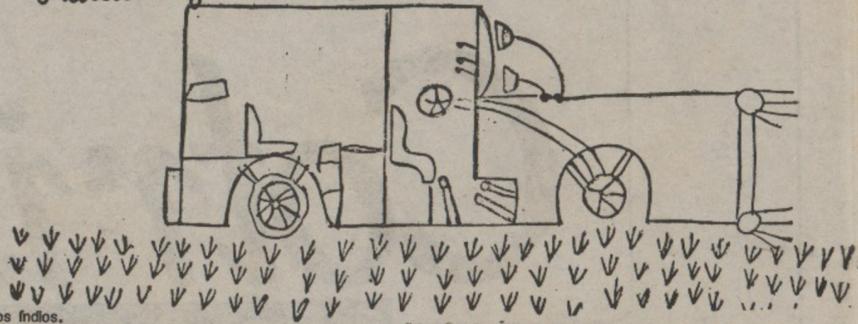
## Voyage

Eu sou um carro Woyage. Gosto muito de sé-lo. Minha cor é cor-de-rosa, é muito bonita. Todas as pessoas gostam de mim. Não gosto de me sujar. Tem dias que ando no barro. Passo dias muito sujo, mas quando me lavam, eu fico brilhando de limpo. Tem alguns dias que estou sujo, todo embaraçado até nos sábados e domingos. Quando chove e eu estou muito sujo, eles me deixam na chuva para limpar um pouco. Mas a minha cor já está saindo, estou ficando feio. Hoje uma pessoa me pintou novamente, ficou lindo, estou uma gracinha. Agora me colocaram na garagem. Não gosto de cruzar pelas pedras, são muito duras. Minha placa é FM 1362, Tangará. Adoro passar pelo asfalto quando está chovendo. E.M. de 1º Grau Inc. Padre Burmann. Ana Maria Scarton

## O Corcel

Eu sou o Corcel, minhas cores são: vermelho e preto. Tenho duas portas, pára-brisa, rádio, luz, banco, freio, acelerador, cinto de segurança, freio de mão, quatro rodas, porta-malas, motor, etc. Eu tenho quatro mudanças e o ré. Quando meu dono me comprou eu valia NCz\$ 1.500,00, mas teve um desconto daí eu fiquei mais barato. Dia de chuva eu me sujo todo por causa do barro, depois quando tem sol meu dono me lava e lustra, fico igual novo. Eu estava na garagem quando começou um barulho. Aqui, aqui, não sabia o que era. De manhã, bem cedo, meu dono tirou-me da garagem, meu banco tinha um furo, tinha sido um rato que roeu, meu dono colocou um banco novo no lugar do estragado. Meu dono se chama Edigar e sua esposa Janini. Odilar Barbosa - 4ª série. E.M. de 1º Grau Inc. Padre Burmann

Márcia Regina Barboza - A. Pestana



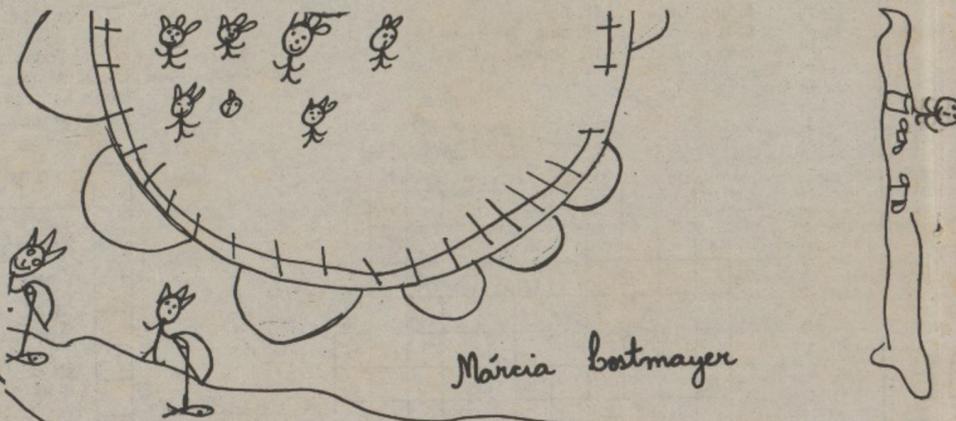
Escola M. de 1º Grau. Ana Maria Scarton. Márcia Regina Barboza. Esc. João Ramalho. Augusto Pestana

## O Planeta Lilás

Vocês conhecem a história "O Planeta Lilás", do Ziraldo? Pois é... o Marcelo leu o livro e achou muito triste o bichinho da estória ficar morando num planeta que era só lilás, depois de ter conhecido tantas cores no universo. Vejam só, então, o que ele inventou para que o bichinho não caísse na "rotina lilás".

## A Minha Aventura

Eu sou um bichinho que moro num planeta lilás e tenho olhos grandes. Um dia resolvi conhecer outros planetas, porque já estava cansado de viver em meu planeta, pois era sempre a mesma cor, lilás. Então construí um foguete para sair daí. Quando terminei de construir o meu foguete, fui viajar para outros planetas em busca de novas cores... Depois de muitas buscas vi um objeto muito grande e colorido que se chama arco-íris. Pedi ajuda a ele e ele topou. Coloquei as suas cores dentro do meu foguete e saí. Quando estava passando por um buraco negro, vi um ralo e pedi para ele parar. Quando o ralo parou, eu pedi ajuda a ele e ele topou. Depois de muito tempo viajando cheguei ao meu planeta. Peguei as cores, pus no ralo e atirei no meu planeta: "CHUÁ!!" Ficou tudo lindo, com muitas cores. Eu fiquei muito contente, pois o meu esforço foi recompensado. Marcelo Vieira da Silva - 5ª série. Esc. Mun. de 1º Grau Inc. Tomé de Souza



Márcia Sostmayer

## Os Animais

Os animais são vertebrados e invertebrados. Os vertebrados são os que têm ossos. Ex. vaca, galinha, porco e cachorro. E os invertebrados são os que não têm ossos. Ex. mosca, mosquito, aranha e formiga. A mosca traz doenças para as pessoas. A aranha morde as pessoas. A vaca não traz doença, ela dá carne e leite. A galinha põe ovos e dá carne. O porco dá carne e banha. Leandro Frantz. E.E. de 1º Grau Inc. Dr. Pestana

## O Gato Mimi

Era uma vez um gato chamado Mimi. Ele gosta de brincar comigo. A cor dele é branca. O Mimi caça rato e come comida. Ele também bebe leite. Ele é todo peludinho. Está muito contente. Elizandra Desbessi - 2ª série. E.M. de 1º Grau Inc. Humberto de Campos - A. Pestana



Thaísa Funck Scarton

# Página do Leitor

## O Baculovírus

Este ano as lavouras foram muito atacadas pela lagarta, que queriam destruir a plantação de soja. E os agricultores usaram tanto veneno que chegaram a ficar doentes e contaminaram o ar e a água, porque não tiveram cuidados com os litros e latas de veneno, atirando-as em qualquer lugar. Mas agora existe o Baculovirus que não prejudica a saúde das pessoas e dos inimigos naturais e mata as lagartas. Esperamos que para o ano que vem os agricultores usem o Baculovirus no início do aparecimento das lagartas. Texto elaborado pelos alunos da E.M. de 1º Grau Inc. Presidente Castelo Branco Formigueiro - Augusto Pestana

## Eu Usei Baculovírus

Eu não uso venenos, só Baculovirus. A soja está bonita e o que usa azodrin a soja está bonita também, só que faz mal. O veneno faz mal e prejudica a saúde. O Baculovirus não prejudica nada. Só faz mal às lagartas. Quando as lagartas estão ainda pequenas e são poucas, devemos passar o Baculovirus; daí 5 a 7 dias as lagartas morrem. O Baculovirus é feito das próprias lagartas contaminadas que foram atacadas pelos vírus. Glócer Tiago Menegol - 2ª série. E.M. de 1º Grau. Inc. Ana Neri

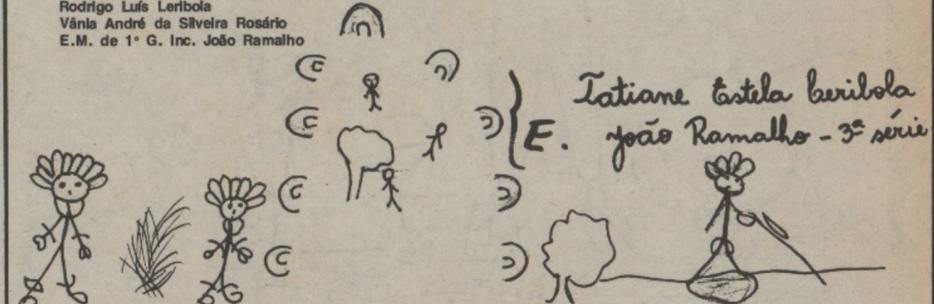
## A Novidade da Pólo 2



O composto orgânico é um buraco feito no chão, e nele é colocado o resto de vegetais para sofrer uma decomposição e formar o adubo orgânico. No ano passado, junto com restos de vegetais, foi uma pequena batata doce que brotou e deu origem a uma planta com folhas e barbaços voçosos. De meados de setembro de 1988 a fins de abril de 1989, esta planta se desenvolveu e produziu vários frutos. Ao colhermos, constatamos o resultado do adubo orgânico, pois suas raízes tuberosas causaram curiosidade por seu tamanho, sendo que se destacaram duas com os seguintes pesos: 9,5 kg, 5,5 kg, (conforme foto). Após esta novidade, temos certeza que devemos aproveitar todos os restos de vegetais e usarmos em nossa propriedade o adubo orgânico, pois além de não ter gosto, temos uma boa produtividade. Texto elaborado pela turma de 3ª e 4ª série da E.E. de 1º Grau Inc. Santa Ana Menegazzi. Pólo 2 - São José - Jôia.

## Salve os Índios

Cheguei por muitas águas. Num lugar que gostei muito. Matos, pássaros, frutos. Aqui formei minha tribo. Mas um dia veio o branco. E tirou meu chão. Hoje estou sem terras. Sem caça e sem pesca. Povo brasileiro, vamos ajudar a salvar os índios? Jocenara Górgen. Rodrigo Luís Leiribola. Vânia André da Silveira Rosário. E.M. de 1º G. Inc. João Ramalho



## Eu sou o "Vinte e Nove"

Eu sou o Vinte e Nove. Sou antigo e bonito. Minha cor é preta, ando menos que os carros atuais. Minha trava é arredondada e marrom. Não tenho porta-luvas. No ano de 1963 o dono me comprou, meu motor é fraco, meus pneus furam diariamente. Sempre estou limpo, não gosto de tomar banho na beira do rio porque me sujo, gosto de tomar banho na calçada. Não gosto de andar nas pedras, gosto de andar no asfalto. Meu banco é forrado. Sou baixinho, com a porta pequena. Sou tão pequeno que só cabem cinco pessoas. Ando 40 quilômetros, mais não ando, pois termina a gasolina. Ana Maria Scarton - 2ª série. Esc. Mun. de 1º Grau Inc. Padre Burmann

## A Importância de uma Horta

A importância de uma horta para nós, é que os legumes e as verduras têm vitaminas que sustentam o nosso corpo. A cenoura é uma verdura que contém vitaminas para nossos olhos. A alface, além de gostosa tem vitaminas que evitam doenças como a gripe por exemplo. Tendo uma horta em nossa casa, economizamos de comprar no mercado. Eu acho que todos deveriam cultivar uma horta para ter verdura para comer. Edson Alves do Santos

## A Importância de uma Horta

Na minha casa tem uma horta, nela todos trabalham juntos. As verduras precisam de água, sol e a terra. tem que ser fértil. As verduras são importantes para nós, pois contém muitas vitaminas que precisamos para ter boa saúde. Esc. Mun. Stº Augusto. Simoni da Silva - 2ª série



# Bule de Café

Tem asa mas não voa.  
Tem bico mas não bica.  
Anda sem ter pé.  
O que é?



Bule de Café!

Maneco Caneco Chapéu de Funil e o Leitão Leitor foram andando por uma estradinha de terra, ao lado da estrada de ferro. Foram andando, andando, e encontraram...

Sabe o quê?  
— Será que o Café está? — perguntou o Leitão Leitor.  
— Vamos ver! — disse o Maneco Caneco.  
Maneco Caneco chamou:  
— Café, seu Café!  
Ninguém respondeu.

1



cafezal mais bonito ainda, muito pé-de-café e muita flor branca. Maneco Caneco perguntou:  
— Cadê o Café?  
— Tá fazendo flor! — respondeu o pé-de-café.  
Maneco Caneco e o Leitão Leitor foram andando, andando e encontraram um cafezal ainda mais bonito, muito pé-de-café e muita frutinha vermelha. Maneco Caneco perguntou:

3



— Cadê o Café?  
— Tá dando frutinha vermelha! — respondeu o pé-de-café.  
— Então me dá um pouco! — pediu Maneco Caneco. O pé-de-café deu um monte de frutinhas vermelhas para o Maneco Caneco.

4

De repente apareceu um redemoinho! Era o Saci Pererê com um monte de cacarecos: colher, colherinha, xícara, copinho, caneca, coador, colher-de-pau, açúcar, água do rio... e o bule de café!

Maneco Caneco pegou: pó-de-café, água do rio, açúcar-de-cana, colher-de-pau, coador de pano, caneca-de-lata e lenha pro fogo. Maneco Caneco acendeu o fogo, ferveu a água, misturou o pó-de-café, pôs o açúcar e coou. O café ficou pronto e pulou do bule.

— O café saiu! — disse Maneco Caneco — Pretinho, quentinho, docinho e chelroso! Maneco Caneco e o Leitão Leitor tomaram o café e foram embora cantando.

7



Maneco Caneco encheu os bolsos e foi até o terreiro de café. Maneco Caneco espalhou o Café no terreiro. O Café secou. Maneco Caneco descansou o Café e torrou. Perto do terreiro de café tinha um pilão. Maneco Caneco socou o Café no pilão. O Café virou pó.

5

Maneco Caneco deu umas batidinhas no bule, e nada! Maneco Caneco levantou a tampa do bule, e foi aquela fumaceira! Sabe quem estava lá dentro? O Saci-Pererê fumando seu cachimbinho! Maneco Caneco perguntou:

— Cadê o Café?  
— O café saiu! — respondeu o Saci.  
— Foi no mato virar pé!  
— Virar o quê?  
— Pé-de-café!

Maneco Caneco e o Leitão Leitor foram no mato procurar o Café. Maneco Caneco e o Leitão Leitor foram andando, andando, e encontraram um pé-de-café miudinho. Maneco Caneco perguntou:

— Cadê o Café?  
— Tá brotando! respondeu o pé-de-café.  
Maneco Caneco e o Leitão Leitor foram andando e encontraram um cafezal bonito, muito pé-de-café, e muita folha verde. Maneco Caneco perguntou:  
— Cadê o Café?  
— Tá fazendo folha! — respondeu o pé-de-café.

Maneco Caneco e o Leitão Leitor foram andando, andando, e encontraram um

